

Valéria Becher Trentin  
Jackson Silvano  
Organizadores

# ESTÁGIO CURRICULAR



E AS VIVÊNCIAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE

**ESTÁGIO CURRICULAR  
E AS VIVÊNCIAS NO ATENDIMENTO  
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE**





### AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Aline G. Benevidez CRB-1/38480

|            |  |
|------------|--|
| P969       | Estágio curricular e as vivências no atendimento     |
| 1 ed.      | educacional especializado – AEE [livro eletrônico] / |
|            | (Orgs.) Valéria Becher Trentin, Jackson Silvano. –   |
|            | 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2025. 171p.      |
|            | E-Book.  |
|            | Bibliografia.  |
|            | ISBN: 978-65-5368-573-4                              |
|            | 1. Inclusão escolar. 2. Formação Docente.            |
|            | 3. Atendimento Educacional Especializado (AEE).      |
|            | I. Trentin, Valéria Becher.                          |
|            | II. Silvano, Jackson.                                |
| 07-2025/22 | CDD 370  |

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: Inclusão; AAE. 370



<https://doi.org/10.37008/978-65-5368-573-4.23.05.25>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



[www.editorabagai.com.br](http://www.editorabagai.com.br)



[@editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[contato@editorabagai.com.br](mailto: contato@editorabagai.com.br)

**Valéria Becher Trentin**  
**Jackson Silvano**  
Organizadores

**ESTÁGIO CURRICULAR  
E AS VIVÊNCIAS NO ATENDIMENTO  
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE**



*Editor-Chefe*

Prof. Dr. Cleber Bianchessi

*Revisão*

Os autores

*Capa & Diagramação*

Luciano Popadiuk

*Conselho Editorial*

Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI

Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC

Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA

Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC

Dra. Andressa Grazielle Brandt - IFC - UFSC

Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE

Dra. Camila Cunico - UFPB

Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD - PORTUGAL

Dr. Carlos Luís Pereira – UFES

Dr. Cláudio Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE

Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS

Dra. Clélia Peretti - PUC-PR

Dra. Dalia Peña Islas - Universidad Pedagógica Nacional - MÉXICO

Dra. Daniela Mendes V da Silva - SEEDUCRJ

Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL

Dra. Denise Rocha – UFU

Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA

Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC

Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI

Dr. Ernane Rosa Martins – IFG

Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF

Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO

Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE

Dra. Geuciara Felipe Guerim Fernandes – UENP

Dr. Hélder Rodrigues Maiunga - ISCED-HUILA - ANGOLA

Dr. Helia Rosa Camilo – UFAC

Dra. Helisamara Mota Guedes - UFVJM

Dr. Humberto Costa – UFPR

Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira - IPPortalegre - PORTUGAL

Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP

Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRR

Dr. Joao Roberto de Souza Silva - UPM

Dr. Jorge Carvalho Brandão - UFC

Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT - Chile

Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA

Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO

Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM

Dra. Karina de Araújo Dias - SME/PMF

Dra. Larissa Warnavin – UNINTER

Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFLA

Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ

Dra. Luisa Maria Serrano de Carvalho - Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE - POR

Dr. Luiz M B Rocha Menezes - IFTM

Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB

Dr. Marcel Lohmann – UEL

Dr. Márcio de Oliveira - UFAM

Dr. Marcos A. da Silveira - UFPR

Dra. María Cárdenas Bestard González - UCF-CUBA

Dra. María Lucia Costa de Moura – UNIP

Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL

Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães - POPPE-UFSC/UFPel

Dr. Nicola Andrian - Associação EnARS, ITÁLIA

Dra. Patrícia de Oliveira - IF BAIANO

Dr. Paula Roberto Barbosa - FATEC-SP

Dr. Porfirio Pinto - CIDH - PORTUGAL

Dr. Rogério Makino – UNEMAT

Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA

Dr. Reginaldo Peixoto - UEMS

Dr. Ricardo Caúica Ferreira - UNTEL - ANGOLA

Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto - UNICENTRO

Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED

Dr. Samuel Pereira Campos - UEPA

Dr. Stelio João Rodrigues - UNIVERSIDAD DE LA HABANA - CUBA

Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR

Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE

Dr. Thiago Pereira Bernades Moraes - UNIANDRADE/UK-ARGENTINA

Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA

Dra. Vanessa Freitag de Araújo – UEM

Dr. Walmir Fernandes Pereira - FLSHEP - FRANÇA

Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Dr. Yoisell López Bestard- SEDUCRS

## APRESENTAÇÃO

A presente obra reúne experiências, reflexões e práticas desenvolvidas no contexto do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Especial, com ênfase no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A coletânea é composta por relatos de vivências nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, bem como na Educação Infantil, trazendo uma rica diversidade de olhares sobre a inclusão escolar e o papel transformador do AEE. Cada capítulo evidencia os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e as estratégias pedagógicas adotadas para promover uma educação inclusiva.

O livro se inicia com o capítulo “*Nova perspectiva sobre a inclusão escolar: desafios e conquistas na prática do Atendimento Educacional Especializado – AEE anos iniciais*”, que oferece um panorama das práticas inclusivas ofertadas pelas acadêmicas da licenciatura em Educação Especial no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência.

Na sequência, “*Estágio supervisionado na Educação Especial: experiências no Atendimento Educacional Especializado – AEE anos finais*” amplia a discussão para as etapas finais do Ensino Fundamental, apresentando vivências que revelam o potencial do AEE.

O terceiro capítulo, “*A prática pedagógica no Atendimento Educacional Especializado – AEE: vivências e reflexões nos anos iniciais*”, aprofunda as estratégias adotadas pelos acadêmicos da Licenciatura da Educação Especial, destacando o planejamento individualizado e o trabalho colaborativo entre os profissionais da educação.

Em “*A inclusão escolar de estudantes com Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD): reflexões a partir de uma vivência de estágio na aula regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE)*”, o foco recai sobre as especificidades do atendimento a estudantes com esse diagnóstico, propondo intervenções sensíveis e fundamentadas.

O quinto capítulo, “*Atendimento Educacional Especializado – AEE na abordagem Pikler na Educação Infantil*”, oferece um olhar inovador sobre a aplicação dos princípios da abordagem Pikler no contexto da Educação Especial, destacando a importância do vínculo, da autonomia e do respeito ao ritmo da criança.

*“Vivências na Sala de Recursos Multifuncional – SRM: uma experiência nos anos iniciais da Educação Básica”* apresenta práticas realizadas nesse ambiente especializado, ressaltando a importância da mediação pedagógica e da escuta ativa no desenvolvimento dos alunos.

No capítulo *“Estágio supervisionado no Atendimento Educacional Especializado – AEE: estratégias inclusivas para os anos iniciais do Ensino Fundamental”*, os autores compartilham metodologias e práticas utilizadas para favorecer a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência no ensino comum e AEE.

Já *“Estágio na Sala de Recursos Multifuncionais – SRM: observação e intervenção nos anos iniciais”* detalha o processo de observação e atuação direta junto aos alunos, enfatizando a importância da avaliação pedagógica contínua e da personalização do ensino.

O nono capítulo, *“Relato de experiência: estágio supervisionado dos anos iniciais, perspectivas da atuação docente em diferentes contextos da Educação Especial”*, amplia a reflexão sobre o papel do professor, trazendo diferentes realidades e contextos escolares enfrentados pelas acadêmicas.

Em *“Práticas vivenciadas no estágio supervisionado em Atendimento Educacional Especializado – AEE anos iniciais”*, são relatadas atividades realizadas com foco na autonomia e no desenvolvimento global dos alunos, reforçando a necessidade de formação docente contínua.

Por fim, o capítulo *“Construindo caminhos inclusivos: o estágio nos anos iniciais na Educação Especial”* encerra a coletânea com uma síntese das aprendizagens construídas durante o estágio, destacando o compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora.

Esta obra é destinada a estudantes de pedagogia, professores, coordenadores pedagógicos, gestores escolares e demais profissionais da educação que atuam ou se interessam pela área da Educação Especial. Ao compartilhar experiências reais de estágio, ela busca contribuir com a formação crítica, reflexiva e comprometida com os direitos educacionais de todos os estudantes.

Os organizadores

# SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>NOVA PERSPECTIVA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR: DESAFIOS E CONQUISTAS NA PRÁTICA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE ANOS INICIAIS .....</b>   | <b>9</b>   |
| Andreza Cristina da Silva   Fabiana Magnos da Silva   Samira Lindaura Maciel Farias   |            |
| <b>ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: EXPERIÊNCIAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE ANOS FINAIS.....</b>  | <b>23</b>  |
| Bruna Seubert   Gisele Ricardo  |            |
| <b>A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NOS ANOS INICIAIS .....</b>   | <b>37</b>  |
| Gustavo Felipe Ponciano de Jesus Krüger   |            |
| <b>A INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO OPOSITIVO-DESAFIADOR (TOD): REFLEXÕES A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA DE ESTÁGIO NA AULA REGULAR E NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) .....</b> | <b>47</b>  |
| Jesse de Castro Libanio   |            |
| <b>ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE NA ABORDAGEM PIKLER NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>   | <b>61</b>  |
| Edenilson Fernando Catarina   Jéssica Zagoto Bessa  |            |
| <b>VIVÊNCIAS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL-SRM: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>   | <b>79</b>  |
| Daniele Aparecida de Almeida   Gerliane Maria Ferreira   Karoline Ribeiro dos Santos  |            |
| <b>ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE: ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>   | <b>89</b>  |
| Karolyne Cleusa Muniz Pereira   Luciana Felipe Ernesto   Samara Maciel Farias   |            |
| <b>ESTÁGIO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS- SRM OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO NOS ANOS INICIAIS.....</b>   | <b>103</b> |
| Alessandra da Rocha Vieira   Neide Machado   Sandra Regina Roza   |            |

|  |            |
|--|------------|
| <b>RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO DOS ANOS INICIAIS, PERSPECTIVAS DA ATUAÇÃO DOCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....</b> | <b>119</b> |
| Bruna Malkut Delfino Cristóvão   Nicole Malkut da Silva Dutra   Rebeca Feliciano Luz   |            |
| <b>PRÁTICAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE ANOS INICIAIS.....</b>                                    | <b>137</b> |
| Thuanny Mariah Santana Cardoso   Thaili Ariéli dos Santos Winter   |            |
| <b>CONSTRUINDO CAMINHOS INCLUSIVOS: O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....</b>   | <b>153</b> |
| Cleyde Mara Neves Cardozo   Suelen Caroline Alves Reis   Tatiane dos Santos Raio Proença   |            |
| <b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>  | <b>168</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>  | <b>169</b> |

# NOVA PERSPECTIVA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR: DESAFIOS E CONQUISTAS NA PRÁTICA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE ANOS INICIAIS

Andreza Cristina da Silva<sup>1</sup>

Fabiana Magnos da Silva<sup>2</sup>

Samira Lindaura Maciel Farias<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Iniciamos com as palavras de Mantoan (2015) uma defensora incansável da inclusão escolar, que contribui significativamente para o avanço das políticas e práticas inclusivas no Brasil. Suas ideias destacam a importância de uma educação que valorize a diversidade e promova a aprendizagem para todos, reafirmando a necessidade de transformação das escolas para acolherem e educarem todos os alunos de maneira equitativa.

Os dados do Censo Escolar (2023) destacam 1.771.430 matrículas na educação especial computadas com maior concentração no ensino fundamental, com 62,90% (1.114.230) das matrículas. Em seguida está a educação infantil, com 16% (284.847), e o ensino médio, que contabilizou 12,6% (223.258) dos estudantes. Do total de matrículas, 53,7% são de estudantes com deficiência intelectual (952.904). Em seguida, estão os estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com 35,9% (636.202) delas. Na sequência, estão pessoas com deficiência física (163.790), baixa visão (86.867), deficiência auditiva (41.491), altas habilidades ou superdotação (38.019), surdez (20.008), cegueira (7.321) e surdo cegueira (693) (Brasil, 2023).

Mediante os dados apresentados destacamos a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) é documento importante para a garantia da matrícula das pessoas com

<sup>1</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Professora efetiva na Rede Regular Municipal de Itajaí-SC

<sup>2</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Assistente Educacional na Rede Municipal de Camboriú-SC

<sup>3</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE na Rede Municipal de Itajaí-SC.

deficiência na escola comum. De acordo com essa Política, a educação especial deve integrar a proposta pedagógica da escola, eliminando barreiras para a plena participação dos estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e altas habilidades/superdotação, por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (Brasil, 2008). Portanto, é evidente a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação inclusiva, para que todos sem exceção sejam acolhidos em um ambiente o qual o aluno é valorizado e respeitado na sua integralidade.

Ao evidenciar a Educação Especial com atuação no AEE, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva determina que o atendimento seja ofertado no turno inverso ao da escolarização, tendo “[...] como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008). Nos termos legais, o AEE deverá ser garantido pelos sistemas de ensino e ofertado, prioritariamente, nas escolas comuns e em espaços definidos como sala de recursos multifuncionais- SRM.

Frente a este contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Finais do Ensino Fundamental em três Sala de Recursos Multifuncionais de três escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## METODOLOGIA

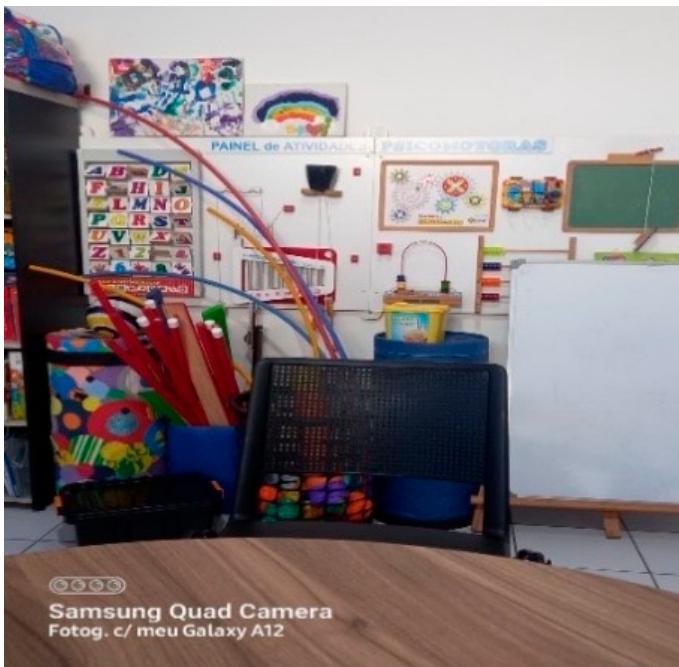
Abordaremos nossas vivências durante todo o período do Estágio Supervisionado II, no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em três salas de Recursos Multifuncionais de três escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

**Escola 1** atende nos períodos matutino e vespertino, a escola possui 13 salas acessíveis, que atende do 1º ao 9ºano do Ensino Fundamental. O corpo discente é constituído uma média de 850 alunos regularmente cadastrados no sistema Erudio. Também compõe o quadro de discentes, alunos com deficiências e síndromes.

A Observação iniciou no dia 03 de junho de 2024 na sala de Recursos Multinacional-SRM. Na observação conheci os alunos e participei das

aulas. A professora propôs trabalhar com uma aluna com Transtorno do Espectro Autista-TEA na SRM. Minha intervenção teve início no dia 10 de junho e se encerrou no dia 14 de junho de 2024.

#### FOTO 1: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS-SRM



Fonte: Acervo da autora.

**Escola 2** atende nos períodos matutino e vespertino, num total de 30 salas de aula, com 46 turmas entre Anos Iniciais e Finais, sendo 28 turmas de Anos Iniciais e 18 de Anos Finais, totalizando 1500 alunos. A observação iniciou no dia 21 de maio de 2024 na sala de Recursos Multifuncional-SRM onde observei os atendimentos de alunos público alvo da educação especial durante os atendimentos. A professora propôs trabalhar com uma aluna com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). Minha intervenção teve início no dia 7 de junho e se encerrou no dia 11 de junho de 2024.

**FOTO 2: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS-SRM**



Fonte: Acervo da autora.

**Escola 3** atende nos períodos matutino e vespertino 650 alunos do 1º ao 9ºano do ensino fundamental. A observação iniciou no dia 21 de maio de 2024 na sala de recursos multinacional-SRM. Na observação conheci os alunos e participei das aulas. A professora propôs trabalhar com uma aluna com que estava em “investigação” por ter histórico familiar em TEA e por seu nome ser levantado pelos professores em conselho, então acompanhei essa aluna na SRM. Minha intervenção teve início no dia 21 de maio e se encerrou no dia 07 de junho de 2024.

**FOTO 3: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS-SRM**



Fonte: Acervo da autora.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão escolar visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras, tenham acesso a uma educação de qualidade em um ambiente que valoriza e respeita a diversidade. A inclusão escolar busca eliminar barreiras para a aprendizagem e a participação, promovendo a igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

O Brasil tem registrado um aumento contínuo no número de matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam para um aumento no número de matrículas na educação especial de 41,6% entre 2019 e 2023. Dos 1.771.430 registros computados na modalidade, a maior concentração está no ensino fundamental, com 62,90% das matrículas (1.114.230). Em seguida estão a educação infantil, com 16% (284.847), e o ensino médio, que contabilizou 12,6% dos alunos (223.258) (Brasil, 2023).

Do total de matrículas, 53,7% são de estudantes com deficiência intelectual (952.904). Logo após, estão aqueles com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com 35,9% delas (636.202). Na sequência, estão pessoas com deficiência física (163.790), baixa visão (86.867), deficiência auditiva (41.491), altas habilidades ou superdotação (38.019), surdez (20.008), cegueira (7.321) e surdo-cegueira (693). Além disso, 88.885 discentes possuem duas ou mais deficiências combinadas. De acordo com a pesquisa estatística, ao se analisar a faixa etária de 4 a 17 anos da educação especial, constatou-se que o percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns também vem aumentando gradativamente. Passou de 94,2% (em 2022) para 95% (Brasil, 2023).

Este aumento reflete os esforços de políticas públicas voltadas para a inclusão escolar e o reconhecimento da importância de garantir a todos os estudantes o direito à educação. Esses dados refletem um esforço contínuo para aumentar a inclusão de alunos com deficiência no sistema educacional regular, demonstrando o compromisso com a educação inclusiva e a necessidade de políticas e práticas que suportem essa inclusão de forma efetiva e equitativa.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) são instrumentos fundamentais para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para alunos com deficiência no Brasil. A contínua implementação dessas diretrizes é essencial para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite e valorize a diversidade.

Em 2008, o Brasil instituiu a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que reorientou as diretrizes da educação especial no país para promover a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um componente fundamental na educação inclusiva, especialmente para estudantes com deficiência nos anos iniciais de escolarização. Sua importância se destaca em vários aspectos, que vão desde a adaptação curricular até o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas.

O AEE garante que todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou deficiências, tenham acesso a uma educação de qualidade. Nos anos iniciais, onde os fundamentos do aprendizado são estabelecidos, a inclusão é crucial. O AEE facilita a participação plena dos alunos com deficiência nas atividades escolares, promovendo um ambiente inclusivo e equitativo.

Nos anos iniciais, as crianças estão em período de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O AEE oferece suporte individualizado que ajuda a maximizar o potencial de cada aluno. Esse atendimento personalizado é essencial para atender às necessidades específicas de aprendizagem, permitindo que os estudantes desenvolvam suas habilidades de maneira integral.

A Sala de Recurso Multifuncional (SRM) é o espaço onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado e disponibiliza um conjunto de equipamentos, mobiliários, materiais pedagógicos e demais recursos de acessibilidade para a organização e oferta do AEE aos estudantes público-alvo da Educação Especial (educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Brasil, 2009).

## **VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL / ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE**

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o Atendimento Educacional Especializado-AEE, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular (Brasil, 2008)

As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado-AEE diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

Ressalta-se que o AEE não se configura apenas no atendimento aos estudantes, mas também em orientações aos pais, profissionais da unidade escolar, articulação com equipe multiprofissional, produção e adequação de materiais, entre outros. É no contexto do AEE que apresentaremos nossas vivências no Estágio Supervisionado.

**AEE NA ESCOLA 1:** A aluna é muito tranquila, porém pouco comunicativa. Possui laudo de Transtorno do Espectro Autista e TDA (Transtorno do Déficit de Atenção sem Hiperatividade). A aluna desenvolveu muito bem a vivência proposta, ficou muito entusiasmada e dedicada para concluir o que solicitado.

A aluna demonstra interesse pelas atividades propostas em sala de aula, mas possui algumas dificuldades em compreender instruções mais complexas e realizar tarefas sem supervisão constante. Ela tem um bom nível de concentração quando está engajada em atividades simples, como jogos educativos ou tarefas visuais, mas necessita de apoio para completar atividades que exigem, demonstra uma certa sensibilidade a mudanças na rotina escolar, reagindo de maneira ansiosa ou agitada diante de situações inesperadas. Quando se depara com tarefas desafiadoras, pode apresentar frustração, o que exige a intervenção do professor para redirecionamento.

Ela apresenta um vocabulário adequado para sua idade, mas sua comunicação verbal pode ser limitada, especialmente em situações que exigem expressões mais complexas ou o uso de frases mais longas.

Ela tem mostrado progresso na escrita de letras e números, embora com dificuldades em manter a concentração em tarefas mais longas.

## **CONCEITO:** Semana do Município

**ATIVIDADE AEE /CONCEITO:** Semana do Município. Atividade: Utilização de folha A4 plastificada com alguns pontos turísticos do Município de Itajaí, escrito o nome de cada um faltando a primeira letra, para o aluno completar.

## **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

A atividade desenvolvida, veio da proposta da professora da sala regular onde conversamos no momento da observação do estágio e que ela iria trabalhar a semana do aniversário do município. Na sala de AEE, conversei com a professora explicando qual atividade eu iria aplicar.

A proposta feita para o aluno de AEE, são lâminas de A4 com fotos dos pontos turísticos da cidade com a identificação de cada um deles faltando a primeira letra da palavra, onde o aluno reconhece o ponto turístico e preenche o quadro. Durante a aplicação da atividade, mostrei para a aluna em questão o que iríamos fazer, apresentando o material. Ela demonstrou grande interesse e concluiu com dedicação.

### **FOTO 4: ATIVIDADE REALIZADA NO AEE**



Fonte: Acervo da autora.

A atividade proposta foi muito bem aceita tanto pela aluna, quanto pela professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE. Por ser uma aluna em fase de alfabetização, esta atividade auxiliou no desenvolvimento da leitura e escrita.

**AEE NA ESCOLA 2:** O aluno é muito comunicativo, interage com os colegas e professores, expressa curiosidade ao ser apresentado a propostas lúdicas, realizando-as com rapidez. O aluno possui laudo de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade).

Ao observar o aluno em sala regular, visualizei a dinâmica da sala onde os alunos com deficiência no caso 3 (dois meninos e uma menina) sentavam 2 no fundo da sala, um deles é o meu aluno observado, e um na frente, no canto esquerdo ao lado da parede. Cada criança com laudo tem o seu professor(a) auxiliar, sala com 22 alunos. As professoras auxiliares (3 professoras) também auxiliam os demais alunos da sala. As crianças da sala são muito receptivas e ajudam o aluno com dificuldade a fazer as tarefas quando a professora auxiliar não está, o que acontece com frequência por falta de professores na rede municipal. Pude observar o aluno comendo o seu lápis por inteiro durante a aula, ele fica muito ansioso quando a professora auxiliar não está com ele (relata professor do AEE) o que aconteceu no dia da observação. O aluno anda pela sala durante a aula tendo pouco tempo de permanência sentado e espera que a professora auxiliar ou os colegas façam a atividade por ele, porém ele reconhece o alfabeto, os números e as formas geométricas. O aluno tem autonomia para ir ao banheiro sozinho e fazer o seu próprio lanche. Não tem seletividade alimentar e não tem sensibilidade sensorial auditiva tão pouco com texturas. Atende quando chamado pelo nome e tem boa comunicação verbal. Nas aulas ele perde o foco com facilidade, por esse motivo não acompanha os conteúdos passados no quadro ou as tarefas dos livros didáticos. Realiza pareamento, tem facilidade com jogos no computador, jogos de sequência lógica e quebra cabeça.

**CONCEITO:** Formas Geométricas

**ATIVIDADE AEE /CONCEITO:** Formas Geométricas. Atividade Jogos de sequência lógica feitos com material reciclável. Materiais usados: papelão, fita adesiva, formas geométricas impressas, caneta permanente.

## DESCRÍÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A atividade proposta para o aluno do AEE e a trilha das formas geométricas, para realizar essa trilha o aluno precisa usar ambas as mãos em sequência, com o dedo indicador da mão direita aponta-se para a forma geométrica e com a palma da mão esquerda coloca-se em cima da forma geométrica seguindo assim a sequência até o final da trilha. O aluno demonstrou interesse ao realizar o jogo, compreendeu a dinâmica e realizou com pouco suporte, seu tempo de permanência foi ótimo.

**FOTO 5: FOTOS DA ATIVIDADE REALIZADA NO AEE**



Fonte: Acervo da autora.

O aluno demonstrou interesse ao realizar o jogo (formas geométricas), compreendeu a dinâmica e realizou a atividade com pouco suporte, seu tempo de permanência foi ótimo.

Observação, compreensão, interesse, agilidade, uso de ambas as mãos, tempo de permanência.

**AEE NA ESCOLA 3:** A aluna na qual atendi no AEE ainda não tinha seu laudo fechado, estava em investigação devido histórico familiar de TEA, ela frequenta o 2ºano vespertino.

Ao observar a aluna na sala regular, percebi que ela tinha bastante dificuldade em prestar a atenção e se dispersava com facilidade, atende quando chamada logo de primeira, não precisa ficar chamando várias vezes, não tem sensibilidade com nenhum material aceita com tranqui-

lidade todos, tem boa memória auditiva, uma boa compreensão. Não tem nenhuma seletividade alimentar, porém tem bastante sensibilidade ao som. Quando solicitado atende aos comandos, está em processo de alfabetização, tem fácil associação com jogos de quebra cabeça e com pareações. Porém sua dificuldade de atenção e concentração é o que dificulta seu aprendizado.

Quando solicitado senta adequadamente, locomove-se sozinha, não tem dificuldades em segurar lápis ou outro objeto para escrita/pintura, faz suas atividades sozinhas não precisa de auxílio.

É uma aluna calma e carinhosa, porém tem dificuldades em socializar com os demais colegas de sala, não apresenta medos aparentes, aceita se algum amigo se aproxima para socializar mais não consegue se manter na socialização.

Então com toda essa observação e dentro do conceito dado na sala regular levei para o AEE jogos que estimulasse sua concentração e organização, manipulação de objetos e a desenvolver sua autonomia para manter um diálogo na socialização.

Levei pra ela o jogo “Quebra Cabeça Silábico – Animais” o jogo proporciona o aprendizado da escrita das palavras e as sílabas usadas em sua composição, além de trabalhar o reconhecimento das formas de encaixe e a organização. Durante o jogo tivemos bastante trocas, ela falou que gosta de ir pra escola, gosta muito de desenhar, que não gosta muito de matemática e que sabia o alfabeto até a letra F que depois dessa letra ela só sabia se olhasse, com esse relato dela fizemos um outro jogo chamado “Letras do A ao Z”, são as letras do alfabeto junto a uma imagem e a escrita.

Com esse brinquedo educativo, a criança conhece as letras do alfabeto de forma lúdica e divertida, associando a figura à palavra e suas iniciais. A criança se diverte, ao mesmo tempo trabalha a observação e a identificação das palavras correspondendo às imagens.

Faltando alguns minutos para o atendimento terminar fiz com ela um outro jogo que levei “Pareamento dos Animais”, este jogo desenvolve a percepção visual e trabalha a classificação dos animais.

Sempre ao final de cada jogo eu falava pra ela sobre à importância de guardar e organizar os jogos antes de iniciar outro, porque assim teríamos a mesa limpa para o jogo novo e não nos confundiria com nada. Eu fui

falando pra ela que assim teria que ser também em sala com o material dela, terminou de usar algum material, guardar tirar da carteira, que assim ela teria mais concentração.

Ao final aquela menina que tinha receio em ir para a sala do AEE, com dificuldade em socializar, saia dos atendimentos animada, ansiosa para a chegada de uma outra semana de atendimento, a professora da sala regular relatou que ela estava tendo um bom avanço em manter um diálogo com os colegas.

**CONCEITO:** Semana do Meio Ambiente – Animais – Livro Gênios em Destaque

**ATIVIDADE AEE /CONCEITO:** Semana do Meio Ambiente – Animais – Livro Gênios em Destaque. Atividade: Utilização de uma cartolina plastificada com imagens dos habitats naturais dos animais, com os animais impressos para estar colocando com velcro cada um em seu habitat; e imagens de animais cortadas na horizontal separadas por sílabas para ser montado.

## **DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

A atividade desenvolvida, veio da proposta da professora da sala regular onde conversamos no momento da observação do estágio e que ela iria trabalhar Animais, devido a Semana do Meio Ambiente e ser a semana de ter que trabalhar com o livro Gênios em Destaque. Na sala de AEE, conversei com a professora explicando qual atividade eu iria aplicar.

A proposta feita para o aluno de AEE, foi Jogo Quebra Cabeça Silábico – Animais, imprimi várias imagens de animais usei cola branca para colar no papel cartão por ser mais resistente, recortei na horizontal separando para ficar como quebra cabeça e depois passei fita durex transparente para melhor durabilidade. Para o segundo Jogo de Pareamento de Animais, peguei na internet cenários do oceano, da floresta de dia e de noite com árvores, passei fita durex para melhor durabilidade e coloquei velcro para colocar os animais nos cenários, porque assim consegue ser adequado para outra coisa. Durante a aplicação da atividade, mostrei para a aluna em questão o que iríamos fazer, apresentando o material. Ela demonstrou grande interesse e concluiu com dedicação.

## FOTO 6: FOTOS DA ATIVIDADE REALIZADA NO AEE



Fonte: Acervo da autora.

A atividade foi bem aceita pela aluna, conseguimos interagir bastante, ela realizou as atividades com muita atenção e no final a aluna que tem dificuldade em manter diálogo e ficou apreensiva em ir para a sala AEE, conseguiu interagir com a professora se mantendo em um diálogo e ao final do atendimento pergunta quando é o próximo dia que venho aqui.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir o estágio em educação especial no ensino fundamental foi uma experiência profundamente enriquecedora e transformadora. Este período foi marcado por desafios únicos e oportunidades de aprendizado que ampliaram nossa compreensão sobre a importância da inclusão e do atendimento especializado. A prática diária e a interação com alunos com diferentes tipos de necessidades especiais reforçaram a importância de um ensino inclusivo.

Foi muito gratificante essa semana de observação/intervenção, foi uma experiência maravilhosa. Podemos aprender a importância do atendimento em grupo na sala do AEE, ela permite a quebra de “panelinhas” e garanti que os alunos com aptidões diferentes trabalhem juntos. Também aprendemos a importância de trocas de informações com a professora do AEE e os professores das salas regular.

As atividades desenvolvidas permitiram aplicar teorias estudadas ao longo da formação, reforçando a importância do uso de recursos pedagógicos diversificados. Além disso, a interação com os alunos, famílias e demais profissionais da educação evidenciou a relevância do trabalho colaborativo para garantir o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes atendidos pelo AEE.

O estágio nos anos iniciais proporcionou uma experiência muito significativa para a nossa formação profissional. Estar atuando em sala regular ou em sala multifuncional requer planejamento, conhecer as crianças individualmente, mediar situações a todo instante construção e desconstrução de saberes.

A trajetória que vai do planejamento até o relatório final exige do acadêmico uma série de questões nas quais dependem de um sistema educacional para que aconteça de fato. Porém por outro lado a rede de apoio é essencial para que o ensino aprendizagem aconteça na educação inclusiva. Tendo isso em mente, pensamos na importância da formação docente qualificada, cabendo a cada um o compromisso na busca de uma educação melhor. Pessoalmente o que nos impulsionou desde o início a fazer parte da educação inclusiva foi uma inquietação ao ver os alunos serem desrespeitados pelos seus professores, pois o respeito e a empatia devem andar juntos em todos os ambientes, sobretudo no ambiente escolar onde o docente é uma referência para o educando. A importância do olhar atento, de conhecer o aluno e se preocupar com o outro faz toda a diferença no aprendizado. No entanto, ainda precisamos de mais inclusão, do acolhimento, da escuta, do diálogo, do compromisso, da visão do futuro, do amor e da resiliência, enfim; olhar para além dos muros da escola, olhar para nós mesmos e principalmente olhar para o outro.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<https://is.gd/VXBMF1>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

CHAPADENSE, Francesca Guaracyaba Garcia; JARDIM, Jecy Jane Dos Santos; FARIA, Kalyna Ynhaníá Silva De; CAMPOS, Laís Rodrigues; DIAS, Maria José Pereira De Oliveira. **Formação Docente: e Inclusão Escolar.** São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2022, p 197. Disponível em: <<https://is.gd/NOIFUO>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

DA SILVA, Aline Maira; MARTINS, Morgana De Fátima Agostini. **Educação Especial: Cenários, Perspectivas e Práticas.** São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2022, p. 268. Disponível em: <https://is.gd/608q2d>. Acesso em: 06 fev. 2025.

GODOY, Fabio. **Inclusão escolar: o que é e como implantar na sua escola:** O que é inclusão escolar. Ead Plataforma, 2022. Disponível em: <https://is.gd/h73hT1>. Acesso em: 06 fev. 2025.

MENEZES, Pedro. **O que é Inclusão Escolar:** conceito e desafios. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://is.gd/TXsykr>. Acesso em: 06 fev. 2025.

# ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: EXPERIÊNCIAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE ANOS FINAIS

Bruna Seubert<sup>1</sup>  
Gisele Ricardo<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar se refere ao processo de garantir que todos os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, tenham acesso a uma educação de qualidade dentro do ambiente escolar regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino. E essa inclusão deve ocorrer principalmente em estratégias pedagógicas focadas não só em ajudar professores e o corpo docente, mas tornar todo o ambiente mais diversos. Isso envolve a adaptação dos currículos e métodos de ensino, a criação de materiais didáticos acessíveis e o uso de tecnologias assistivas, além de promover a capacitação contínua dos educadores para que possam atender às necessidades específicas de cada aluno.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, lei 9394/96 (Brasil, 1996), assegura em seus textos base, que “todos possuem acesso à educação”. Ratificando o que está na Constituição Federal, no capítulo V, que trata da Educação Especial nos diz:

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. 2º. O atendimento educacional será

<sup>1</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI.

<sup>2</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI.

feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. 3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil (Brasil, 1996).

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2006, estabelece que todos que possuem alguma característica, seja sensorial, intelectual, física ou mental, têm os mesmos direitos fundamentais que todas as outras e devem ser incluídas em todos os aspectos da sociedade, incluindo na educação (ONU, 2006). Com isso criou-se a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva, de 2008 que garante a esses alunos com deficiência tenham acesso à educação e recebam suporte necessário, principalmente com o apoio do Atendimento Educacional Especializado - AEE, que oferece o apoio personalizado para atender esses alunos (Brasil, 2008).

De acordo com Marchesi (2004, p. 44) existem algumas dificuldades no avanço das escolas inclusivas, pois os professores na sua maioria não possuem experiência na prática pedagógica inclusiva, sendo importante salientar o quanto se faz necessária a formação docente para a inclusão na sua prática. Para que haja uma prática educacional efetiva é necessário o envolvimento da escola na sua totalidade: gestores, professores, pais e alunos, assim como toda a comunidade educativa são incluídos nas ações pedagógicas. Cada criança é única e tem o seu próprio tempo para desenvolver a interação social, a comunicação e a aprendizagem, ou seja, podem não alcançar os níveis de aprendizagem da maioria e ao mesmo tempo.

O Atendimento Educacional Especializado - AEE é fundamental no processo educacional de alunos com deficiência. Através do professor, as dificuldades de aprendizagem são identificadas e os recursos pedagógicos são adaptados. A sala de AEE facilita a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos. Professores bem- preparados lidam com adversidades de maneira eficiente e propõem atividades interativas sem barreiras (Ropoli et al., 2010).

Assim, consideramos o estágio no Atendimento Educacional Especializado - AEE fundamental para a construção da identidade profissional, permitindo ao acadêmico aplicar na prática os conhecimentos teóricos

adquiridos na licenciatura. Ele ajuda a compreender a dinâmica e os desafios da área, desenvolvendo habilidades importantes para a carreira. É uma vivência prática onde o estagiário acompanha o dia a dia do professor na sala de AEE, o que proporciona ao estagiário a oportunidade de aprender e se preparar para a vida profissional.

Frente a este contexto, a presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado - AEE nos Anos Finais do Ensino Fundamental em uma escola localizada no estado Santa Catarina-SC.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo aborda nossas vivências durante o período do Estágio Obrigatório na Educação nos Anos Finais, oferecido pela Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI. Nossos estágios foram realizados na mesma escola localizada na cidade de Itajaí – SC. As atividades ocorreram na sala de Atendimento Educacional Especializado, para as alunos dos 7º anos do ensino fundamental.

A escola no momento do estágio oferecia para a Comunidade Escolar, atendimento aos alunos dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental com faixa etária dos 06 aos 14 anos. Operando em regime parcial (matutino/vespertino), com horário de funcionamento nos turnos da manhã das 07:30hrs até as 11:30hrs, e da tarde, das 13:30hrs a 17:30hrs, com cada aula tendo duração de 56 minutos. Oferece no contraturno escolar, aulas no Espaço de Vivência (EVA), para alunos que apresentam em algum momento dificuldades de aprendizagem no Ensino Regular e atendimentos na Sala de Recursos Multifuncionais-SRM para alunos com deficiência. Atualmente a estrutura possui três andares e conta com rampas de acessos. Para garantir a segurança de todos, todas as áreas, incluindo janelas e corredores, estão equipadas com redes de segurança.

Figura 1 – Sala de Atendimento Educacional Especializado



Fonte: Dados Coletados pela Autora

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

O estágio, deu-se início em dois períodos de observação na sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE e dois em Sala de Aula Regular e esse período foi usado, primeiramente para conhecer os alunos que estavam em atendimento na sala de AEE e para conhecer a instituição e o corpo docente, ou seja, se familiarizar com o ambiente. E também realizado um período para intervenção, sendo para a sala do AEE. Após essa etapa de observação, foi elaborado um material educacional personalizado para atender uma aluna do 7º ano, com 12 anos, tendo laudo

de Transtorno do Espectro Autista – nível de suporte I e TDAH, que frequenta a sala de Atendimento Educacional Especializado 1 vez por semana com duração de 120 minutos por atendimento.

Para a intervenção realizada pela acadêmica Bruna Seubert da Silva, foi feito um recurso “Caça ao Tesouro Poético” do poema “O Navio”, de Carlos Drummond de Andrade, a atividade foi realizada de acordo com o que a professora de português da Sala de Aula Comum propos para trabalhar. O jogo “Caça ao Tesouro Poético” é introduzido como um recurso lúdico e educativo com o objetivo de tornar o processo de aprendizado mais dinâmico e envolvente. A proposta visa estimular a interpretação literária de forma criativa e interativa, incentivando a leitura e a reflexão do poema. O poema foi dividido em trechos, cada um acompanhado de uma pista, que a aluna deve seguir para encontrar o próximo trecho do poema, oculto em diferentes pontos da escola. À medida que encontra cada pista, a aluna deve lê-la atentamente. Além disso, ela precisa refletir sobre o significado de cada pista e fazer conexões com o ambiente ao redor, o que ajudará a desvendar a próxima etapa do caça ao tesouro. Esse processo permite que a aluna integre a interpretação literária com a exploração física do espaço escolar, criando uma experiência de aprendizado envolvente e interativa.

Os objetivos desse trabalho foi estimular a interpretação literária em busca de desenvolver a capacidade da aluna de compreender e interpretar o poema, identificando seus significados. Engajar a aluna de forma ativa, onde se transforma a leitura do poema em uma experiência dinâmica e divertida, o jogo torna o aprendizado mais envolvente, atraindo atenção de maneira lúdica, também foi pensado em desenvolver a reflexão onde o poema traz oportunidade de compartilhar suas interpretações e discutir diferentes pontos de vista, o que amplia a compreensão do texto e da capacidade de argumentação.

Ao aplicar a atividade do “Caça ao Tesouro Poético” na sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE, a aluna demonstrou grande empolgação e atenção às explicações sobre a dinâmica do jogo. O progresso do caça ao tesouro poético devem abranger as áreas cognitiva, motora e social, refletindo o desenvolvimento integral da aluna. Durante a realização, apresentou algumas dúvidas em relação ao significado de palavras como “grilhões”, “âncora” e “potável”, mostrando não recordar

esses termos. Apesar disso, participou ativamente e, ao final, expressou que adorou a atividade, mencionando que nunca havia jogado algo semelhante.

Ao final da atividade foi possível observar que o “Caça ao Tesouro Poético” cumpriu seus objetivos de maneira eficaz, proporcionando à aluna uma experiência enriquecedora tanto do ponto de vista literário quanto social. A atividade teve uma excelente oportunidade de desenvolver a reflexão crítica e a interação com o poema de forma envolvente.

Figura 2 – Capa do Jogo e Poema trabalhado



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 3 – Pistas do jogo



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 4 – Pistas do jogo e Versos do Poema



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 5 – Aluna procurando as pistas com os trechos do poema



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Pela acadêmica Gisele Ricardo o estágio, deu-se início com dois períodos de observação na sala de Atendimento Educacional Especializado-AEE e dois em Sala de Aula Regular e esse período foi usado, primeiramente para conhecer os alunos que estavam em atendimento na sala de AEE e para conhecer a instituição e o corpo docente. E também realizado um período para intervenção, sendo para a sala do AEE. Após essa etapa de observação, foi elaborado um material educacional personalizado para atender uma aluna do 7º ano, com 13 anos, tendo laudo de Deficiência Intelectual e TDAH, que frequenta a sala de Atendimento Educacional Especializado 1 vez por semana com duração de 120 minutos por atendimento.

O material realizado consiste em um jogo de tabuleiro no tamanho de 1,80m de altura por 2,25m de largura desenvolvido no aplicativo Canva e finalizado manualmente, com o objetivo de executar as atividades propostas pela professora de português da sala de aula comum, que estava trabalhando a semana da conscientização negra e os livros escritos pelo autor Machado de Assis como “A Missa do Galo”, “O Espelho” e “Dom Casmurro”. A atividade proposta é organizada em três etapas principais: a formação de grupos, a escolha de um representante de cada grupo para participar do jogo e o reconhecimento do tabuleiro, das regras e dos demais itens que compõem a dinâmica.

Na primeira etapa, o tabuleiro é montado no chão da sala, e é apresentado aos alunos. Ele é composto por imagens e números, além de itens como um dado e cartas que contêm perguntas com opções de respostas e suas respectivas consequências. Os alunos tiveram a oportunidade de explorar os materiais e compreender a lógica do jogo antes de iniciar a atividade.

Na segunda etapa, os grupos selecionam um participante para representar a equipe. Esses representantes posicionam-se no tabuleiro, que funciona como o espaço de interação do jogo. Nesse momento, os alunos assumem o papel de peças do próprio tabuleiro, o que torna a dinâmica mais interativa e engajante.

Por fim, na terceira etapa, o jogo é iniciado. Cada aluno lança o dado, deslocando-se no tabuleiro conforme o número obtido. Ao parar na casa correspondente, o participante escolhe uma carta numerada entre 1 e 61, e lê o conteúdo da carta em voz alta e decide se responderá à pergunta de forma individual ou com a ajuda do grupo. Cada carta apresenta uma consequência relacionada à resposta, promovendo a reflexão e incentivando a tomada de decisão.

Este jogo foi concebido para estimular habilidades como leitura, raciocínio lógico, concentração e atenção, além de promover o interesse pela literatura de Machado de Assis. As perguntas do jogo foram criteriosamente selecionadas a partir de fontes confiáveis na internet, garantindo relevância e alinhamento ao tema proposto.

Um dos principais objetivos do jogo foi incentivar a colaboração e a integração entre os alunos. Com a organização em grupos e a escolha de representantes para atuar como peças no tabuleiro, foi possível promover

o trabalho em equipe e a troca de conhecimentos. Essa dinâmica facilitou a participação ativa de todos, proporcionando um ambiente interativo e inclusivo. Além disso, o jogo foi pensado para desenvolver a tomada de decisão e o pensamento estratégico, desafiando os alunos a tomarem decisões rápidas ao escolherem respostas para as perguntas, o que impactava diretamente no avanço do jogo. Esse aspecto visou aprimorar o raciocínio lógico e a habilidade de tomar decisões com base em informações limitadas, estimulando o pensamento crítico e a análise.

A competitividade saudável, promovida pelas consequências de acertos e erros, serviu como uma motivação adicional para que os alunos se engajassem de maneira intensa na atividade. Ao mesmo tempo, a interação com os colegas fortaleceu o espírito de equipe, incentivando a capacidade de lidar com vitórias e derrotas de forma respeitosa.

Apesar de algumas dificuldades iniciais com a agitação da turma e a irritabilidade de alguns alunos, a atividade contribuiu de maneira significativa para o aprimoramento das habilidades de leitura e interpretação. O jogo não só envolveu os alunos com questões relacionadas à obra de Machado de Assis, mas também despertou a curiosidade sobre a literatura brasileira, tornando o estudo de autores clássicos mais atraente e acessível. A proposta foi eficaz em aproximar os alunos das obras literárias de uma maneira prática e interativa.

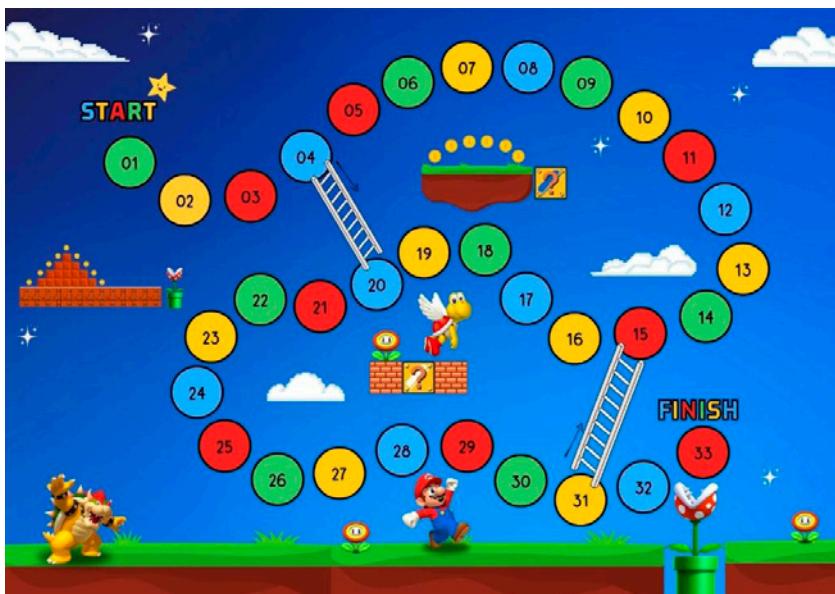
Durante a execução da atividade, foi possível observar que a agitação da turma dificultava a leitura e interpretação das perguntas, especialmente para alguns alunos, como a aluna em questão, que apresentou momentos de irritabilidade devido ao barulho, o que afetava sua concentração. No entanto, ela demonstrou entusiasmo e engajamento ao assumir o papel de peça do jogo em nome de seu grupo. Ao longo da atividade, a aluna mostrou iniciativa ao solicitar ajuda do grupo sempre que enfrentava dificuldades na leitura ou tinha dúvidas sobre as respostas. Apesar de sua competitividade, ela fez um grande esforço para responder às questões de forma autônoma.

O jogo, estruturado com três opções de respostas para cada pergunta e consequências específicas para acertos ou erros, desafiava os participantes a tomarem decisões estratégicas e rápidas. Mesmo enfrentando os desafios, a aluna apresentou bom desempenho, compreendeu a dinâmica do jogo

e manteve-se concentrada durante a maior parte do tempo. A atividade também contribuiu para o desenvolvimento de sua atenção, raciocínio lógico e habilidades de leitura.

De forma geral, a atividade atingiu seu objetivo principal de estimular o interesse pela leitura, além de promover a inclusão e a participação de todos os alunos. A turma como um todo respondeu bem à proposta, e o jogo se mostrou uma ferramenta eficaz para fomentar o aprendizado de maneira lúdica e colaborativa.

Figura 6 – Tabuleiro



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 7 – Capa do jogo



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 8 – Cartão resposta e Cartão Pergunta

**CARTA 1**

A obra “DOM CASMURRO” fala principalmente sobre:

- A) Um mistério em uma cidade pequena.
- B) Um possível caso de traição.
- C) Uma história de terror.

ACERTOU SEM AJUDA: ande 2 casa  
ACERTOU COM AJUDA: permaneça na casa  
ERROU: jogue o dado e volte o número de casas

**CARTA 2**

O personagem “QUINCAS BORBA” criou uma filosofia chamada:

- A) Existencialismo.
- B) Humanitismo.
- C) Naturalismo.

ACERTOU SEM AJUDA: ande 2 casa  
ACERTOU COM AJUDA: permaneça na casa  
ERROU: jogue o dado e volte o número de casas



Fonte: Dados Coletados pela Autora

Figura 9 – Alunos jogando



Fonte: Dados Coletados pela Autora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a efetivação de uma educação inclusiva requer a adaptação de práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos, atendendo às múltiplas necessidades dos estudantes. Nesse contexto, torna-se imprescindível compreender as especificidades das deficiências e a realidade escolar, com vistas a desenvolver estratégias pedagógicas que respeitem as particularidades de cada grupo. A formação de profissionais da educação, especialmente aqueles que atuarão com o público-alvo da Educação Especial, assume, assim, uma importância central. Essa formação precisa ir além da mera transmissão de conteúdos, englobando uma prática pedagógica inclusiva e reconhecendo os estudantes como sujeitos ativos no processo de transformação social.

Para atingir esses objetivos, é fundamental que a formação docente esteja embasada em princípios inclusivos, contemplando tanto os aspectos teóricos quanto os práticos relacionados às necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, destaca-se a importância da inclusão de disciplinas específicas sobre Educação Especial nos cursos de formação de professores, aliada à realização de estágios e práticas supervisionadas em ambientes que fomentem a convivência e o aprendizado inclusivo.

O estágio realizado na sala de Atendimento Educacional, proporcionou diversas aprendizagens significativas. As experiências se tornam importantes no momento em que houve a aplicação das atividades, foi procurado por iniciar a intervenção mais descontraído, para permitir que todos os envolvidos ficassem mais tranquilos.

Consideramos que foi um período positivo a todos os níveis. Começando pelo primeiro contato, essa experiência foi de extrema importância para desenvolver as habilidade de adaptação e respostas rápidas às necessidades dos alunos. Além disso, a interação com os alunos e a prática de estratégias pedagógicas inclusivas reforçaram a importância de um ambiente educacional acolhedor e diverso, onde cada aluno é valorizado e incentivado a alcançar seu potencial máximo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<https://is.gd/VXBMF1>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

CHAPADENSE, Francesca Guaracyaba Garcia; JARDIM, Jecy Jane Dos Santos; FARIA, Kalyna Ynanhíá Silva De; CAMPOS, Laís Rodrigues; DIAS, Maria José Pereira De Oliveira. **Formação Docente: e Inclusão Escolar.** São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2022, p 197. Disponível em: <<https://is.gd/NOIFUO>>. Acesso em: 06 fev. 2025.

GODOY, Fabio. **Inclusão escolar: o que é e como implantar na sua escola:** O que é inclusão escolar. Ead Plataforma, 2022. Disponível em: <https://is.gd/h73hT1>. Acesso em: 06 fev. 2025.

MENEZES, Pedro. **O que é Inclusão Escolar: conceito e desafios.** Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/inclusao-escolar-conceito- desafios/>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SILVA, Aline Maira da; MARTINS, Morgana De Fátima Agostini. **Educação Especial: Cenários, Perspectivas e Práticas.** São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2022, p. 268. Disponível em: <https://is.gd/608q2d>. Acesso em: 06 fev. 2025.

# A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES NOS ANOS INICIAIS

Gustavo Felipe Ponciano de Jesus Krüger<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem sido um dos temas mais debatidos no âmbito educacional, pois busca garantir que todos os alunos tenham acesso a um ensino de qualidade, independentemente de suas necessidades específicas. Esse modelo educacional fundamenta-se na premissa de que a diversidade deve ser respeitada e valorizada, promovendo um ambiente escolar onde todas as crianças e adolescentes possam aprender e se desenvolver de maneira equitativa (Brasil, 1996, p. 45).

No Brasil, a inclusão escolar é assegurada por diversas normativas, como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008, p. 34). Essas leis estabelecem que o sistema educacional deve estar preparado para acolher estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, oferecendo-lhes suporte necessário para a plena participação na sociedade.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois busca oferecer suporte pedagógico complementar aos alunos com deficiência, garantindo que suas especificidades sejam atendidas e que possam aprender de forma significativa. Para tanto, o AEE deve ser oferecido em salas de recursos multifuncionais ou outros espaços adequados, contando com materiais adaptados, tecnologia assistiva e profissionais capacitados para atender às demandas desses estudantes (Carvalho, 2021, p. 34).

A colaboração entre o AEE, a gestão escolar e a sala comum é essencial para a inclusão efetiva dos alunos com deficiência. A gestão escolar deve

<sup>1</sup>Licenciando em Educação Especial - UNIVALI. Realizando Especialização em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia e Educação Especial - FAVENI. E-mail: ponciano.0009@gmail.com

garantir o suporte adequado, promovendo a articulação entre os profissionais. O trabalho conjunto entre o AEE e a sala comum facilita a adaptação das atividades pedagógicas, favorecendo a participação ativa do aluno. Essa parceria fortalece a construção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

Diante desse cenário, o presente estudo baseia-se na experiência adquirida durante o estágio no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais. A Sala de Recursos

Multifuncionais onde foi realizado o estágio localiza-se no município de Penha (SC), onde foram desenvolvidas atividades pedagógicas para um aluno com laudo de deficiência visual. A pesquisa busca compreender os desafios e as possibilidades da prática pedagógica no AEE, analisando as estratégias utilizadas para promover a inclusão efetiva e o impacto dessas ações no desenvolvimento do estudante.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste estudo foi qualitativa, com ênfase na pesquisa participante, que possibilitou uma interação direta com o ambiente e os sujeitos pesquisados (Brasil, 2021, p. 102). Durante o estágio, foram realizadas observações e intervenções pedagógicas, fundamentadas no Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) do estudante acompanhado.

A presente instituição de ensino, localizada no município de Penha, Santa Catarina, caracteriza-se pelo compromisso com a inclusão e a acessibilidade, garantindo a participação de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência. Para isso, são disponibilizados recursos de acessibilidade, como rampas de acesso, banheiros adaptados, pisos táteis e sinalização inclusiva, assegurando um ambiente adequado às necessidades dos estudantes.

No âmbito tecnológico, a escola conta com um total de 39 computadores, projetores multimídia e acesso à internet, proporcionando suporte ao desenvolvimento de competências digitais e ampliando as possibilidades pedagógicas. A incorporação dessas ferramentas visa potencializar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e interativo.

Além dos investimentos em infraestrutura, destaca-se a participação ativa da comunidade escolar no fortalecimento da qualidade educacional. Um exemplo relevante é a revitalização da biblioteca, desenvolvida por meio de

parceria entre a administração pública e o setor empresarial local. As melhorias incluem novos mobiliários, aprimoramento da iluminação e readequação do espaço, tornando-o mais atrativo e funcional para os estudantes.

Essas iniciativas evidenciam o compromisso da instituição com a inovação e o desenvolvimento integral dos alunos, garantindo um ambiente escolar acessível, moderno e propício ao aprendizado.

A intervenção pedagógica incluiu a aplicação de atividades que envolviam jogos sensoriais, uso de materiais recicláveis e a introdução de recursos didáticos táteis. As atividades foram projetadas para estimular a autonomia e o desenvolvimento cognitivo do aluno, promovendo a leitura e escrita em Braille, bem como a orientação e mobilidade dentro do espaço escolar. A organização da sala de AEE foi cuidadosamente planejada para otimizar o aprendizado, levando em consideração as limitações e potencialidades do estudante.

Os recursos materiais e equipamentos utilizados foram: alfabeto Braille ampliado, tabela com objetos de identificação tátil, materiais recicláveis como caixas de ovos e EVA para a confecção de jogos, dominó tátil geométrico e atividades de memória olfativa com ervas aromáticas. A Figura 1 a seguir ilustra os materiais adaptados utilizados no Atendimento Educacional Especializado, como o alfabeto Braille ampliado e objetos táteis.

Figura 1 – Elaboração de materiais lúdicos ecológicos ampliados.



Fonte: Autoria própria, (2025).

O uso desses materiais proporcionou maior engajamento do aluno, favorecendo o aprendizado de forma lúdica e interativa (Carvalho, 2021, p. 34).

Além das observações realizadas, foram conduzidas entrevistas informais com professores e coordenadores escolares para compreender as práticas adotadas no atendimento aos estudantes com deficiência. Essa abordagem possibilitou uma análise mais ampla da realidade escolar e dos desafios enfrentados na inclusão dos alunos na rede regular de ensino.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação inclusiva é fundamentada na premissa de que todos os alunos, independentemente de suas deficiências ou limitações, devem ter acesso ao currículo comum, com a devida adaptação para suas necessidades específicas. Segundo Carvalho (2021, p. 94):

A utilização de materiais adaptados, como o Braille ampliado, o uso de objetos táteis e o desenvolvimento de recursos sensoriais, é fundamental para garantir a efetiva inclusão do aluno com deficiência visual. Esses materiais possibilitam não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras essenciais para a autonomia do estudante. A integração desses recursos nas atividades diárias da escola cria um ambiente mais acessível e promotor da igualdade de oportunidades, onde o aluno com deficiência pode se desenvolver de maneira plena, com as mesmas condições oferecidas aos demais estudantes. O desafio, no entanto, reside em garantir que todos os professores estejam preparados para utilizar esses materiais de forma eficaz, o que exige constante atualização e reflexão sobre práticas pedagógicas inclusivas (Carvalho, 2021, p. 94)

A inclusão escolar deve ser compreendida como um processo que vai além da adaptação de materiais; ela envolve a mudança de atitudes e práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento pleno de cada aluno. A experiência vivida durante o estágio demonstra que a adaptação do currículo, por meio de metodologias diferenciadas e recursos didáticos acessíveis, como o uso de materiais recicláveis e jogos sensoriais, é imprescindível para o sucesso da educação inclusiva. Nesta direção Carvalho (2021, p. 78) reforça que:

O uso de materiais recicláveis como ferramenta pedagógica para alunos cegos não apenas propicia a possibilidade de aprendizado de forma lúdica e acessível, mas também fomenta o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. O uso de materiais como o Braille ampliado, a caixa de ovos para formar peças tátteis e outros objetos recicláveis, além de serem sustentáveis, oferecem aos alunos uma experiência sensorial integral, que fortalece a construção do conhecimento e a capacidade de interagir com o ambiente de forma independente (Carvalho, 2021, p. 78)

Essas metodologias adaptadas têm se mostrado eficazes no auxílio ao desenvolvimento dos estudantes com deficiência visual, proporcionando maior autonomia e um ambiente mais inclusivo. A utilização de recursos como o Braille, além de garantir o aprendizado acadêmico, promove o desenvolvimento sensorial, essencial para a interação do aluno com o ambiente escolar e social.

## DESENVOLVIMENTO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem como objetivo oferecer suporte aos alunos com deficiência, possibilitando sua participação efetiva no ensino regular (Brasil, 2008, p. 56). Durante o estágio, foi identificado que a sala de recursos multifuncionais-SRM da escola apresentava desafios estruturais e de materiais. No entanto, com “criatividade e planejamento, foi possível desenvolver atividades que estimulassem a autonomia do aluno”, utilizando jogos sensoriais e alfabetização tátil em Braille (Carvalho, 2021, p. 34).

A experiência com a intervenção pedagógica demonstrou a relevância da inclusão de materiais acessíveis e de práticas pedagógicas inovadoras. O desenvolvimento das atividades possibilitou que o estudante ampliasse sua dependência na realização de tarefas escolares e desenvolvesse melhor percepção do espaço ao seu redor. A interação com os demais alunos também foi incentivada, promovendo um ambiente mais inclusivo e colaborativo na escola (Souza; Pereira, 2022, p. 357).

Para aprofundar a compreensão dos impactos das estratégias aplicadas, foram analisados registros do desempenho do aluno durante as atividades. A progressão foi medida a partir de observações sistemáticas e anotações diárias, permitindo a identificação de avanços e desafios enfrentados.

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

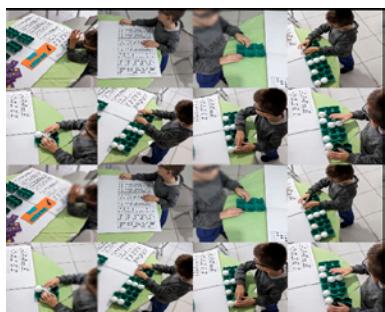
Durante o estágio realizado no Atendimento Educacional Especializado (AEE), foi possível vivenciar de perto a importância da capacitação docente e da utilização de recursos adaptados para a inclusão de alunos com deficiência. O acompanhamento de um aluno com deficiência visual revelou avanços significativos em diversas áreas, como na leitura em Braille e na identificação de objetos por meio do tato e olfato. Esses progressos não apenas demonstraram a eficácia das metodologias adotadas, mas também evidenciaram a necessidade de uma abordagem pedagógica mais integrada, que envolvesse tanto a sala comum quanto a sala de AEE, além de uma maior sensibilização da comunidade escolar para a inclusão efetiva (Pereira, 2019, p. 78).

O estágio proporcionou momentos de reflexão e colaboração entre professores e profissionais da escola. As discussões sobre as práticas pedagógicas inclusivas foram fundamentais para o aprimoramento das abordagens e para a criação de um ambiente educacional mais acolhedor. Durante essas trocas, foi possível perceber as dificuldades enfrentadas pelos educadores no dia a dia e as possíveis soluções que poderiam ser implementadas para superar essas barreiras. Essa interação interprofissional foi essencial para o sucesso das atividades realizadas com o aluno, mostrando a importância da colaboração entre as diferentes áreas de conhecimento e o comprometimento coletivo com a inclusão.

Antes da chegada do aluno à sala de AEE, todos os materiais necessários para as atividades foram preparados e organizados com antecedência. Quando o aluno chegou, iniciamos uma breve conversa para apresentar os recursos que seriam utilizados. Expliquei que os materiais haviam sido confeccionados com materiais recicláveis e pedi que ele tentasse identificá-los, o que não foi possível naquele momento. Essa dificuldade inicial foi uma oportunidade para explicar mais detalhadamente sobre os materiais e como eles seriam usados nas atividades propostas. Estabeleci também algumas orientações de comportamento, como manter o tom de voz baixo, não bater na mesa e cuidar dos materiais mais delicados. Solicitei que ele permanecesse em pé durante as primeiras atividades para facilitar sua mobilidade e interação com os objetos.

A primeira atividade foi voltada para a orientação e mobilidade, onde o aluno precisou identificar objetos dispostos sobre as mesas, localizando-os à sua esquerda e à sua direita. Ao permanecer em pé, ele teve a liberdade necessária para se mover e interagir com os objetos de forma mais autônoma. Em seguida, iniciamos a identificação do alfabeto em Braille ampliado, com o objetivo de familiarizá-lo com as letras. A seguir, apresento três imagens do aluno interagindo com os materiais pedagógicos recicláveis durante uma das atividades propostas no estágio.

Figura 2 – Atividade intervenção sala AEE. Figura 3 – Atividade intervenção sala AEE.

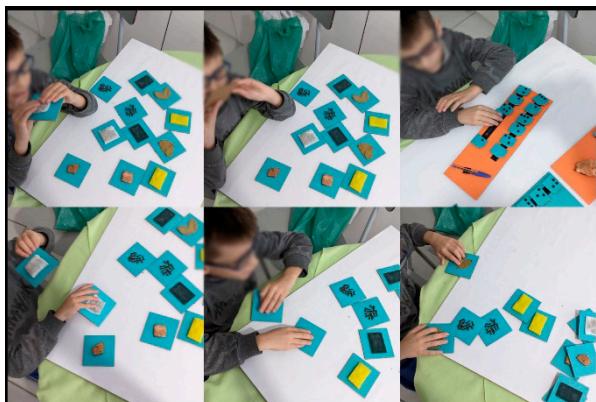


Fonte: Autoria própria, (2025).



Fonte: Autoria própria, (2025).

Figura – 4 Atividade intervenção sala AEE.



Fonte: Autoria própria, (2025).

Esse momento foi importante, pois, além de aprender o alfabeto, o aluno começou a perceber a relação entre os símbolos e seus significados. Logo depois, avançamos para a identificação de símbolos e números de 1 a 10, com o intuito de expandir sua compreensão sobre a escrita em Braille.

Um passo seguinte foi a formação de palavras dissílabas e trissílabas. Antes de iniciar a atividade, perguntei ao aluno se ele sabia o que eram sílabas e trissílabas, e ele respondeu com segurança. A atividade de formação de palavras com o alfabeto Braille ampliado, seguida da formação de frases curtas, permitiu ao aluno desenvolver habilidades de leitura e escrita mais complexas. Em seguida, introduzi uma nova atividade em que o aluno utilizava uma tabela com palavras em Braille com velcro sobre a mesa. Ao lado, estavam objetos para identificação. O aluno deveria verificar se as palavras estavam escritas corretamente e, caso não estivessem, corrigir as palavras, retirando as letras incorretas e reposicionando-as corretamente. Essa atividade de correção proporcionou uma prática importante para o aluno, que foi capaz de perceber suas próprias falhas e realizar os ajustes necessários de forma independente. No total, foram realizadas sete correções de palavras.

Ao final, realizamos um jogo de memória tátil e aromatizado, no qual o aluno tinha que identificar objetos iguais pelo toque e pelo cheiro, além de nomeá-los. Esse momento de lazer também serviu para estimular a percepção sensorial do aluno e desenvolver suas habilidades cognitivas. Por fim, começamos um jogo de dominó geométrico, porém não conseguimos finalizá-lo dentro do tempo estipulado, que era de 45 minutos. Embora o tempo tenha sido um fator limitante, as atividades realizadas proporcionaram uma experiência rica e significativa para o aluno.

Durante o atendimento, foi possível perceber a relevância de utilizar materiais adaptados para atender às necessidades específicas do aluno. Os recursos empregados incluíram o alfabeto em Braille ampliado, tabelas com objetos tátteis (balão, lápis, concha e folha) e tabelas com palavras embaralhadas para facilitar a correção da escrita por meio da identificação tátil dos objetos. Além disso, foram utilizados dominós tátteis geométricos e célula Braille, que auxiliaram no desenvolvimento da leitura e escrita ampliada.

Os materiais utilizados para a confecção dos recursos foram simples, porém eficazes. Utilizei caixas de ovos, feijão preto, lápis, caneta,

cartolina, papelão, régua, tesoura, canetinhas, furador de papel, EVA e cola adesiva instantânea. A escolha desses materiais foi estratégica, pois além de atenderem às necessidades do aluno, também são ecológicos, contribuindo para uma prática pedagógica sustentável. Essa abordagem não apenas fomenta a inclusão, mas também promove a conscientização ambiental dentro do contexto escolar.

As atividades realizadas no estágio reforçam a importância de uma abordagem pedagógica inclusiva, que leva em consideração as especificidades de cada aluno. O uso de materiais adaptados, como o Braille ampliado e os recursos táteis, foi fundamental para o progresso do aluno em sua aprendizagem. No entanto, é imprescindível que a integração entre a sala comum e a sala de AEE seja mais estreita, para que o aluno possa se sentir parte integrante do ambiente escolar. A sensibilização da comunidade escolar também se mostra essencial para uma inclusão verdadeira e eficaz, sendo necessário um esforço conjunto para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação justa e de qualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio proporcionou uma compreensão aprofundada sobre a importância do Atendimento Educacional Especializado nos Anos Iniciais na promoção da inclusão escolar. A experiência reforçou a necessidade de investimentos na formação docente, na infraestrutura escolar e na elaboração de materiais acessíveis. O estudo conclui que a educação inclusiva é um processo em constante construção e que a colaboração entre escola, família e comunidade é essencial para seu sucesso.

A pesquisa evidenciou que a implementação de estratégias pedagógicas diferenciadas, associadas ao uso de materiais adaptados, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento dos alunos com deficiência. No entanto, ainda há desafios a serem superados, como a falta de capacitação contínua para professores e a necessidade de maior suporte governamental para a ampliação dos recursos disponíveis.

Durante meu estágio, aprendi que a inclusão escolar não é apenas uma questão de teoria ou de cumprimento de legislação, mas, sobretudo, uma prática constante que exige sensibilidade, adaptação e um compromisso diário com a diversidade. O Atendimento Educacional Especializado

(AEE) se revelou essencial para a promoção da autonomia dos alunos, oferecendo a eles ferramentas para superar desafios e se desenvolver em um ambiente mais justo e equitativo. Apesar dos obstáculos encontrados, pude testemunhar avanços significativos, que reforçaram minha convicção no poder transformador da educação inclusiva. Cada estratégia adaptada, cada atividade pensada com cuidado, e cada momento de interação com os alunos foram fundamentais para que eu compreendesse a profundidade e a importância da minha função como docente na Educação Especial. Encerrando essa experiência, sinto uma imensa gratidão e uma renovada motivação para seguir buscando práticas cada vez mais inclusivas, com o objetivo de proporcionar a meus futuros alunos uma educação mais justa e transformadora.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 12 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação.** *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <https://is.gd/Tr9WN2>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- CARVALHO, Maria Fernanda.** *Educação inclusiva: materiais recicláveis para alunos cegos*. São Paulo: Editora Inclusiva, 2021.
- SOUZA, Ana Paula; PEREIRA, Ricardo.** Materiais recicláveis e a educação de alunos cegos: uma abordagem inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 28, n. 4, p. 357-372, 2022. Disponível em: <https://is.gd/jB9PNg>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- PEREIRA, João Luiz.** *Reciclagem e inclusão: como criar materiais didáticos acessíveis*. Rio de Janeiro: Editora Educacional, 2019.
- PEREIRA, A.** *A inclusão escolar e os desafios da adaptação pedagógica*. São Paulo: Editora Educação Inclusiva, 2019. p. 78.

# **A INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO OPOSITIVO-DESAFIADOR (TOD): REFLEXÕES A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA DE ESTÁGIO NA AULA REGULAR E NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)**

Jesse de Castro Libanio<sup>2</sup>

## **INTRODUÇÃO**

A inclusão escolar é um pilar fundamental da educação contemporânea, alicerçada na premissa de que todos os alunos, independentemente de suas necessidades educacionais especiais, têm o direito de acessar, permanecer e participar ativamente da vida escolar. No Brasil, esse direito é garantido por legislações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/1996) e a Resolução CNE/CEB nº 2/2001, que estabelecem orientações para a educação inclusiva e sublinham a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) como um suporte essencial para promover equidade e qualidade na educação. O AEE, que é disponibilizado em salas de recursos multifuncionais ou em outros ambientes apropriados, tem como objetivo oferecer um atendimento personalizado a alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, superdotação e outras necessidades educacionais especiais, auxiliando na sua integração e participação efetiva no ambiente escolar.

Dentre os transtornos que necessitam de atenção específica no contexto educacional, o Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD) se destaca devido às suas características comportamentais, que incluem um padrão persistente de comportamentos desafiadores, agressivos e desobedientes. Esses comportamentos podem impactar significativamente o desempenho acadêmico e as interações sociais do aluno, demandando abordagens pedagógicas adaptadas e uma metodologia que considere suas

---

<sup>2</sup> Acadêmico do 8º período do curso de licenciatura em educação especial da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail jesselibanio@gmail.com

necessidades emocionais e comportamentais. A inclusão de alunos com TOD em instituições de ensino regulares requer não apenas a adaptação de currículos e práticas pedagógicas, mas também um suporte contínuo que promova o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como o gerenciamento da frustração, a resolução de conflitos e a interação positiva com os colegas.

Este artigo tem como objetivo refletir acerca da prática do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da inclusão de alunos com TOD, com base em uma experiência de estágio realizada em uma escola municipal de Balneário Camboriú (SC), **Foto 01**. Durante o estágio, parte integrante do curso de Licenciatura em Educação Especial, foi possível observar e atuar no atendimento a um aluno com diagnóstico de TOD, destacando a importância de abordagens pedagógicas adaptativas e da mediação emocional. A utilização da gamificação, especialmente através do jogo “Conecta”, revelou-se uma ferramenta eficaz para promover o desenvolvimento cognitivo e socioemocional do aluno, além de evidenciar as dificuldades na comunicação entre os profissionais do AEE e os professores regulares.

Foto 1 – Registro da frente da unidade observada



Fonte - Autor/Estágio.

A vivência do estágio proporcionou uma compreensão aprofundada sobre os desafios e as oportunidades na inclusão de alunos com TOD, ressaltando a relevância de uma abordagem colaborativa e integrada entre todos os participantes do processo educacional. A mediação pedagógica, a empatia e a sensibilidade mostraram-se componentes cruciais para o sucesso no trabalho com estudantes que possuem necessidades educacionais especiais, destacando a necessidade de práticas que favoreçam não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento emocional e social.

Com esse foco, este artigo busca contribuir para a análise das práticas do AEE e a integração de estudantes com TOD, destacando os progressos alcançados e os desafios encontrados no processo de inclusão. A experiência do estágio ressaltou a importância de métodos pedagógicos adaptados, da mediação emocional e da colaboração entre os diferentes setores da escola, visando garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa para todos os alunos.

## **METODOLOGIA**

A experiência de estágio ocorreu em uma turma do quarto ano do ensino Fundamental (anos iniciais) e teve como objetivo central a observação e a intervenção no apoio a um estudante com Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD). O estágio foi organizado em quatro etapas principais, que possibilitaram uma abordagem participativa e qualitativa, visando entender a dinâmica do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, especialmente os que apresentam TOD.

## **ETAPAS DO ESTÁGIO**

### **a. Observação no AEE:**

A etapa inicial envolveu a análise do ambiente físico e dos recursos educacionais acessíveis no Atendimento Educacional Especializado (AEE), **Foto 2**. Nesse momento, foi possível compreender como se estruturava o atendimento, que, em decorrência de reformas na escola, estava provi-

soriamente alocado no auditório. Apesar das dificuldades apresentadas pelo espaço temporário, foi possível observar de que maneira o docente do AEE empregava os recursos disponíveis para incentivar a aprendizagem e a interação social do estudante com Transtorno do Desenvolvimento (TOD).

Foto 2 – Registro de atendimento no AEE



Fonte - Autor/Estágio.

A relação entre o educador e o aluno foi examinada, enfatizando as táticas de mediação emocional e o aprimoramento das habilidades socioemocionais.

### **b. Observação em Sala de Aula Regular:**

A fase dois consistiu na análise da dinâmica observada na sala de aula regular, **Foto 3**, enfatizando a interação do estudante com os colegas e educadores. Durante este estágio, foram reconhecidos os obstáculos que o estudante enfrentava em contextos de cooperação e competição, além das respostas emocionais a eventuais frustrações.

Foto 3 – Observação em sala de aula



Fonte - Autor/Estágio.

A observação possibilitou uma compreensão mais profunda sobre a maneira como o aluno se interagia com o grupo e como as abordagens pedagógicas utilizadas na sala de aula regular poderiam ser combinadas com as atividades realizadas no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

### **c. Interação em Sala de Aula:**

A terceira fase envolveu a atuação direta em sala de aula, com a realização de uma aula sobre mudanças de energia. Foram utilizados nessa aula vídeos e materiais práticos como lâmpadas, baterias, fios elétricos e motores para apresentar as transformações de energia de maneira tangível. Adicionalmente, foi apresentado o jogo “Conecta”, **Foto 4**, criado especialmente para essa intervenção, com o intuito de abordar conceitos relacionados à energia e suas transformações, além de desenvolver habilidades socioemocionais, incluindo o gerenciamento da frustração e a aceitação de opiniões divergentes. A interação com os alunos possibilitou a avaliação do envolvimento e do avanço dos estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção em relação aos objetivos estabelecidos.

Foto 4 – Intervenção em sala de aula, realização da atividade prática e jogo “Conecta”.



Fonte – Autor/Estágio.

#### **d. Interação no AEE:**

A quarta e última etapa ocorreu no AEE, onde o jogo “Conecta” foi empregado para incentivar a interação do aluno com TOD e outro estudante que recebe atendimento, **Foto 5**. Durante essa fase, foram analisadas as respostas do aluno em situações de perda e frustração, além da efetividade das estratégias de mediação emocional implementadas pelo estagiário. A interação no AEE possibilitou a avaliação do crescimento das habilidades socioemocionais do aluno, destacando a relevância de um ambiente organizado e previsível para seu avanço.

Foto 5 – Intervenção AEE, Primeira queda perdida pelo aluno com TOD.



Fonte – Autor/Estágio.

## ABORDAGEM QUALITATIVA E PARTICIPATIVA

A metodologia usada durante o estágio foi de caráter qualitativo, centrada na observação ativa e na análise das relações entre alunos, professores e o estagiário. Esta abordagem qualitativa possibilitou uma análise aprofundada das dinâmicas de inclusão na escola e dos obstáculos enfrentados ao atender estudantes com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). A observação ativa foi crucial para captar as sutilezas do comportamento dos alunos e as táticas pedagógicas empregadas pelos docentes, enquanto a intervenção prática possibilitou a avaliação e teste da eficácia de métodos inovadores, como a gamificação.

## INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

- Observação Direta: A observação direta constituiu o principal método de coleta de informações, permitindo o registro do comportamento dos alunos com TOD, as abordagens pedagógicas aplicadas e as interações entre os profissionais da instituição.
- Registros Fotográficos: Foram feitos registros fotográficos das atividades executadas, tanto na sala de aula tradicional quanto no Atendimento Educacional Especializado (AEE), para documentar o processo de intervenção e os momentos de interação do aluno.

- Diário de Campo: Um diário de campo foi mantido para registrar observações, reflexões e impressões sobre o progresso do estágio, assim como para documentar os avanços e dificuldades percebidas nas atividades.
- Aplicação de Jogos Educativos: O jogo “Conecta” **Foto 6**, foi utilizado como uma ferramenta educacional e de avaliação, permitindo observar a participação do aluno, sua capacidade de lidar com frustrações e seu progresso nas habilidades socioemocionais.

Foto 6 – Jogo “Conecta”, Desenvolvido e elaborado para essa intervenção.



Fonte - Autor/Estágio.

## ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi efetuada com base nas anotações feitas no diário de campo, nas fotografias registradas e nas interações observadas durante as atividades. O foco da análise esteve na identificação de comportamentos dos alunos com Transtorno Opositivo Desafiador, na eficácia das estratégias pedagógicas utilizadas e nas dificuldades relacionadas à comunicação insuficiente entre diferentes setores da escola. Em especial, a

gamificação foi avaliada como uma abordagem inovadora para incentivar a aprendizagem e o desenvolvimento emocional dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

Ao longo de todo o estágio, foram seguidos os princípios éticos da pesquisa, assegurando o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações obtidas. A escola e os responsáveis pelos alunos foram devidamente informados acerca dos objetivos do estágio e das atividades e a coleta de dados.

## **LIMITAÇÕES DO ESTÁGIO**

Uma das principais limitações encontradas durante o estágio foi a comunicação insuficiente entre os profissionais do Atendimento Educacional Especializado e os professores titulares, o que dificultou a integração das estratégias pedagógicas em ambos os contextos. Além disso, o espaço temporário do Atendimento Educacional Especializado, em razão das obras na escola, restringiu o acesso a recursos pedagógicos e limitou a variação das atividades realizadas.

## **CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA**

A metodologia utilizada possibilitou uma análise detalhada dos desafios e oportunidades na inclusão escolar de alunos com Transtorno Opositivo Desafiador, ressaltando a importância de estratégias pedagógicas adaptadas e do apoio emocional. A experiência do estágio teve um papel significativo na formação do futuro educador, ao proporcionar a chance de aplicar os conhecimentos teóricos em situações práticas e refletir sobre os desafios e as oportunidades da inclusão escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência de estágio proporcionou uma análise aprofundada do atendimento a um estudante que apresenta Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD), evidenciando tanto conquistas quanto dificuldades enfrentadas no contexto da inclusão escolar. Com base nas observações

e intervenções realizadas, foi viável reconhecer a eficácia de abordagens pedagógicas adaptadas, como o uso de gamificação e mediação emocional, além de identificar os aspectos críticos que devem ser superados a fim de assegurar uma inclusão escolar efetiva.

## **EFICÁCIA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)**

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) mostrou-se um ambiente propício para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais de um estudante com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). Apesar das limitações impostas pelo espaço temporário (em função de reformas na instituição), o educador do AEE demonstrou grande versatilidade e criatividade na utilização dos recursos disponíveis. O atendimento personalizado, realizado semanalmente, permitiu ao aluno receber assistência individualizada, voltada para o manejo da frustração, a resolução de conflitos e a interação social.

O jogo “Conecta”, desenvolvido especialmente para essa intervenção, destacou-se como uma ferramenta pedagógica inovadora. Além de explorar conceitos relacionados à energia e suas transformações, o jogo favoreceu a interação social, o autocontrole da frustração e a aceitação de pontos de vista diferentes. Durante as atividades, foi possível observar que, ao perder uma partida, o aluno inicialmente reagia com frustração; entretanto, com uma mediação adequada (por meio de diálogo, técnicas de respiração e estímulos positivos), ele conseguia se reerguer e continuar participando. Essa progressão na habilidade de lidar com situações desafiadoras foi um dos principais avanços identificados ao longo do estágio.

## **GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA**

A gamificação, através do jogo “Conecta”, revelou-se um método eficaz para engajar alunos com Transtorno do Déficit de Atenção (TDA) e promover uma aprendizagem mais dinâmica. O uso de jogos como recurso educacional possibilitou que os estudantes explorassem conceitos mais avançados, como as transformações de energia, de forma divertida e interativa. Ademais, o jogo proporcionou momentos de colaboração e competição saudável, estimulando o trabalho em equipe e a solução de problemas.

Ao longo das atividades, observou-se que os alunos mostraram um aumento significativo na motivação e envolvimento, demonstrando um maior interesse pelos temas tratados. A gamificação também fez com que alunos com TDA se sentissem mais incluídos e capacitados para contribuir com o grupo, o que destaca a importância de estratégias que promovam a participação ativa de todos os alunos. Entretanto, foi fundamental haver um acompanhamento constante para mediar momentos de frustração e assegurar que o aluno conseguisse lidar com suas emoções de forma mais equilibrada.

## **DESAFIOS NA COMUNICAÇÃO ENTRE AEE E SALA DE AULA REGULAR**

Um dos principais desafios identificados durante o estágio foi a ausência de comunicação e cooperação entre os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os professores da educação regular. A falta de troca de informações sobre o desenvolvimento e as necessidades específicas do aluno assistido pelo AEE comprometeu a continuidade e a eficácia do apoio especializado. Por exemplo, as atividades desenvolvidas no AEE não estavam alinhadas com os conteúdos tratados na sala de aula tradicional, resultando em uma fragmentação no aprendizado do aluno.

Essa ausência de colaboração entre os profissionais envolvidos na inclusão escolar representa um obstáculo considerável que deve ser confrontado. A integração entre o AEE e a sala de aula regular é fundamental para garantir que as estratégias pedagógicas sejam coerentes e complementares, apoiando um ambiente verdadeiramente inclusivo e eficaz. A falta de reuniões periódicas ou momentos de alinhamento entre as diferentes áreas da escola contribuiu para essa desconexão.

## **EFEITO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TOD**

A intervenção aplicada no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e na sala de aula convencional possibilitou notar avanços significativos no progresso do aluno com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), tanto em áreas cognitivas quanto emocionais. O aluno demonstrou um entendimento mais apurado dos conceitos abordados, como as transfor-

mações de energia, e aprimorou sua habilidade de lidar com situações desafiadoras, como a derrota em jogos e a administração da frustração.

Ademais, a mediação pedagógica durante as atividades foi crucial para fomentar a autorregulação emocional do aluno. A intervenção direta do estagiário, mediante diálogos e técnicas de respiração, ajudou o aluno a administrar a frustração de forma mais saudável, evidenciando a relevância da mediação como um recurso para o crescimento emocional. Contudo, observou-se que o aluno ainda enfrentava barreiras ao interagir com os colegas em situações que exigiam cooperação ou competição, destacando a necessidade de um empenho contínuo na melhoria de suas habilidades sociais.

## **REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO**

A vivência durante o estágio ofereceu reflexões significativas acerca da prática de ensino em um ambiente inclusivo. A observação e a atuação tanto na sala de aula quanto no Atendimento Educacional Especializado possibilitaram uma compreensão mais profunda da complexidade do processo de inclusão nas escolas e a importância de estratégias pedagógicas que se adequem às necessidades individuais dos estudantes. A utilização da gamificação e da mediação pedagógica se revelou como ferramentas eficazes para estimular a aprendizagem e o desenvolvimento emocional, mas é essencial que tais abordagens sejam acompanhadas por uma comunicação eficiente entre todos os profissionais envolvidos.

A falta de cooperação entre o Atendimento Educacional Especializado e a turma regular foi um indicativo de alerta, demonstrando a urgência de uma maior colaboração e troca de informações entre os educadores. A inclusão no espaço escolar se tornará efetivamente bem-sucedida somente por meio de um esforço conjunto e organizado de todos participantes do processo educacional.

## **CONCLUSÃO**

A experiência de estágio proporcionou uma análise aprofundada do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da integração escolar de um aluno diagnosticado com Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD). O

AEE se mostrou fundamental para o avanço cognitivo e socioemocional do estudante, ressaltando a importância da utilização de estratégias personalizadas, como a gamificação através do jogo “Conecta”. Este recurso favoreceu a aprendizagem ativa e a gestão da frustração, além de incentivar a interação social e a resolução de conflitos. Contudo, a comunicação inefficiente entre os profissionais do AEE e os professores regentes constituiu um obstáculo significativo, prejudicando a continuidade e a eficácia do atendimento especializado.

A gamificação revelou-se uma ferramenta potente para motivar o aluno e desenvolver habilidades socioemocionais, incluindo a aceitação de opiniões divergentes e a autorregulação emocional. Entretanto, a falta de planejamento conjunto e a escassez de intercâmbio de informações entre os diferentes setores escolares destacaram a urgência de uma integração mais eficaz entre os profissionais envolvidos. A inclusão escolar requer uma abordagem colaborativa, com estratégias pedagógicas que estejam alinhadas e que atendam às especificidades de cada aluno.

A vivência reforçou a relevância da mediação emocional, empatia e sensibilidade na prática de ensino, evidenciando que a educação inclusiva transcende o simples acesso à sala de aula convencional. É crucial que os educadores estejam capacitados para enfrentar a diversidade e implementar abordagens pedagógicas inovadoras. A formação contínua e a reflexão crítica sobre a prática docente são fundamentais para assegurar uma educação verdadeiramente inclusiva e justa.

Em resumo, o estágio foi valioso para o desenvolvimento do futuro educador, ressaltando a importância da adoção de estratégias personalizadas, da colaboração entre as diversas áreas da escola e do compromisso com a inclusão. Tanto a gamificação quanto a mediação emocional mostraram-se ferramentas eficazes, mas é imperativo ultrapassar os desafios de comunicação e integração para garantir uma inclusão escolar que seja efetiva e significativa.

## **REFERÊNCIAS**

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **O atendimento educacional especializado no processo de inclusão escolar, na rede municipal de ensino de Mossoró/RN.** 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://is.gd/0DbWAH>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://is.gd/uJFOv3>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 set. 2001. Disponível em: <https://is.gd/wGZUPX>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas.** Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: <https://is.gd/emqSXR>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. **Decreto Legislativo nº 186**, de 9 de julho de 2008. **Decreto nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: <https://is.gd/9rdQxb>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DE PAIVA NUNES, Anna Paula; DE FREITAS NEGOCIO, Polianny Ágne. A Importância E O Papel Do Atendimento Educacional Especializado (Aee) E Do Auxiliar Na Educação De Crianças Com Deficiência. **II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade E Acessibilidade–Uma Questão De Efetivação De Direitos**, 2015. Disponível em: <https://is.gd/KxxuDP>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH, TOD e Outros Transtornos do Comportamento.** São Paulo: Editora Gente, 2015.

# ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE NA ABORDAGEM PIKLER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edenilson Fernando Catarina<sup>1</sup>  
Jéssica Zagoto Bessa<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

As discussões sobre Inclusão Escolar apresenta grandes efervescência na sociedade, na qual se constitui num paradigma educacional respaldado na concepção da Declaração de Direitos Humanos que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (Brasil, 2008 p. 05).

Com isso, o cenário contemporâneo a Inclusão Escolar das pessoas com deficiência é garantido por vasto arcabouço legal, assumindo um espaço central no debate da sociedade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei nº 9.394/96), estabelece as diretrizes e bases da educação nacional em seu **Art. 24** trata-se das regras comuns da Educação Básica e o Capítulo V trata da Educação Especial, **no Art. 58**. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (Brasil, 1994).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI (2008) é fundamentada numa Concepção Inclusiva da Educação. Essa concepção reconhece e valoriza a diversidade humana, entendendo que todos os alunos têm o direito de receber uma

---

<sup>1</sup> Professor de Atendimento Educacional Especializado - AEE no município de Balneário Camboriú/SC. Acadêmico de Licenciatura em Educação Especial pela Universidade do Vale do Itajaí. e-mail edenilson.catarina@edu.bc.sc.gov.br

<sup>2</sup> Supervisora escola no município de Balneário Camboriú/SC. Acadêmica de Licenciatura em Educação Especial pela Universidade do Vale do Itajaí e-mail: zagotojessica2@gmail.com

Educação de qualidade, independente de suas características individuais, necessidades ou dificuldades.

Na perspectiva inclusiva, a Educação é vista como um direito fundamental de todos os cidadãos, e as escolas devem ser espaços acolhedores e acessíveis a todos, sem discriminação. Isso implica em promover práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas de cada aluno, garantindo seu acesso, participação e aprendizado.

A Resolução CNE nº 04 de outubro de 2009 que Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, o documento estabelece em seu Art.9º que:

A elaboração e a execução do plano de AEE são de competência dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento (Brasil, 2009).

O Atendimento Educacional Especializado - AEE tem por finalidade “[...] identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (Brasil, 2008).

Colaborando com o processo Complementar e Suplementar em caráter transitório tendo vista autonomia e independência a fim de formar às crianças/estudantes por meio serviços, e de recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem e a acessibilidade.

A respectiva Resolução prevê orientar o estabelecimento do Atendimento Educacional Especializado - AEE na Educação Básica, que deve ser realizado no contraturno e preferencialmente nas chamadas salas de recursos multifuncionais das escolas regulares.

Quanto ao Atendimento Educacional Especializado - AEE, principal serviço da Educação Especial, ofertado na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM, tem a finalidade de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras.

Quanto aos Atendimento Educacional Especializado - AEE na Educação Infantil somente em 2024 por meio da Lei nº 14.880 de 04 de julho de 2024 que institui a Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado a Crianças de Zero a Três Anos (atenção precoce), diante disso, o município de Camboriú se destaca quando desenvolvem atendimento aos bebês e criança na faixa etária de zero a seis anos, que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, parte da premissa de que é necessário voltar-se à investigação dos processos educacionais e de aprendizagem/desenvolvimento.

As Salas de Recurso Multifuncional da Secretaria de Educação de Camboriú, possui uma Abordagem Pikler-Lóczy, devido atender a etapa da Educação Infantil e Anos Iniciais, abordagem escolhida pela Secretaria Municipal de Educação de Camboriú pensando na primeira infância e ao decorrer da vida acadêmica, e principalmente no quesito de cuidado respeitoso, individualizado e sensível.

A abordagem pedagógica Pikler-Lóczy, caracteriza-se como metodologia inovadora, devido aos benefícios que a mesma oferece para as crianças e estudantes atendidas nas Salas de Recursos Multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado- AEE.

Perante a Abordagem Pikler adotada na Sala de Recurso Multifuncional - SRM que possuem implementos que possibilitam às crianças e estudantes vivenciar experiências diversas, que lhes proporcionam aprendizagens e desenvolvimento, assim, os cuidados devem ser pensados como um conjunto ações que criam oportunidades para o desencadeamento de relações sociais significativas.

Torna - se essencial ressaltar que, o mobiliário eleito para o espaço de uso das crianças e estudantes podem assumir tanto a função de acomodar objetos, bem como, de se constituir em suporte/apoio seguro para elas.

A institucionalização da Sala de Recursos Multifuncionais tem a finalidade de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras, portanto, a SRM desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e no desenvolvimento acadêmico, social e emocional de estudantes com deficiência nos anos iniciais da Educação.

## METODOLOGIA

O presente relatório consiste em apresentar as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I na Educação Infantil, oferecido pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI ao 5º período do curso de Licenciatura em Educação Especial, as vivências foram de extrema relevância, carregado de significados.

Para Magalhães (2023, p. 12), “o estágio é lufar privilegiado para tal aprendizagem”, buscando compreender a realidade experienciada fomentando a mudança na realidade ao qual se convive por meios de interações traçando estratégias que emergem no contexto educacional, pois são objetos da práxis.

As experiências que serão relatadas ocorreram na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM do Centro de Educação Infantil Alegria de Viver<sup>3</sup> situado no município de Camboriú - SC, numa comunidade que apresenta situações de vulnerabilidade social, que requer olhares aguçados, e principalmente de políticas públicas.

As experiências aqui contadas, serão de dois acadêmicos que debruçaram para compreender como ocorrem o Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil, na respectiva unidade, portanto o Estágio Supervisionado da acadêmica Jéssica Zagoto Bessa no turno Vespertino da respectiva instituição e do acadêmico Edenilson Fernando Catarina pelo turno Matutino, sendo dividido em duas etapas cruciais, o período de observação e intervenção ambos estágios ocorreram **entre os dias 30/08/2023 à 13/09/2023**, onde observamos a estrutura física, equipe constituinte da unidade educacional e principalmente o desenvolvimento das crianças no contexto do Atendimento na Sala de Recursos Multifuncionais na etapa da Educação Infantil.

A Sala de Recursos Multifuncionais - SRM do Centro de Educação Infantil atendem a Educação Infantil, sendo crianças de creche e Pré - Escola, portanto a mobília eleita contempla os princípios da abordagem pedagógica Pikler-Lóczy.

Dalledone e Coutinho (2020, p. 52), são quatro os princípios que norteiam essa abordagem educacional:

---

<sup>3</sup>Nome fictício para preservar a imagem da unidade de ensino.

- 1) o profundo respeito pela criança e sua individualidade, reconhecendo-a como sujeito de direitos;
- 2) a valorização da atividade autônoma da criança, baseada em suas próprias iniciativas, aliada ao foco no desenvolvimento gradativo da autonomia;
- 3) a importância do vínculo entre adulto e criança, construído com base em uma relação afetiva privilegiada e de qualidade;
- 4) a liberdade de movimentos para um brincar livre e uma livre exploração de si mesmo e do entorno.

Portanto, o ambiente é convidativo as crianças e estudantes, pois os implemento assim chamados, são todos de madeira, cores claras, para não acarretar descarga de informações, mas sim oportunizar às crianças e estudantes a testarem as propriedades e possibilidades da mobília, irão tocar, tentar puxar, empurrar, escalar e se apoiar (Cocito, 2018).

Por fim, quando o ambiente é preparado com a mobília e materiais que foram desenvolvidos pela pesquisadora Emmi Pikler, não há necessidade de que somente o professor estimule a criança, pois o próprio espaço será um convite para que a criança explore os brinquedos, objetos e outras possibilidades.

Um chão seguro e estável é a base para que a criança se sinta em confiança para, aos poucos, explorar novas posturas. A criança repete inúmeras vezes, em diferentes momentos, os movimentos que estão despertando sua curiosidade.

Neste sentido, a Sala de Recursos Multifuncionais - SRM possui materiais e serviços que são propícios para estimular e tornar possível interações e construções substanciais para o aprimoramento dos participantes, sendo o local no qual o profissional de educação do Atendimento Educacional Especializado atuará como potencializador do processo de inclusão como um todo (GALVÃO FILHO, 2012).

## **DESENVOLVIMENTO**

As observações e intervenções realizadas no período de Estágio Supervisionado que ocorreram na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM na etapa da Educação Infantil que possui uma Abordagem Pikler-

-Lóczy, devido atender a etapa da Educação Infantil, abordagem escolhida pela Secretaria Municipal de Educação de Camboriú pensando na primeira infância.

As primeiras experiências serão apresentadas pela acadêmica Jéssica Zagoto Bessa, que desenvolveu vivências na unidade de ensino sobre **“As potencialidades do Desenho das crianças um olhar à luz do Atendimento Educacional Especializado - AEE”**, um diálogo entre as diferentes interfaces da educação para qualificar o atendimento de bebês e crianças com deficiência na escola regular comum.

Em relação às estratégias da Abordagem Pikler-Lóczy perante ao desenvolvimento dos bebês e crianças em Sala de Recursos Multifuncionais - SRM emergem concomitantemente de maneira complementar e/ou suplementar em caráter transitório tendo em vista a autonomia e a independência a fim de corroborar com o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês e crianças por meio serviços e de recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem no que concerne às possibilidades de acessibilidade aos diferentes serviços que nossa sociedade oferece.

**Figura 02** - Sala de Recursos Multifuncional do Centro de Educação Infantil.



**Fonte:** arquivo pessoal dos autores, 2023.

Andrade et al (2022, p. 13) mencionam que a “Sala de Recursos Multifuncionais deve, sobretudo, respeitar as particularidades de cada

educando, pois cada indivíduo é um ser único, com características próprias”. Sendo assim, as intervenções pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncionais necessitam estabelecer atendimentos que potencializam o desenvolvimento das funções cognitivas dos bebês e crianças.

Assim, existe uma grande possibilidade de que, os bebês e crianças que não se adequam totalmente às metodologias padronizadas ou tradicionais propostas pela Sala de Recursos Multifuncionais proposta pelo Atendimento Educacional Especializado, pensando estratégias inovadoras que fomentem usufruir de diferentes alternativas e possibilidades de aprendizagem.

Além disso, estudos comprovam que frequentar espaços constituídos por pessoas com características diferentes, pode proporcionar diversas oportunidades de interação social e, principalmente, abrir espaço para novas percepções que são essenciais para desconstruir preconceitos.

A abordagem pedagógica Pikler-Lóczy, caracteriza-se como metodologia inovadora, devido aos benefícios que a mesma oferece para as crianças atendidas nas Salas de Recursos Multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado- AEE na etapa da Educação Infantil.

Dentre estas estratégias, propõe-se que a organização dos espaços e dos materiais contemplam os princípios da abordagem pedagógica Pikler-Lóczy e a Metodologia do Desenho Universal Para Aprendizagem - DUA pensando em todas as deficiência e principalmente no trabalho colaborativo juntamente com as Sala de aula Regular.

Perante a Abordagem Pikler adotada na Sala de Recurso Multifuncional - SME que possuem implementos que possibilitam aos bebês e crianças vivenciar experiências diversas, que lhes proporcionam aprendizagens e desenvolvimento, assim, os cuidados devem ser pensados como um conjunto ações que criam oportunidades para o desencadeamento de relações sociais significativas. É importante ressaltar que, o mobiliário eleito para o espaço de uso das crianças pode assumir tanto a função de acomodar objetos, bem como, de se constituir em suporte/apoio seguro para elas.

Sendo assim, no decorrer da observação e diálogo com a professora do Atendimento Educacional Especializado - AEE, percebeu-se a necessidade de trabalhar com experiências que envolva o autoconhecimento,

da qual consiste na possibilidade de o indivíduo produzir conhecimento pessoal com o objetivo de promover maior controle sobre suas emoções, sejam elas boas ou ruins.

Dessa maneira, saber sobre si implica em ter a capacidade de nomear os sentimentos experimentados, diferenciá-los e buscar, portanto, soluções mais produtivas, ativas e, principalmente, conscientes para os diversos problemas enfrentados, ou seja, na perspectiva de complementar e suplementar que o Atendimento Educacional Especializado - AEE fomenta.

**Figura 02** - Experiência de Autoconhecimento.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora, 2023.

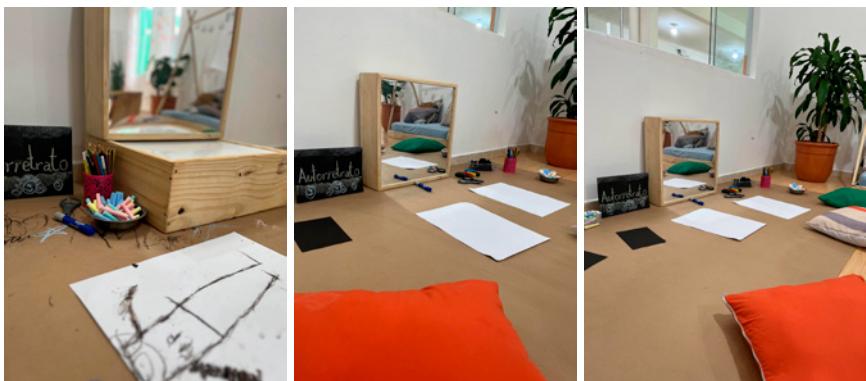
As imagens falam por si, apresentando experiências vivenciadas pelas crianças na Sala de Recurso Multifuncional propiciando o conhecimento pessoal sendo de extrema relevância em diversas fases da vida, porém, quando estimulado na infância, pode trazer benefícios que acompanharão a pessoa durante muito tempo.

O autoconhecimento também contribui para o desenvolvimento intelectual e aprendizagem, portanto, essa característica permite que os bebês e criança desenvolva o raciocínio lógico, ajudando em aspectos que proporcionam a melhoria do desempenho cognitivo.

O contexto investigativo Autorretrato, oportunizará os bebês e as crianças manusear elementos de diversificado, dentre eles: giz de cera JUMBO, carvão, giz de quadro, lápis de cor, canetinhas, canetão, caixa

de espelho, grampos de roupa almofadas, lupas, papel A3, papel A4 na cor preta e papel pardo.

**Figura 03** - Contexto Investigativo - Autorretrato.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora, 2023.

O contexto investigativo referente ao Autorretrato oportunizou as crianças a movimentos investigativo fomentando a possibilidade de cada uma reconhecer suas individualidades e características, valorizando seu modo de ser e estar no mundo.

O contexto investigativo será montado um ambiente acolhedor e carregado de inquietudes e hipervalorização. As crianças são acolhidas na porta, retirarão os calçados, sendo encaminhado ao contexto proposto, para iniciar a experiência será convidativa sentar-se nas almofadas se observar no espelho disposto, agora prestaremos atenção na características e singularidades do nosso corpo, realizando alguns questionamentos: quem vemos no espelho?

Quais características você observa? De qual cor é você? Como você se reconhece? Logo em seguida as crianças irão escolher a folha para realizar seu autorretrato para responder à pergunta: De que jeito eu me vejo?

O contexto investigativo, fomentou a olharem no espelho, pois o objeto apresenta as singularidades, os sentimentos, as ambições, através do observação surgem o Autorretrato, refletindo a história e as personalidades que compõem o ser.

Para Canton (2001) discorre que:

O autorretrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem [...] A criação do autorretrato aproxima o artista de Deus. Nesse encontro consigo mesmo, que tem como mediador apenas o espelho, o artista desvenda o seu dom de recriar o mundo (2001, p. 61)

Portanto, o autorretrato na infância oportuniza a consciência de si mesmo perante a um olhar genuíno, carregado de experiências valiosas, explorando sua identidade, autoestima e autoconhecimento.

Pessoa (2006) apresenta que se o autorretrato o que o autor imagina, deseja ou idealiza de si, revela-se por meio do desenho num olhar reflexivo voltado para si mesmo.

O contexto investigativo oportunizou observar diversas possibilidades que vem emergindo no processo de desenvolvimento dos bebês e criança, pois a experiência do Autorretrato, fomentou o autorreconhecimento enquanto criança, sua cor, a diferenciação entre os professores envolvidos.

**Figura 04** – Contexto Investigativo - Autorretrato.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora, 2023.

O autorretrato possibilita, entre outras habilidades, o conhecimento de sua identidade, conforme podemos verificar nas imagens acima a criança

apresentou dificuldades em mencionar a cor das pessoas inseridas no contexto, perante as indagações a criança - Quais características você observa?

Nesse contexto, vale ressaltar que a infância é cercada por um mundo que (re)constrói suas intenções e ideologias na vida dos indivíduos, podemos evidenciar o autoconhecimento da criança, quando a mesma se desenha e menciona que falta um laço na cabeça, pois utiliza laços em seu cabelos, todavia conseguiu se reconhecer no próprio autorretrato.

Conforme Sarmento (2011, p. 28) “o desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita”, pois por meio do desenho se encontra aspectos que revelem as crianças e momentos singulares da infância, ou seja, permitem as crianças se expressarem conforme seu ponto de vista.

Sarmento (2011), descreve que:

[...] o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição – articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido, o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer. (2011, p. 29).

Diante disso, Sarmento nos chama atenção quanto ao desenho das crianças, sendo a própria voz, impregnado em todos os aspectos, apresentando as singularidades das crianças.

O ato de desenhar é ação conjunta entre a inteligência, a emoção, a sensibilidade e o poder de decisão, de qualquer pessoa. Dessa maneira, o desenho remete a um meio de conhecimento e seu uso não se restringe ao lápis e ao papel, e sim um contexto que cerca a criança.

Portanto, o autorretrato é a representação que do indivíduo, o qual faz de si mesmo, colocando-se como figura central de um registro. Assim, a relação individual do indivíduo com as imagens é uma construção natural, sendo que:

Nessa história, assim como em outra do mesmo gênero, a identidade constrói-se pulsionalmente no quadro de um estranhamento subjetivo, interno, mas, principalmente, a partir de imagens externas que circulam na sociedade mediatizada em todas as formas industriais possíveis. A identidade viabiliza-se como um jogo de signos realizados por imagens, que circulam aceleradamente, de forma contagiosa, à maneira de um processo viral. Não são imagens com uma sombra referencial na realidade, capazes de suscitar a reflexão, mas simulacros que se incorporam aos sujeitos, criando um outro tipo de relação com o mundo físico (Sodré, 2010, p. 174).

Sendo assim, as imagens são desenhadas conforme a realidade, capaz de suscitar reflexão, por outro lado, elas constituem um caminho para alcançar as relações estabelecidas na sociedade, que necessitam serem olhadas e trabalhadas para desenvolver habilidades necessária, pois no decorrer do ato de desenhar o professor percebe diversas necessidades.

O desenho é uma importante ferramenta a ser utilizada pelos docentes como auxílio no processo de ensino aprendizagem das crianças, fomentando a criatividades perante a oportunidade, tempo, espaço, incentivo e parceria tendo por finalidade possibilitar desenvolver estéticas e narrativas.

**Figura 5** – Contexto Investigativo - Autorretrato.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora, 2023.

O autorretrato, fomenta o prazeres, descobertas que emergem a formação dos bebês e crianças, pois a infância desenha seu processo e deixa suas marcas no decorrer do cotidiano, nos revelando as especificidades.

Já as experiências do acadêmico Edenilson Fernando Catarina foram baseadas na proposta de intervenção no Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil, na instituição aqui já deferida, onde a temática pedida era dar vida às sensações tátteis para os educandos que fazem parte do público da Educação Especial, além de despertar a vivência lúdica significativas destes.

A proposta escolhida foi “O livro sensorial ou quiet book trabalha o tato, concentração e o imaginário, através de dedoches e fantoches, de maneira lúdica.” (Raats, 2021, p. 27).

**Figura 06** – Livro Sensorial



**Fonte:** arquivo pessoal da autor, 2023.

Assim surgiu em conjunto com a professora responsável pela Sala de Recurso Multifuncional a ideia da criação de um livro sensorial, o material proposto para a criação foi o etileno-vinil-acetato (EVA) devido a sua durabilidade, visto que o recurso seria de uso diário e manuseado por todos educados os quais a docente iria trabalhar durante o ano letivo.

Os objetivos elencados tiveram como norte estimular as atividades sensoriais as quais despertam nos educandos a importância dos sentidos. Despertar nestes o interesse pelo manuseio dos livros, visto que por meio da exploração do recurso educativo utilizado despertam ações sensoriais. Por fim, e não menos importante a promoção do envolvimento do educando a aprender brincando e estimulando seus sentidos sensoriais.

**Figura 07** – Brincando e estimulando através dos sentidos



**Fonte:** arquivo pessoal da autor, 2023.

Buscou se trazer em seu contexto uma grande possibilidade de vivências e informações para o desenvolvimento dos educandos. A ideia de trabalhar às sensações a cada troca de página é que dá sentido ao Livro Sensorial, ou em seu termo em língua inglesa quiet book.

Considerando que a função das ilustrações nos livros infantis é a de facilitar a compreensão e envolvimento da criança na narrativa, espera-se que as adaptações táteis cumpram o mesmo objetivo, ou seja, que tenham efetivamente o papel de representar elementos e personagens que fazem parte da história (Nuernberg, 2005, p. 137).

É através dos sentidos tanto tátil como visual que o educando explora com curiosidade as diversas sensações, texturas, significados, compreendendo as cores, formas geométricas, signos e significantes. Aí explorar de forma lúdica esse objeto estimula o seu desenvolvimento na coordenação motora, através da brincadeira pilar dessa etapa.

Tendo em mente que permitir o acesso do educando ao livro é reconhecer o direito do conhecimento aberto, como uma teia de conexões (Moraes, 2010).

Assim, o livro sensorial conduz a ampliação do conhecimento do mundo do educando, e em seus diferentes contextos, visto que fomenta a curiosidade e estimula o leitor a explorar o recurso.

Pensando nesta proposta inclusiva e lúdica, a intervenção dentro da Sala de Recurso Multifuncional na etapa da Educação Infantil, vemos que os livros sensoriais acolhem, amplificam e estimulam o imaginário dos educandos por meio dos sentidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio supervisionado como componente curricular da disciplina Estágio Supervisionado na Educação Infantil, vale salientar que foi desenvolvido numa Sala de Recursos Multifuncionais, que apresenta Abordagem Pikler que proporcionou fazer relação entre a teoria e prática.

A Abordagem Pikler apresenta conhecimento de experiências exitosas, que resultam da sistematização de propostas alicerçadas em princípios que buscam valorizar a infância, diante disso, os implementos escolhidos são de cores neutras que ganham composições de elementos que compõem os ambiente vivenciados pelos bebês e crianças fomentando o aconchego.

A maneira de cuidar de crianças em ambientes coletivos com foco na atenção e interação, bem como na liberação dos movimentos do bebê e orientação de sua autonomia.

Compreende - se que, devido a todas estas possibilidades, bem como, sua funcionalidade e utilidade, a mobília da abordagem Pikler-Lóczy se constitui em uma estratégia ou metodologia potente para as Salas de Recursos Multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado na etapa da Educação Infantil, tendo por finalidade desenvolver intervenções pedagógicas no processo de Estimulação Precoce dos bebês e crianças com deficiência perante as estratégias benéficas para as crianças atendidas.

Nesse contexto o ambiente corrobora para potencializar o processo de desenvolvimento dos bebês e crianças, vale salientar que o desenho das

crianças que são público - alvo do Atendimento Educacional Especializado - AEE, são de extrema relevância para compreender o processo de desenvolvimento juntamente com as especificidades descritas, perante o autoconhecimento.

Os desenho das crianças teciam múltiplas histórias significativas e de seus contextos de relações, os desenhos da pesquisa apresentaram mais os aspectos de reprodução diante da história contada ou do direcionamento dado para as crianças sobre o que deveriam desenhar, mas sim o reconhecimento e autoconhecimento das crianças no decorrer dos atendimento.

Por meio deste estágio pude desenvolver uma prática pedagógica que possibilitou exercer a iniciação à docência de maneira crítica reflexiva e inovadora. O estágio é de total importância para execução da docência uma vez que a partir do momento que pude me apropriar da fundamentação proporcionada e compartilhada pelas professoras e colegas envolvidas nesta etapa enriquecendo ainda mais nosso estágio, assim conseguir elaborar uma ação pedagógica contextualizada com aprendizado apresentado em sala de aula.

Ainda, vale esclarecer que, a finalidade central da Sala de Recursos Multifuncionais não se constitui em um substitutivo à escolarização em todas as etapas, níveis e modalidades, mas sim, na organização arquitetônica e pedagógica e recursos de Tecnologia Assistiva, Desenho Universal para Aprendizagem - DUA, que contribuam de forma efetiva para o desenvolvimento e aprendizagem do público atendido.

A abordagem pedagógica Pikler-Lóczy como metodologia inovadora, devido aos benefícios que a mesma oferece para as crianças atendidas nas Salas de Recursos Multifuncionais do Atendimento Educacional Especializado na etapa da Educação Infantil.

Portanto, o atendimento educacional especializado - AEE, pode e deve utilizar-se de estratégias e instrumentos que contribuam para a efetivação dos processos educativos que de fato se dão no âmbito da inclusão. Dentre estas estratégias, no âmbito deste ensaio teórico, propõe-se que a organização dos espaços e dos materiais contemplem os princípios da abordagem pedagógica Pikler-Lóczy e a Metodologia do Desenho Universal Para Aprendizagem - DUA.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lúcio Costa de; TARGINO, Edêlma; LEMOS, Evanice Brígida Cavalcanti. **Salas de recursos multifuncionais e o atendimento educacional especializado:** formação, práticas e pesquisas. Itapiranga: Schreiber, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <https://is.gd/EBsvAc>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- BRASIL. Presidência da República.
- BRASIL. MEC. CNE. Resolução nº 4, de 02 de Outubro de 2009. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.** Portal MEC, Brasília, DF, out. 2009. Disponível em: <https://is.gd/UiR6zX>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei Nº 14.880, de 4 de junho de 2024.** Altera a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 (Marco Legal da Primeira Infância). Disponível em: <https://is.gd/lH4c1v>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- CANTON, Kátia. **Novíssima arte brasileira:** um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- COCITO, Renata Pavesi. **A Abordagem Pikler-Lóczy e a organização do espaço para bebês na educação infantil.** Anais, Colloquium Humanarum, vol. 15, n. Especial 2, Jul–Dez, 2018, p. 1-7.
- GALVÃO FILHO, T. A. **Tecnologia assistiva:** favorecendo o desenvolvimento e a aprendizagem em contextos educacionais inclusivos. Disponível [http://www.galvaofilho.net/TA\\_educacao.pdf](http://www.galvaofilho.net/TA_educacao.pdf). Acesso em: 30 mar. 2025.
- MAGALHÃES, Cassiana. **As implicações do estágio para a construção da docência na Educação Infantil.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas/SP: Papirus, 2010.
- NUERNBERG, A. H. **Gênero no contexto da produção científica brasileira em Psicologia.** Tese. (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH) - Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- PESSOA, H.G.R. **O auto - retrato:** o espelho, as coisas. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP. 2006.
- RAATS, Cláudia. **Livro Sensorial ou quiet book.** In: Práticas pedagógicas para uma educação inclusiva: os professores da alegria [recurso eletrônico] / organizadores, Ana Carolina Sabino, Larissa Oliveira, Maria Cristina da Silva. Alfenas, 2021.

SARMENTO, Manuel J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José & PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura:** a comunicação e seus produtos / Muniz Sodré. 5. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

# VIVÊNCIAS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL-SRM: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Daniele Aparecida de Almeida<sup>1</sup>  
Gerliane Maria Ferreira<sup>2</sup>  
Karoline Ribeiro dos Santos<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado constitui uma das etapas mais significativas na formação acadêmica, pois é o momento em que ele aplica os conhecimentos adquiridos nas teorias abordadas ao longo da sua formação acadêmica e as experiências vividas, tendo a oportunidade de explorar as particularidades do Atendimento Educacional Especializado- AEE anos iniciais. Foi durante o estágio que enquanto acadêmicas da Licenciatura em Educação Especial e futuras educadoras, experienciamos a realidade dos alunos, reconhecendo suas dificuldades, singularidades e potencialidades em um ambiente repleto de crianças diversas.

É uma fase em que ocorre a conexão entre teoria e prática, permitindo ao acadêmico ter seu primeiro contato com a experiência de ser educador em sala de aula. Assim, o estágio supervisionado nos proporcionou inúmeras vivências e experiências, o contato com profissionais mais experientes que nos orientam a estabelecer uma boa relação com as crianças visando um trabalho colaborativo, além de nos permitir interagir diretamente com a realidade profissional para a qual estamos nos preparando, aprendendo a cultivar uma relação profissional e humana enriquecedora com os alunos público alvo da educação especial.

Nesta perspectiva destacamos que a inclusão escolar no Brasil trilhou um caminho árduo, mas promissor. Da segregação em escolas especiais à luta por uma educação de qualidade para todos, a trajetória foi marcada por leis, conquistas e desafios. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação

<sup>1</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Professora efetiva na Rede Regular Municipal de Itajaí-SC

<sup>2</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Assistente Educacional na Rede Municipal de Camboriú-SC.

<sup>3</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Assistente Educacional na Rede Municipal de Camboriú-SC.

Nacional (LDB) Lei 9394/96, consagrou a inclusão como um direito fundamental, abrindo as portas das escolas regulares para todos os estudantes.

A Resolução N° 2 CNE/CEB nº 2/2001 foi fundamental para a construção de uma educação brasileira mais inclusiva. Promulgada em 2001, se tornou a regente da Educação Especial no Brasil, estabelecendo diretrizes para a organização e o funcionamento da educação especial na educação básica. Essa resolução define os princípios, os objetivos e as modalidades de atendimento educacional especializado, além de orientar os sistemas de ensino na construção de uma educação de qualidade para todos os alunos.

No âmbito nacional, a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, instituída em 2008, reforça os princípios da convenção ao estabelecer diretrizes e estratégias para a promoção da inclusão escolar de alunos com deficiência. Através do Atendimento Educacional Especializado (AEE), essa política tem como objetivo assegurar que os alunos com deficiência tenham acesso, permaneçam e alcancem sucesso na escola, por meio de abordagens pedagógicas adaptadas as suas necessidades individuais (Brasil, 2008).

Assim, considera-se de extrema importância que a inclusão não seja reduzida ao simples compartilhamento de espaços comuns, como a sala de aula, devendo ser observada e incentivada a integração dos alunos, prática onde o professor deve atuar como facilitador e condutor de todo o processo educacional e social juntamente com toda a comunidade escolar e assim sendo realizado um trabalho colaborativo onde todos participem do desenvolvimento do educando.

Frente a este contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em três Sala de Recursos Mulfuncionais de três escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## **METODOLOGIA**

O presente relato tem como objetivo refletir sobre as experiências vivenciadas durante o período de estágio obrigatório no curso de Educação Especial ao 6º período, oferecido pela Universidade do Vale do Itajaí

(Univali) - Campus Itajaí- SC. Durante o estágio realizado de 23 de maio a 14 de junho de 2024, na **Escola 1**, situada em SC, onde as acadêmicas atenderam alunos do Ensino Fundamental nos Anos Iniciais. Segundo o Censo Escolar 2023 do INEP, a escola conta com 769 alunos nos Anos Iniciais, 613 nos Anos Finais, 89 na Educação Especial e 115 na Educação de Jovens e Adultos. Com estrutura acessível e adaptada, oferece corrimão, elevador, rampas, piso tátil e salas de aula acessíveis. A escola dispõe de um parque infantil, quadra esportiva coberta, salas climatizadas, biblioteca, sala de música/coral e refeitório com alimentação escolar. Na parte tecnológica, a instituição possui acesso à internet, computadores, tablets, lousa digital e laboratório de informática.

Figura 1 – Escola 1



Fonte: Autoras

Nas observações, na sala de recursos multifuncionais- SRM da Escola 1, constatou-se com um espaço amplo, arejado e bem equipado. Contava com armários para guardar os materiais, quadros sensoriais e fichários dos alunos. No entanto, a localização da sala, situada bem no centro do fluxo de alunos, professores e profissionais em geral, representou um desafio. Este posicionamento central, embora facilite o acesso, também resultava em distrações e dificuldades para manter um ambiente tranquilo e propício ao aprendizado especializado.

A **Escola 2** localiza-se no estado de Santa Catarina (SC), atendendo aproximadamente 1.400 estudantes, desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até o nono ano, incluindo também a modalidade de Educação de

Jovens e Adultos (EJA). Durante as observações, foi possível constatar que a escola estava passando por reformas. No entanto, a sala de recursos multifuncionais-SRM está localizada em um espaço adaptado, que é bastante pequeno. A professora responsável pelo AEE é formada em Pedagogia, com especialização em Educação Especial, e atua efetivamente na rede de ensino.

Figura 2 – Escola



Fonte: Autoras

## REFERENCIAL TEÓRICO

No ensino fundamental, a abordagem inclusiva é essencial para o desenvolvimento completo do aluno. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, por exemplo, estabelece que a educação deve ser oferecida a todos, sem discriminação. Além disso, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, instituída pelo Decreto nº 6.571/2008, reforça a importância do AEE como um serviço que complementa a educação regular, garantindo que alunos com deficiência tenham acesso a um ensino de qualidade. As experiências que vivemos durante o Estágio Supervisionado, como as observações em sala de aula e as práticas pedagógicas, são essenciais para que os futuros educadores entendam a importância de adaptar suas metodologias às necessidades de cada estudante. Essa reflexão é apoiada por autores como Vygotsky (1997; 2008), que enfatiza que a aprendizagem acontece por meio das interações sociais e que o papel do professor é crucial para criar um ambiente favorável ao aprendizado.

Ao encontro de Vygotsky (1997; 2008), Mantoan (2003) evidencia que a inclusão é um direito de todas as crianças. Ela ressalta que a escola deve ser um lugar onde cada aluno é reconhecido como um ser único, com suas próprias necessidades e talentos. Por isso, as estratégias de ensino precisam estar baseadas em princípios de cuidado, respeito e acolhimento, criando um ambiente escolar que valorize a diversidade.

Assim, considera-se o Atendimento Educacional Especializado (AEE) fundamental para garantir o direito à educação inclusiva, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Conforme estabelecido pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996), o AEE deve ser oferecido preferencialmente na sala de recursos multifuncionais, em turno contrário ao da escolarização, e tem como objetivo complementar ou suplementar a formação dos estudantes, garantindo sua participação plena no currículo escolar. Essas legislações asseguram que o AEE é um direito e uma ferramenta essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva.

Mantoan (2003) reforça que o AEE desempenha um papel decisivo na remoção de barreiras à aprendizagem e à participação, contribuindo para a valorização da diversidade no ambiente escolar. A autora ainda destaca que a inclusão não se resume à matrícula, mas sim ao efetivo desenvolvimento dos alunos, o que requer práticas pedagógicas diferenciadas, recursos acessíveis e profissionais especializados. O AEE, portanto, deve articular-se com o ensino comum para oferecer estratégias pedagógicas que respeitem as singularidades dos estudantes, promovendo sua autonomia e protagonismo no processo de aprendizagem.

Além disso, diretrizes como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) orientam que o AEE seja planejado com base nas necessidades específicas dos alunos, promovendo acessibilidade, desenvolvimento de habilidades funcionais e apoio na utilização de tecnologias assistivas. Segundo Pletsch (2010), o AEE não é um espaço de substituição da escolarização regular, mas um suporte que visa ampliar as possibilidades de aprendizagem e participação dos estudantes no ensino comum. Dessa forma, o AEE fortalece o princípio da equidade

na educação, contribuindo significativamente para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos atendidos.

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Sabendo da importância que a Educação Especial tem sobre a formação da criança, o estágio nos proporcionou momentos valiosos de interação com os educandos e nos permitiu vivenciar a importância de reconhecer e implementar adaptações na educação especial. Com isso, podemos perceber que tais adaptações são essenciais para que todos os educandos se desenvolvam de maneira inclusiva.

No período de observação, **na escola 1** da academica Karol, ficou evidente a afinidade do educando com a professora da sala de recursos, que ele frequenta desde a educação infantil. Este vínculo positivo é fundamental para seu desenvolvimento e aprendizado. Além das atividades na escola, ele também faz atendimento em centro especializado, o que contribui para um suporte abrangente e integrado.

O aluno chegava sempre muito agitado na sala de recursos, levando um bom tempo para se organizar. A professora, ciente dessa característica, desenvolveu estratégias específicas para ajudá-lo a se acalmar e se preparar para as atividades. Após se regular, participa ativamente das sessões de atendimento, sendo um aluno assíduo. Como o filho caçula de sua família, ele recebe apoio e carinho tanto em casa quanto na escola. Durante as observações, notei que seu tempo de permanência nas atividades é curto, exigindo intervenções constantes da professora para mantê-lo engajado. As atividades são adaptadas para atender às suas necessidades e interesses.

A professora utilizou diversas estratégias e materiais pedagógicos para promover o aprendizado e a concentração. Durante as sessões, foram usados jogos de memória, atividades de pareamento e jogos para concentração. Essas atividades não só mantiveram o aluno interessado, mas também ajudaram a desenvolver suas habilidades cognitivas e sociais. A professora estava sempre atenta às suas reações, ajustando as atividades conforme necessário para garantir que ele se mantenha engajado e motivado.

Figura 1 – Atividades escola 1



Fonte: Autora

Após observar que o educando, tem um forte interesse por trens, desenvolvi uma intervenção pedagógica que utilizasse esse interesse para promover seu aprendizado e desenvolvimento em diversas áreas. A intervenção foi dividida em duas partes principais: orientação espacial e compreensão do sistema monetário.

Para trabalhar o senso de orientação espacial dele, criei um mapa do percurso de sua casa até a escola. Usando um trem de papel como elemento central, o aluno foi instruído a seguir o percurso no mapa após receber comandos específicos. Durante essa atividade, eu intervia para pontuar os pontos de referência, auxiliando-o na conclusão da tarefa proposta.

No segundo momento da intervenção, utilizamos o mapa e uma imagem de supermercado. Com o apoio do trem de papel, ele foi guiado a “fazer o caminho” até o supermercado. Uma vez lá, utilizamos um panfleto de supermercado para escolher produtos de interesse dele. Ele fez a relação entre o preço da mercadoria e o dinheiro de brinquedo disponível.

Figura 2 – Atividade AEE



Fonte: Autora

Na observação **na escola 1** da academica Gerliane, acompanhou a professora do AEE na sala regular, devido a agente de apoio da aluna observada estar de licença nos meses de março e abril. Notamos que aluna demonstra uma energia contagiante e dificuldade em manter o foco em uma única atividade por muito tempo, tem pouco contato visual e fica muitas vezes olhando para cima é resistente nas atividades de pouco interesse e quando não quer fazer algo, balança com a cabeça no sentido não.

Apresentou dificuldade na coordenação motora fina e ampla, vem para escola em um carrinho de bebê e não caminha sozinha, utilizando na escola o andador para locomover. Exibe estereotipias balançando a cabeça e mãos, faz uso do babador, em relação a psicomotricidade, está começando a pintar dentro dos limites, mas precisa de mediação. A educanda interage muito bem com os colegas e professores, participa de todas as atividades de sala de aula que são adaptadas a ela, nas aulas de educação física se envolve com entusiasmo, no intervalo gosta de brincar no parquinho e passear pelo patio.

Para a intervenção implementamos atividades curtas e dinâmicas para estimular sua atenção, promover o desenvolvimento motor, valorizar suas interações com os colegas e incentivar momentos de interação social que sejam adequados ao ritmo. Trabalhamos as vogais, números de 0 a 5, coordenação psicomotora, percepção, atenção e autonomia através de atividades de colagem, recorte, rasgadur, pintura, desenho, entre outros.

Na parte da linguagem, introduzimos atividades que envolvem vocalizações e associações sonoras, buscando fortalecer as habilidades de comunicação, foram realizadas atividades lúdicas com contação de histórias, músicas e brincadeiras de faz de conta.

Nas atividades de AVD'S foi trabalhado para aluna dar continuidade em alimentar-se sozinha utilizando o adaptador na colher, sentar e levantar no vaso sanitário, e desenvolver sua autonomia com sua higiene pessoal. A educanda dentro de suas limitações tem compreensão do que lhe é pedido e apresenta iniciativa nas atividades de seu interesse.

Durante as observações da academica Daniele na sala de recursos multifuncionais, na **escola 2**, ficou evidente a importância de adaptar materiais e recursos educativos que promovam tanto o desenvolvimento de habilidades quanto o aprendizado dos alunos, levando em consideração suas especificidades.

A professora responsável pelo AEE é formada em pedagogia, com especialização em educação especial. Como ela entrou recentemente no município, realizou apenas quatro atendimentos com o educando até o momento. No entanto, ela demonstra ser bastante inclusiva e realiza os atendimentos com grande engajamento.

Na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), para a intervenção foi aplicada uma metodologia lúdica e interativa para estimular o aprendizado do educando. Como recurso foi utilizado um jogo de rimas com desenhos, onde o educando era estimulado a associar uma imagem a outra, percebendo que as mesmas rimavam com a mesma sílaba. Por exemplo, a imagem de ‘casa’ rima com ‘asa’.

O estágio me proporcionou momentos valiosos de interação com os educandos e me permitiu vivenciar a importância de reconhecer e implementar adaptações na educação especial. Com isso, pude perceber que tais adaptações são essenciais para que todos os educandos se desenvolvam de maneira inclusiva.

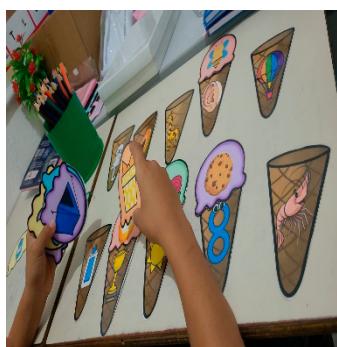


Foto: Recurso de intervenção da sala (AEE), sorvete das rimas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de acompanhar os educandos em suas atividades na sala de recursos foi extremamente enriquecedora. Este estágio reforçou a importância do Atendimento Educacional Especializado, da personalização do ensino e da criação de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

A intervenção pedagógica baseada no interesse dos alunos se mostrou eficaz em engajar e promover seu desenvolvimento em diversas áreas. O uso de materiais adaptados fez com que os educandos se mantivessem focado e motivados, facilitando a aprendizagem de conceitos. Esta abordagem personalizada e lúdica não apenas ajudou a desenvolver habilidades específicas, mas também reforçou a importância de adaptar as estratégias pedagógicas aos interesses e necessidades individuais dos alunos.

Observei que o ensino colaborativo entre todos os que acompanham os estudantes contribui para que todos os profissionais se sintam confiante para que assim desenvolvam todas as habilidades e potencialidades dos educandos.

A dedicação e o engajamento das professoras da sala do AEE, serviram como um modelo inspirador de como a inclusão pode ser praticada com compromisso. O estágio também possibilitou observar a importância da formação continuada e especializada para os profissionais da educação, reafirmando a necessidade de um aprendizado constante para melhor atender às diversas necessidades dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 2015).

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. MEC/SEESP, 2008.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

PLETSCH, M. D. *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: interfaces com o atendimento educacional especializado*. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 23, n. 38, p. 395–408, 2010.

YGOTSKY, L. S. A Formação Social Da Mente. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Censo Escolar 2023, INEP.

# ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE: ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Karolyne Cleusa Muniz Pereira<sup>1</sup>

Luciana Felipe Ernesto<sup>2</sup>

Samara Maciel Farias<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é uma abordagem educacional que visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade dentro do ambiente escolar (Mantoan, 2015). Esse movimento busca garantir que cada estudante tenha acesso equitativo às oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, promovendo uma educação inclusiva e de qualidade para todos, embasada em princípios de igualdade, respeito à diversidade e direito à educação.

Discutir a inclusão escolar envolve compreender suas múltiplas dimensões, incluindo as adaptações curriculares, o apoio especializado, a formação de professores e a criação de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso. Neste contexto torna-se fundamental que as escolas se transformem para atender às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas diferenças físicas, cognitivas, emocionais ou sociais, no ambiente escolar regular.

Assim, compreendemos que se torna necessário romper com o paradigma da normalização, que historicamente excluiu uma parcela da sociedade (Mantoan, 2015), envolvendo o entendimento das múltiplas dimensões, incluindo as adaptações curriculares, o apoio especializado, a formação de professores e a criação de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso. É fundamental que as escolas se transformem para atender às necessidades de todos.

<sup>1</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Professora da Educação Infantil da Rede Privada.

<sup>2</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Pedagoga. Especialista em Docência na Educação Infantil e Professora na Rede Estadual de SC e na Rede Municipal de Itajaí-SC.

<sup>3</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Mediadora no Colégio de Aplicação da UNIVALI-SC.

Nesta perspectiva vale destacarmos que o Censo Escolar mais recente, divulgado em 2024, trouxe dados atualizados sobre a educação especial no Brasil. Segundo o levantamento, o número de matrículas na educação especial chegou a 1,8 milhão em 2023, representando 3,7% das matrículas da educação básica. Esse número reflete um crescimento significativo em relação aos anos anteriores, com destaque para o aumento de alunos incluídos em classes regulares, que agora representam 91,3% do total (Brasil, 2024).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) traz como objetivo principal garantir a inclusão de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no ensino regular, assegurando-lhes o acesso, a participação e a aprendizagem em igualdade de condições com os demais alunos, essa política visa à construção de uma escola inclusiva, onde todos os alunos sejam valorizados e tenham oportunidades de aprendizado pleno (Brasil, 2008).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é de extrema importância para estudantes com deficiência nos anos iniciais da educação. O AEE visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas, tenham acesso igualitário à educação. Ele promove a inclusão, permitindo que os estudantes com deficiência participem plenamente das atividades escolares. Assim, considera-se que Atendimento Educacional Especializado é fundamental para promover a igualdade de oportunidades e garantir que todos os estudantes alcancem seu potencial máximo, independentemente de suas habilidades ou limitações.

Frente a este contexto, a presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em três Salas de Recursos Mulfuncionais de três escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## **METODOLOGIA**

O presente capítulo aborda nossas vivências durante o período de Estágio Supervisionado II no Atendimento Educacional Especializado-AEE, em três escolas municipais localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

**A Escola 1** no momento do estágio atendia 667 alunos do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental nos períodos matutino e vespertino ofertando também algumas oficinas e projetos de contraturno escolar. A Sala de Recursos Multifuncionais-SRM no momento do estágio era ampla e bem arejada, contendo mesas e um computador. Para além apresentava diversos materiais pedagógicos, sendo uma boa parte dos materiais oferecido pela prefeitura e a outra parte foi a professora do AEE confeccionou. Ressalta-se ainda que o AEE não se configura apenas no atendimento aos estudantes, mas também em orientações aos pais, profissionais da unidade escolar, articulação com equipe multiprofissional, produção e adequação de materiais, entre outros.

Foto 1- Sala de Recursos Multifuncionais-SRM



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

**A Escola 2** contempla os anos iniciais do Ensino Fundamental, atendendo em média 460 alunos nos anos iniciais e 269 dos anos finais, totalizando 756 alunos. A Sala de Recursos Multifuncionais-SRM fica localizada no piso superior, com um espaço dividido em duas partes, um lado fica uma mesa ampla e redonda onde são desenvolvidas a maior parte das vivências e o outro lado fica um quadro imantado com letras

do alfabeto e prateleiras com brinquedos, tapete e almofadas para os atendimentos. Possui uma estante com jogos pedagógicos, maior parte comprada com recursos da professora do atendimento. Dispõe de duas mesas grandes com computador, impressora e dois tablets. Mobiliários adequados e adaptados para as necessidades dos alunos. Umas das cadeiras possui um elástico em volto para a regulação de crianças com ansiedade características do Transtorno do Espectro Autista-TEA.

Foto 2- Sala de Recursos Multifuncionais-SRM



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

**A Escola 3** no momento do estágio contava com 14 salas de aula do Ensino Fundamental. O número de matrículas na unidade escolar era de 810 alunos, atendendo crianças e adolescentes na faixa etária entre 6 à 15 anos, distribuídos nos períodos matutino e vespertino, do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. A infraestrutura da escola era projetada em um único piso térreo, eliminando a necessidade de escadas e proporcionando um ambiente acessível para todos os alunos, funcionários e visitantes.

Além das salas de aula, a escola dispõe de diversos espaços e recursos que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, como biblioteca, laboratório de informática, quadra de esportes, áreas de recreação e recur-

sos tecnológicos, como computadores e lousas digitais, as quais estão disponíveis para uso dos alunos e professores, integrando a tecnologia ao cotidiano escolar.

Foto 3- Sala de Recursos Multifuncionais-SRM



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

A Sala de Recursos Multifuncionais-SRM garante fácil acesso para todos os alunos. O espaço é amplo e bem arejado, proporcionando um ambiente confortável e propício para o desenvolvimento das atividades educacionais. O espaço é equipado com uma mesa redonda, onde são realizadas a maioria das atividades pedagógicas, promovendo a interação e o engajamento dos alunos. Além disso, a sala conta com uma variedade de materiais, parte dos quais fornecidos pela prefeitura municipal e outra parte confeccionada pela professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), a qual adapta o espaço de acordo com as necessidades dos alunos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é essencial para garantir a inclusão de alunos com deficiência, transtornos do desenvolvi-

mento e altas habilidades. Ele complementa o ensino comum, oferecendo recursos e estratégias que promovem a autonomia e a aprendizagem. Segundo a Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008), o AEE busca eliminar barreiras à participação plena dos alunos. Como destaca Mantoan (2015, p.22), “a escola inclusiva se transforma para atender a todos, garantindo os apoios necessários”.

Este atendimento é de extrema importância para estudantes com deficiência na educação e visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas, tenham acesso igualitário à educação. Ele promove a inclusão, permitindo que os estudantes com deficiência participem plenamente das atividades escolares. Assim, considera-se que Atendimento Educacional Especializado é fundamental para promover a igualdade de oportunidades e garantir que todos os estudantes alcancem seu potencial máximo, independentemente de suas habilidades ou limitações.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), é um serviço que complementa ou suplementa a escolarização de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Deve ser oferecido preferencialmente na escola regular, em salas de recursos multifuncionais, com o objetivo de promover a autonomia e a participação desses alunos. Já a Resolução CNE/CEB nº 4/2009 regulamenta a oferta do AEE, determinando que ele deve ocorrer no contraturno, ser realizado por professor com formação específica e fazer parte do projeto pedagógico da escola, garantindo o direito à dupla matrícula e à articulação entre ensino comum e especializado.

A inclusão escolar não se limita a permitir a presença de alunos com deficiência nas escolas regulares; trata-se de criar um espaço onde as diferenças sejam valorizadas e a diversidade seja vista como uma riqueza. Nesse sentido, Mantoan (2015) reforça o papel essencial da escola em proporcionar oportunidades de mudança de perspectiva, tanto para os educadores quanto para os alunos. Ao aprender a enxergar o mesmo objeto ou situação por diferentes ângulos, como ela menciona, é possível fomentar a empatia, a colaboração e o respeito mútuo.

Neste contexto comprehende-se que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) também é reconhecido na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). A LBI estabelece que o AEE é um direito garantido às pessoas com deficiência, preferencialmente oferecido na rede regular de ensino. Ela reforça a necessidade de eliminar barreiras e promover a acessibilidade, assegurando a inclusão plena e a igualdade de oportunidades.

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Este relatório apresenta as atividades desenvolvidas durante o estágio realizado em três escolas diferentes no município de Itajaí-SC, com foco no trabalho realizado na Sala de Recursos Multifuncional. As intervenções buscaram promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e sociais por meio de atividades lúdicas e adaptadas, respeitando as particularidades de cada estudante e mantendo articulação com os professores regentes e professores da Sala de Recurso.

Na **Escola 1** o aluno observado apresentou laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 2. O plano de intervenção na Sala de Recursos Multifuncional-SEM teve como objetivo desenvolver habilidades cognitivas, motoras e sociais para propiciar o desenvolvimento do aluno. Na observação inicial, verificou-se que, na área cognitiva, o aluno apresentava dificuldade em manter a concentração, distraindo-se com facilidade, mas respondendo bem a estímulos imediatos. O aluno se encontrava em fase de alfabetização, reconhecendo números e cores. No aspecto social, é calmo e carinhoso, porém interage pouco em atividades coletivas estranhando mudanças no ambiente, alternando entre aceitar comandos e apresentar comportamento agressivo.

Os objetivos do plano de intervenção visaram estimular a atenção, a concentração, a memória visual e raciocínio lógico-matemático, além de aprimorar a coordenação motora. No âmbito social, buscou-se incentivar a escuta ativa e desenvolver a autoconfiança. Para isso, foram aplicadas duas atividades lúdicas de matemática, conforme solicitado pela professora regente, ambas voltadas para o estímulo cognitivo, a promoção da autonomia no aprendizado e o incentivo à resolução de problemas de forma independente.

Os recursos utilizados incluíram um jogo de matemática, confecionado com uma caixa de sapato, EVA e rolos de papel higiênico, onde os números foram marcados no EVA fixado nos rolos, e garrafas sensoriais, compostas por três garrafas de 500 ml preenchidas com água colorida com tinta guache e acompanhadas de argolas para atividades interativas.

O aluno demonstrou certo estresse no início da atividade, mas participou da proposta juntamente com outra criança. A atividade foi aplicada com sucesso e os materiais adaptados foram entregues para uso na sala regular. Atualmente, ele faz uso do recurso como apoio em seu processo de aprendizagem.

Foto 4- Atividade intervenção AEE



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

A avaliação da atividade de intervenção foi baseada na comunicação e interação social, observando a capacidade do aluno de expressar suas necessidades e interagir com os colegas, além do desenvolvimento da iniciativa e criatividade na resolução de desafios propostos. O plano de intervenção buscou fortalecer habilidades essenciais para o aprendizado e adaptação do aluno, promovendo um ambiente inclusivo e estimulante.

Na **Escola 2** foi desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncionais-SRM o conceito da sala regular (mapa de mesa feito com encaixes por regiões e cores). Para a elaboração utilizamos massinha de modelar para contornar o mapa, separando-o por cores. Para trabalharmos a mistura de cores, as misturamos (verde, vermelho, laranja, amarelo e roxo). Também foi possibilitado aluno o reconhecimento das iniciais das regiões através de

moldes de letras do alfabeto e assim mediamos o conhecimento por meio de letras, palavras, cores e a localização dos estados do Brasil.

A aplicação do material proposto foi a seguinte: o aluno chegou, segui a rotina da professora da SRM, explicando o que iríamos fazer naquele momento, apresentei a ele os materiais (mapa do Brasil), fiz a seguinte pergunta: o que é? resposta: mapa do mundo. Apresentei o mapa dizendo ser o mapa do Brasil, país que nós morávamos, o qual é separado por regiões e que morávamos na região sul, representado ali na cor roxa, mas que havia outras regiões e estavam representadas por outras cores como região norte, nordeste, centro – oeste, sudeste e sul, cada uma no momento da apresentação estava representada por uma cor.

Apresentei o mapa em forma de quebra-cabeça, e ele foi montado de acordo com as peças para encaixar. O movimento de tirar e colocar foi adquirindo a paciência, a percepção do tamanho das peças, a comparação dos encaixes e o pareamento das cores e letras.

Após os encaixes e desencaixe trabalhei o som das letras com as siglas das regiões por exemplo RS (Rio Grande do Sul) para que o aluno montasse as siglas no mapa. No inicio o aluno apresentou dificuldades em reconhecer pela oralidade somente, então fizemos a comparação com o alfabeto móvel. Na comparação ele montava a sigla e fazia a busca pelo mapa, comparando e me mostrando onde se encontrava cada região. Identificamos a escrita do estado onde morávamos, a cor por qual estava representada e afins. Após essa atividade fomos cobrir o mapa com massa de modelar, trabalhando o limite das regiões , separados por cores e 1 região em específico não tinha na palheta de cores da massinha , fiz ele observar qual cor estava faltando (roxa). Com questionamentos: como vamos conseguir essa cor? O aluno sugeriu a ideia de pintar ou misturar. Opa! tínhamos uma solução! E agora, qual cor misturar para fazer a cor roxa? Cantamos a música das cores para entender, identificar e experimentar se conseguíamos a cor que estava faltando. Assim, trabalhamos o ouvir e descobrir que a cor azul com vermelho resulta em roxo.

Foto 5- Atividade intervenção AEE



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

Na **Escola 3** a atividade foi realizada na Sala de Recursos Multifuncional-SRM, com o objetivo de estimular a alfabetização e a coordenação motora do aluno por meio do jogo educativo “Caixa das Letras”. O recurso didático consistiu em uma caixa decorada, contendo tampinhas de garrafa com sílabas, permitindo que o aluno formasse palavras relacionadas à alimentação saudável. No início da atividade, apresentei o material ao aluno, explicando a dinâmica do jogo e demonstrando como encontrar as sílabas corretas para formar as palavras. Utilizei imagens ilustrativas de frutas e verduras para facilitar a associação dos sons e reforçar o conceito de alimentação saudável.

Foto 6- Atividade intervenção AEE



Fonte: Acevo das pesquisadoras.

Durante a execução da atividade, o aluno demonstrou curiosidade e interesse, manipulando as tampinhas e tentando organizá-las para formar as palavras propostas. Observei que, inicialmente, houve certa dificuldade no reconhecimento de algumas sílabas, mas, com incentivo e orientação, ele conseguiu evoluir gradualmente. A participação ativa do aluno foi notável, especialmente quando começou a verbalizar algumas palavras antes de concluir-las. Além disso, ao perceber que acertava as combinações, ele expressava satisfação, o que contribuiu positivamente para sua autoestima e motivação.

No decorrer da atividade, notei avanços na atenção e concentração do aluno. Ele manteve o foco por um período maior do que o esperado e demonstrou progresso na formação de palavras com menos intervenção minha. Essa evolução indica que a atividade foi eficaz para o desenvolvimento da linguagem, do raciocínio lógico e da coordenação motora fina. Ao final, fizemos uma breve revisão das palavras formadas, reforçando os conceitos trabalhados. O aluno demonstrou interesse em repetir a atividade em outro momento, evidenciando o engajamento e o impacto positivo do jogo no seu aprendizado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**Escola 1** O estágio contribuiu para minha formação profissional ao me proporcionar uma visão realista dos desafios e das recompensas da educação especial. Aprendi a importância do trabalho colaborativo com outros profissionais, como professores regulares e agentes de apoio, para garantir que os alunos recebam o suporte necessário. Esse período de estágio reforçou minha vocação para a área e aumentou meu compromisso com a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade.

Em conclusão, o estágio foi uma experiência transformadora que ampliou meus conhecimentos, habilidades e competências na área da Educação Especial. A prática diária e as interações com alunos e profissionais enriqueceram minha formação e me prepararam melhor para os desafios da carreira docente. Estou mais confiante e motivada para continuar minha jornada na educação, com a certeza de que posso fazer a diferença na vida dos meus futuros alunos.

**Escola 2** O estágio supervisionado no ensino fundamental anos iniciais na sala de recurso foi um desafio para minha formação, pois com ele observei e apliquei materiais aos qual estávamos programando e socializando em sala de aula. Na intervenção tive um pouco de insegurança a princípio com os materiais confeccionados e nervosismo para a aplicabilidade, com o auxílio da professora orientadora de estágio em sala de aula e com a professora de recursos na escola, me senti confiante e encarei o desafio. As atividades desenvolvidas transcorrerão de acordo com o planejado Kaio demonstrou interesse nas atividades propostas e participou de todas, a ansiedade foi uma questão forte para ele o controle corporal, a concentração, a comparação todas as atividades foram desenvolvidas. Com isso também tive a dica/ auxílio da professora de recursos onde ela me orientou a apresentar uma atividade por vez para que o aluno não ficasse ansioso ou perdesse o foco no que estava fazendo, pois com a euforia de ter diversos materiais expostos ele queria fazer tudo ao mesmo tempo, essa dica foi muito valiosa para o meu aprendizado.

**Escola 3** Concluir o estágio em educação especial no ensino fundamental foi uma experiência profundamente enriquecedora que proporcionou um aprendizado valioso e abrangente. Durante este período, tive a oportunidade de observar e intervir em práticas pedagógicas voltadas para a inclusão escolar, o que ampliou significativamente minha compreensão sobre a educação inclusiva.

A observação tanto na sala regular quanto na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) permitiu-me entender as dinâmicas educacionais e as necessidades específicas dos alunos com necessidades educacionais especiais. A intervenção realizada, especialmente com a atividade, destacou a importância lúdicas e interativas no processo de aprendizagem, reforçando a necessidade de adaptar metodologias para atender a todos os alunos de maneira eficaz.

Desenvolvi habilidades críticas como observação detalhada, a adaptação curricular e a aplicação de estratégias pedagógicas inclusivas. Essas competências são essenciais para qualquer educador que busca promover uma educação de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas habilidades e necessidades individuais. O estágio contribuiu de forma significativa para a minha formação acadêmica e profissional. Reforçou

meus conhecimentos teóricos sobre a inclusão escolar e práticas pedagógicas adaptadas, proporcionando uma aplicação prática desses conceitos.

Profissionalmente, o estágio aprimorou minhas habilidades de planejamento, execução e avaliação de atividades educativas, preparando-me para lidar com a diversidade. Além disso, a experiência prática em um ambiente escolar real reforçou a importância da colaboração entre professores e especialistas em educação especial, demonstrando como o trabalho em equipe pode otimizar os resultados educacionais para alunos com necessidades específicas. Essa vivência prática é inestimável e certamente moldará minha abordagem profissional futura.

Essas três experiências vividas nas Salas de Recursos Multifuncionais para nós evidencia um crescimento significativo, tanto profissional quanto pessoal. Cada etapa, desde a observação até a intervenção prática, contribuiu para fortalecer nossas competências pedagógicas e ampliar nossa perspectiva sobre a educação inclusiva. O apoio das professoras orientadoras, aliado disposição para enfrentar desafios e aprender com eles, foi crucial para o sucesso dessas vivências. As experiências proporcionaram um entendimento mais profundo das necessidades dos alunos com deficiência e a importância de adaptar estratégias pedagógicas para alcançar resultados eficazes. A construção de confiança, a aplicação prática de atividades lúdicas e a colaboração com profissionais da área são reflexos do compromisso e da dedicação que marcaram nossos estágios. A certeza de que é possível impactar positivamente a vida dos alunos é a base para nossa atuação como educadoras, em busca de práticas docente cada vez mais eficazes e inclusivas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 2009. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611)

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

# ESTÁGIO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS- SRM OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO NOS ANOS INICIAIS

Alessandra da Rocha Vieira<sup>1</sup>

Neide Machado<sup>2</sup>

Sandra Regina Roza<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo visa apresentar os relatos das vivências durante o Estágio Supervisionado no contexto da Educação Especial, que ocorreram no Atendimento Educacional Especializado-AEE Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As autoras participaram do estágio de forma individual, e aqui discorrem sobre as experiências vividas nos âmbitos da observação e intervenção.

No entanto antes de discorrermos sobre as vivências dos estágios, vale destacar que de acordo com o Censo Escolar 2023, o número de matrículas na educação especial no Brasil, chegou a 1.771.430, representando um aumento de 41,6% nos últimos cinco anos. Sendo que a maior concentração dessas matrículas está no ensino fundamental, com 62,90% do total, seguido pela educação infantil com 16% e o ensino médio com 12,6%. Em termos de distribuição por tipos de deficiência, 53,7% dos alunos matriculados na educação especial possuem deficiência intelectual. Os estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) representam 35,9% das matrículas, seguidos por aqueles com deficiência física (9,2%), baixa visão (4,9%), e deficiência auditiva (2,3%). Além disso, há um número significativo de alunos com altas habilidades ou superdotação e outras deficiências menos comuns (Brasil, 2023).

<sup>1</sup>Bacharel em Serviço Social pela UNIVALI; Licencianda do Curso de Educação Especial da UNIVALI. Cursando Especialização em Elaboração e planejamento de projetos sociais-Faculeste Políticas sociais e gestão de serviços sociais-Faculeste Serviço social em oncologia-Faculeste Serviço social na educação-Faculeste

<sup>2</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI.

<sup>3</sup>Licencianda em Educação Especial-UNIVALI.

Neste contexto cabe ressaltar que a inclusão dos estudantes público alvo da educação especial em classes comuns tem mostrado avanços. Em 2023, 95% dos alunos de 4 a 17 anos, na educação especial, estavam matriculados em classes regulares, aproximando o Brasil das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2023).

Apesar dos dados destacados, vale ressaltar que para a inclusão escolar ocorrer, segundo Mantoan (2015), as mudanças precisam ser um compromisso conjunto da sociedade; caso contrário, o prejudicado acaba sendo o maior interessado: o próprio aluno. A autora ainda afirma que a resistência da escola tradicional, perante a inclusão, reflete sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diferença e da variedade.

Nessa perspectiva a Política Nacional de Educação Especial de 2008, ressalta que a educação especial deve integrar a proposta pedagógica da escola, eliminando barreiras para a plena participação dos estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e altas habilidades/superdotação, por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (Brasil, 2008).

O Atendimento Educacional Especializado-AEE torna-se essencial para garantir que estudantes com deficiência e transtornos recebam suporte acadêmico e social, promovendo a inclusão, desenvolvendo a autoconfiança e assegurando que as necessidades educacionais específicas sejam atendidas de forma eficaz e articuladas com o professor de sala comum. Essa articulação é constatada na Resolução Nº 04/2009, Art. 13, inciso VIII, onde consta que o professor do AEE precisa articular com o professor de sala de aula estratégias e recursos para a acessibilidade e promoção da participação do aluno nas atividades escolares.

A articulação segundo Braun (2012, p.75), tem, como objetivo, “a colaboração entre professores no desenvolvimento de atividades no cotidiano escolar, mais especificamente da sala de aula”. Na perspectiva desse ensino, os professores compartilham as decisões e são os responsáveis pelo processo pedagógico, o qual visa favorecer as ações educacionais inclusivas.

Frente a este contexto, a presente capítulo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em três Salas de

Recursos Multifuncionais de três escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## METODOLOGIA

O presente capítulo aborda minhas vivências durante todo o período do Estágio Supervisionado II no Atendimento Educacional Especializado-AEE Anos Iniciais do Ensino fundamental em três escolas municipais localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

**A Escola 1**, conta com 803 alunos matriculados, distribuídos nos turnos Matutino, Vespertino e o EJA no Período Noturno. Dentre os alunos matriculados, 29 frequentam o Atendimento Educacional Especializado-AEE.

A escola possui 13 salas de ensino regular e uma Sala de Recursos Multifuncional-SRM, que recebe os alunos nos períodos matutino e vespertino. A infraestrutura física conta com Quadra Esportiva e gramado onde é realizado a Educação Física nos dias de sol e onde as crianças usam para o recreio. No momento do estágio, ela estava passando por uma grande reforma, que acontecia simultaneamente em meio as aulas. Quanto à acessibilidade arquitetônica, ela atende os requisitos das políticas públicas, conta com rampa de acesso na entrada, no pátio interno está sendo construída rampa. Possui 1 elevador em funcionamento e está sendo construído mais um.

Figura 1 – Acessibilidade na Escola 1



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

A Sala de Recursos Multifuncional-SRM é um local amplo, bem arejado, medindo aproximadamente 36 m2. Possui uma mesa redonda com cadeiras, e uma mesa menor com cadeiras coloridas. É bem equipada com vários recursos, jogos, além de computador e impressora.

Figura 2 – Sala do AEE – Escola 1



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

**A Escola 2**, possui prédio escolar bem estruturado, os espaços são amplos e claros. A iluminação e a ventilação são de excelente qualidade em todas as salas de aula, inclusive no prédio em geral. As salas de aula da instituição têm as paredes decoradas com muita criatividade, como, pinturas, imagens ilustrativas, alfabeto móvel colorido, cartazes com frases, varal didático e alfabeto de borracha, entre outras decorações. Além desses aspectos foi constatado que a escola é inclusiva, em vários âmbitos: acessibilidade arquitetônica, atitudinal e pedagógica. No ano de 2023 a Escola 2 contava com 803 alunos matriculados, sendo 497 anos iniciais, 306 anos finais e 32 matriculados no Atendimento Educacional Especializado-AEE.

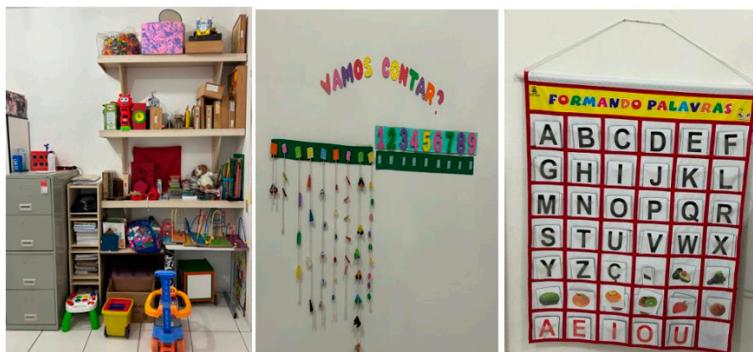
Figura 3 e 4 – Refeitório e Pátio Interno – Escola 2



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

A Sala de Recursos Multifuncionais é um ambiente projetado para atender às necessidades educacionais dos alunos. Este espaço é equipado com diversos recursos pedagógicos, tecnológicos e materiais adaptados, proporcionando um ambiente inclusivo e acessível. A sala está dividida em várias áreas funcionais para atender diferentes atividades e necessidades dos alunos. Mesas e cadeiras ajustáveis, adaptadas para alunos com diferentes tipos de deficiência, tablet e outros dispositivos tecnológicos com softwares educativos e de comunicação alternativa.

Figura 5, 6 e 7 – Sala do AEE – Escola 2



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

**A Escola 3** é uma instituição pública de ensino fundamental que atende cerca de 500 alunos, dentre estes 15 alunos possuem laudo de deficiência. Dispõe de um corpo docente composto por 30 professores e conta com o apoio de 10 funcionários. A escola possui uma estrutura acessível, incluindo rampas de acesso, banheiros adaptados e corredores amplos para garantir a mobilidade. Além da acessibilidade arquitetônica, a escola adota estratégias metodológicas e atitudinais que promovem a inclusão e asseguram a equidade no processo educativo. Embora a acessibilidade arquitetônica seja um elemento essencial para a inclusão, ela, por si só, não é suficiente. Para garantir a plena participação dos alunos, é imprescindível complementar a acessibilidade arquitetônica com estratégias metodológicas e atitudinais que promovam a inclusão e assegurem a equidade no processo educativo.

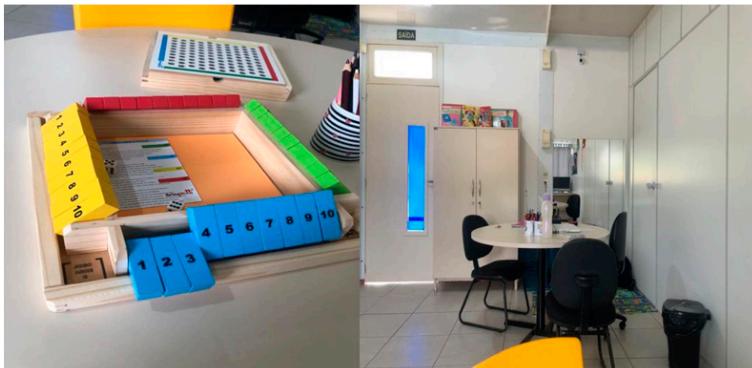
Figura 8 e 9 – Acessibilidade e Pátio Interno – Escola 3



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

A escola dispõe de uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), equipada com materiais pedagógicos adaptados, como livros em braille, softwares de acessibilidade e jogos educativos. Além dos 15 alunos da escola atendidos no AEE, o atendimento ainda realiza atendimento especializado para mais 14 alunos provenientes de comunidades rurais próximas que não possuem esse serviço, totalizando 29 alunos atendidos na SRM.

Figura 10 e 11 – Sala do AEE – Escola 3



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço pedagógico complementar ou suplementar voltado aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, conforme estabelecido pela legislação brasileira e por referências teóricas na área da Educação Especial (2008).

A implementação do AEE consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/1996, que estabelece a educação especial como modalidade de ensino transversal a todos os níveis e etapas da educação. Ademais, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) reforça a obrigatoriedade do AEE e sua oferta em salas de recursos multifuncionais (SRM) no turno inverso ao ensino regular.

Outra norma relevante é o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), também conhecido como Lei Brasileira de Inclusão, que garante a oferta do AEE e a adoção de medidas de acessibilidade e apoio individualizado. O Decreto nº 7.611/2011, por sua vez, define a organização e funcionamento do AEE, especificando que ele deve estar alinhado à proposta pedagógica da escola e garantir a eliminação de barreiras para a aprendizagem.

O AEE é ofertado prioritariamente nas Salas de Recursos Multi-funcionais (SRM), como evidenciado no texto. Essas salas contam com recursos e materiais adaptados para atender às necessidades específicas dos alunos. Conforme Ferreira e Martins (2012), a SRM representa um espaço especializado que visa promover a autonomia do estudante por meio de estratégias didáticas diferenciadas.

A experiência relatada no estágio destaca a importância do planejamento individualizado, como o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), que permite adequar as atividades pedagógicas às especificidades de cada aluno. Segundo Mantoan (2003), a adaptação curricular e metodológica é essencial para garantir a participação efetiva dos alunos com deficiência no ensino regular.

De acordo com Glat e Pletsch (2010), a formação de professores, o investimento em infraestrutura e a ampliação do número de salas são aspectos fundamentais para a consolidação do AEE.

Mittler (2003) destaca a necessidade de uma colaboração efetiva entre professores do ensino regular e os profissionais do AEE, garantindo um trabalho conjunto para atender às necessidades dos alunos. O modelo de coensino e a assessoria pedagógica são alternativas sugeridas por Mendes e Almeida (2003) para superar os desafios da inclusão.

Assim, considera-se que o AEE desempenha um papel fundamental na educação inclusiva, proporcionando apoio especializado e adaptação curricular para garantir o acesso, a permanência e o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais. A partir do estudo realizado no estágio, verifica-se que a implementação eficaz do AEE depende de investimentos em infraestrutura, formação continuada de professores e políticas educacionais que assegurem a ampliação do atendimento. Dessa forma, reforça-se a necessidade de um compromisso coletivo na promoção de uma educação verdadeiramente.

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

O estágio realizado no Atendimento Educacional Especializado (AEE) proporcionou uma experiência enriquecedora e desafiadora, permitindo a observação e participação ativa no processo de ensino-apren-

dizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais. Durante esse período, foram vivenciadas diversas situações que contribuíram significativamente para a compreensão da prática pedagógica inclusiva.

**Escola 1**, a experiência do estágio foi extremamente positiva, marcada por acolhimento, aprendizado e crescimento profissional. Senti-me bem recebida pelos professores e alunos com os quais tive contato, o que contribuiu significativamente para minha adaptação ao ambiente escolar. Tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos previamente, e os momentos de intervenção resultaram em um ótimo rendimento por parte dos alunos.

Durante o estágio, eu pude conhecer sobre a rotina da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE); participar na elaboração do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI); observar e interagir com os alunos, tanto na sala de aula regular quanto na sala do AEE;

A partir da atividade proposta pela professora regente do 2º ano, sobre adição e subtração, pesquisei algum recurso que poderia ser usado tanto na sala de aula como nos Atendimentos do AEE. Como estava observando um aluno com TEA e TDAH, optei por apresentar a ele o recurso chamado Máquina de Somar.

Figura 12– Aluno usando o recurso – Escola 1



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

Percebi que o aluno em sala de aula comum era muito inseguro, não conseguia levar a termo as tarefas propostas, e demonstrava muita dificuldade em realizar as operações de soma e subtração propostas pela professora.

Preparado o recurso da Máquina de Somar, fiz a intervenção na sala do AEE com o aluno. Ele demonstrou interesse e cumpriu as etapas propostas para se chegar no resultado da soma. No início precisou de ajuda para realizar as operações, mas com a repetição da atividade, logo ele já estava se sentindo seguro e fazia sozinho as somas.

Entreguei o recurso para a professora da sala comum, e ela me relatou que usou ele numa feira de matemática que a escola faz anualmente. Os alunos até ganharam uma premiação pela proposta da Máquina de Somar, e me mostraram as medalhas muito orgulhosos.

Figura 13 – Aluno usando o recurso – Escola 1



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

**Escola 2**, O estágio representou uma experiência transformadora em minha vida pessoal, profissional e afetiva. Ao sair do campo teórico e vivenciar a prática, pude perceber com mais clareza os desafios e as riquezas do ambiente educacional, especialmente no que se refere à inclusão de alunos com deficiência.

Uma das observações que mais me marcaram foi o olhar humanizado presente em toda a instituição. Desde a responsável pela alimentação até a direção escolar, todos demonstram carinho, respeito e amor no trato com os alunos, sem distinções ou preconceitos. Essa postura inclusiva é inspiradora e gratificante, mostrando que, mesmo de forma gradual, a inclusão está sendo efetivada de maneira real e significativa.

Essa vivência proporcionou um importante descoberta: mais do que educadores, podemos nos tornar seres humanos melhores, desenvolvendo um olhar mais atento e empático para as particularidades de cada aluno. Acompanhar o processo de aprendizagem é uma troca enriquecedora, pois os alunos têm tanto a nos ensinar quanto a aprender. Durante o estágio, trabalhei o conceito de adição e subtração utilizando a régua reta, uma ferramenta didática que pode ser facilmente adaptada às diferentes habilidades e necessidades dos alunos. A régua, por ser um recurso visual e tátil, favorece a inclusão de estudantes com deficiências visuais ou dificuldades de aprendizagem, permitindo um ensino mais personalizado e acessível.

Figura 14 – Régua de Matemática – Escola 1



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Além de auxiliar no entendimento das operações matemáticas básicas, a utilização da régua reta contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como atenção, memória de trabalho e raciocínio lógico, além de fomentar a autonomia, a autoconfiança e a colaboração entre os alunos, especialmente quando as atividades são realizadas em grupo.

Durante a atividade, apresentei a régua reta ao aluno, explicando seu manuseio e sua representação numérica de 0 a 15. Trabalhamos o reconhecimento dos números, sua sequência, bem como os sinais de adição e subtração. Solicitei que o aluno verbalizasse os números e sinais durante a atividade, promovendo maior concentração e entendimento.

Iniciei o exercício demonstrando a operação de adição. O aluno escolheu um número de partida (por exemplo, 3), e foi orientado a adicionar outro número (por exemplo, 4), movendo-se quatro unidades para a direita na régua, chegando ao número 7. A atividade foi realizada de forma prática, concreta e com participação ativa do aluno, o que tornou o aprendizado mais significativo.

Figura 15 e 16 – Aluno utilizando a Régua de Matemática – Escola 2



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

A experiência com a régua reta mostrou-se eficaz no contexto da sala de recursos multifuncional, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e adaptado. Seu uso fortalece as habilidades matemáticas, cognitivas, motoras e socioemocionais, beneficiando tanto alunos quanto educadores.

**Escola 3**, inicialmente, foram realizadas observações das atividades desenvolvidas na Sala de Recursos Multifuncionais (SR.M), onde os alunos recebem suporte pedagógico complementar. Identificou-se a necessidade de adaptações curriculares e metodológicas, visando atender às especificidades de cada estudante. Durante as observações, percebeu-se que a interação entre professor e aluno é essencial para a construção do conhecimento e para a promoção da autonomia dos estudantes.

A experiência de interação direta com os alunos foi um dos momentos mais significativos do estágio. Através de atividades lúdicas, materiais adaptados e recursos tecnológicos, foi possível auxiliar no desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais dos estudantes. Um dos materiais pedagógicos utilizados foi a tabuada de Pitágoras, aplicada a um aluno em estudo, tanto na SRM quanto na sala do ano regular. A aplicação desse recurso mostrou-se positiva não apenas para o aluno em questão, mas também para toda a turma, promovendo um aprendizado significativo e incentivando a interação social entre os colegas. A tabuada de Pitágoras permitiu que os alunos desenvolvessem estratégias de cálculo mental e compreendessem melhor os padrões matemáticos, favorecendo a participação ativa de todos no processo de ensino.

Figura 17– Sala do AEE – Escola 3



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

Para garantir a continuidade do aprendizado e fortalecer o vínculo entre a escola e a família, foi entregue um exemplar da tabuada de Pitágoras para a SRM, um para a sala do ano regular e outro para que o aluno em estudo pudesse levar para casa. Dessa forma, o recurso tornou-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do aluno, permitindo que ele treinasse com o apoio da família, ampliando suas possibilidades de aprendizagem.

Figura 18 – Sala do AEE – Escola 3



Fonte: Coletado pelas autoras (2024).

Durante o estágio, alguns desafios foram identificados, especialmente a necessidade de ampliação da oferta do AEE em outras escolas da comunidade. Apesar da sala de recursos multifuncionais contar com uma ampla quantidade de materiais adaptados e investimentos adequados, e da professora responsável ser extremamente ativa e inclusiva, a alta demanda pelo atendimento torna essencial a implantação de novas salas de AEE em outras instituições. Essa ampliação possibilitaria alcançar um número maior de alunos que dependem desse suporte para desenvolver suas habilidades acadêmicas e sociais. Dessa forma, torna-se evidente a importância de políticas públicas que viabilizem a expansão do atendimento educacional especializado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado no Atendimento Educacional Especializado (AEE) proporcionou uma vivência enriquecedora e transformadora, permitindo não apenas o aprofundamento dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação, mas também o desenvolvimento de habilidades práticas essenciais à atuação docente inclusiva. A experiência em diferentes escolas e contextos evidenciou a importância da acessibilidade, da empatia e do compromisso coletivo para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

As atividades desenvolvidas demonstraram que o uso de recursos pedagógicos adaptados, como a tabuada de Pitágoras, a régua reta e a máquina de somar, pode favorecer significativamente a aprendizagem dos estudantes com necessidades educacionais específicas. A interação com os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar reforçou o valor da colaboração, da escuta sensível e da construção conjunta do conhecimento.

O estágio permitiu compreender que a educação especial não se resume à aplicação de técnicas, mas envolve, sobretudo, uma postura ética e humanizadora diante das diferenças. A inclusão, ainda que com desafios, é possível e necessária, e a escola tem papel fundamental nesse processo, sendo espaço de acolhimento, desenvolvimento e transformação. Portanto, reafirma-se a necessidade de políticas públicas efetivas, investimentos em formação continuada e ampliação das salas de recursos multifuncionais, para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, equitativa e respeitosa.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.
- BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 nov. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar 2023. Brasília, DF: INEP, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- FERREIRA, Joelma C. de A.; MARTINS, Lívia M. S. A sala de recursos multifuncional no atendimento educacional especializado. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 18, n. 2, p. 275–292, 2012.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia. Inclusão escolar: apontamentos para a construção de um projeto pedagógico. São Paulo: Memnon, 2003.

MITTLER, Peter. Educando alunos com necessidades especiais na escola regular. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRAUN, Maria Lúcia Bastos. Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a atuação do professor da sala de aula comum. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 65-78, 2012.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO DOS ANOS INICIAIS, PERSPECTIVAS DA ATUAÇÃO DOCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Bruna Malkut Delfino Cristóvão<sup>1</sup>

Nicole Malkut da Silva Dutra<sup>2</sup>

Rebeca Feliciano Luz<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A educação tem por princípio fundamental “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 2017). Muito se discute a respeito da educação inclusiva, mas para alguns, esse conceito ainda é um tanto quanto abstrato. Educação inclusiva é um modelo de educação que favorece a diversidade, pois considera que todo aluno pode ter necessidades educacionais especiais ao longo da vida (Luz, et al, 2017).

A inclusão acontece quando a escola capacita seus docentes e funcionários para compreender as singularidades de cada criança, possibilitando qualidade de ensino a todos, com as mesmas condições de desenvolvimento (Octavio, et al, 2019). Entende-se então que a inclusão não diz respeito apenas a crianças com deficiência, mas sim a todas as crianças. Um modelo de educação inclusiva é aquele que não necessita de adaptações específicas para um ou outro aluno, já que as práticas são realizadas de acordo com o desenho universal, ou seja: produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico (Brasil, 2015).

<sup>1</sup>Licencianda do Curso de Educação Especial da UNIVALI.

<sup>2</sup>Licencianda do Curso de Educação Especial da UNIVALI.

<sup>3</sup>Psicóloga formada pela UNIVALI; Licencianda do Curso de Educação Especial da UNIVALI.

O estágio obrigatório tem como objetivo possibilitar que o acadêmico tenha contato com a realidade da prática docente. No que diz respeito à Educação Especial, a atuação do professor ocorre por meio do Atendimento Educacional Especializado, realizado na sala de recursos multifuncionais. Compreende especificamente os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Segundo Farias et al (2008) a relação professor-aluno com deficiência deve influenciar a autoimagem desse aluno e o modo como os demais o veem, trazendo benefícios tanto para ele quanto para o seu grupo com base em um suporte que facilite o sucesso no processo educacional. A escola deve reconhecer as necessidades de seus alunos e adaptar-se a elas, para que uma educação de qualidade seja garantida, como o assegurado na Declaração de Salamanca (ONU, 1994). Para que isso ocorra, é necessário que o professor possua um olhar atento às necessidades de cada criança.

Este artigo apresenta reflexões resultantes da experiência vivenciada durante o estágio obrigatório realizado nas séries iniciais, tanto na escola regular, quanto numa instituição especializada. A prática permitiu a observação e análise de diversas situações, considerando os diagnósticos dos alunos, tanto em interações diretas quanto indiretas, proporcionando uma compreensão mais ampla do contexto educacional inclusivo, permitindo a articulação entre teoria e prática. Também possibilitou a identificação dos desafios enfrentados pela educação básica no Brasil, das oportunidades para a implementação da educação especial, das condições estruturais das salas de recursos multifuncionais destinadas ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da importância da colaboração entre família e escola no desenvolvimento dos alunos com deficiência.

O estágio teve como objetivo principal analisar a educação especial sob duas perspectivas: coletiva e individual, considerando os alunos público-alvo da educação especial no contexto da escola regular e de uma instituição especializada. A proposta buscou estabelecer uma relação entre os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a formação docente, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e a equidade no ambiente escolar.

## METODOLOGIA

Os estágios aqui descritos foram realizados nas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) de três instituições localizadas no município de Itajaí, no estado de Santa Catarina. As experiências ocorreram em duas escolas de ensino fundamental e em uma instituição voltada exclusivamente para a Educação Especial, que serão aqui identificadas como instituições A, B e C. As observações foram realizadas de forma concomitante, durante o mesmo período, mas com algumas especificidades. Nas escolas regulares (A e B), houve observação de um dia de aula no período de matrícula da criança e do atendimento educacional especializado (que ocorre na sala de recursos multifuncionais, no contraturno). Já na instituição especializada (C), a observação ocorreu apenas no AEE e no espaço de convivência com as outras crianças. A seguir, realizaremos a contextualização de cada espaço.

A instituição A é considerada uma das mais tradicionais da cidade. A escola apresenta uma infraestrutura adequada, composta por salas de aula equipadas, biblioteca, refeitório e quadra esportiva, oferecendo um ambiente favorável à aprendizagem e à inclusão. Atualmente, a escola conta com 482 alunos matriculados nos anos iniciais e 385 nos anos finais do ensino fundamental, além de atender 41 estudantes que fazem parte do público-alvo da Educação Especial. A observação ocorreu na sala de aula regular e na sala de recursos e a intervenção foi realizada com base em um conceito sugerido pelo professor regente, que resultou num recurso adaptado para a sala de aula e uma atividade específica para o atendimento educacional especializado.

## Instituição A



Fonte: acervo pessoal

A instituição B se propõe a proporcionar uma experiência educacional enriquecedora, indo além do atendimento das necessidades básicas. Seu espaço físico inclui laboratório de informática, pátio coberto, áreas verdes, quadras esportivas (coberta e descoberta), parquinho e uma sala de leitura. A estrutura demonstra o compromisso da escola com uma educação de qualidade, acessível e inclusiva. O refeitório e a sala dos professores complementam o cuidado com o bem-estar de toda a comunidade escolar. A escola atende cerca de 700 alunos, sendo 25 deles acompanhados pelo AEE. Assim como na primeira escola, realizou-se a observação da sala regular e desenvolveu-se um recurso adaptado para o aluno e para a turma.

## Instituição B



Fonte: acervo pessoal

Por fim, a instituição C foi fundada em 1999. Trata-se de um centro municipal especializado em Educação Especial, que oferece atendimentos em diversas áreas além do Atendimento Educacional Especializado, como Psicologia, Psicopedagogia, Fisioterapia e Fonoaudiologia. Os atendimentos são realizados tanto de forma individual quanto em grupo, por meio de uma abordagem multidisciplinar. A instituição também atua em parceria com as escolas da rede municipal de ensino, promovendo ações educativas, avaliações, triagens e fornecendo agentes de apoio à inclusão escolar, sempre que necessário. Diferente das instituições anteriores, a observação foi focada apenas nos atendimentos do AEE e os recursos foram desenvolvidos com base nas dificuldades observadas na criança e através da leitura da anamnese, relatórios e conversas com a professora e outros profissionais que atendem a criança.

#### Instituição C



Fonte: acervo pessoal

## RESGATE HISTÓRICO

Historicamente, a responsabilidade pela educação das crianças era atribuída à família. No entanto, com a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, tornou-se necessário criar alternativas para o cuidado infantil, especialmente entre as classes menos favorecidas da sociedade. Nesse contexto, surgiram os chamados “asilos”, que, segundo Alves (2001, p. 2), cuja funcionalidade era vista como “um depósito para que as crianças ficassem enquanto suas mães precisassem trabalhar”.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, houve um avanço significativo na concepção da educação como direito universal. O artigo 205 da Carta Magna estabelece que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

A criança então, além de estar matriculada na escola, deveria ser educada para fazer parte de uma sociedade funcional. Nesse contexto, o professor atua como mediador para que as habilidades e competências necessárias ao desenvolvimento sejam alcançadas. No entanto, não se pode ignorar que a infância possui uma forma única de aprendizado. A prática pedagógica deve envolver propostas que despertem o interesse e promovam o desenvolvimento pleno, em todas as etapas de ensino, adequando-se às necessidades de cada faixa etária da criança. Como afirma Rodrigues (1976):

a aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...) (rodrigues, 1976, p. 174).

A afetividade é, portanto, um fator essencial para o processo de ensino-aprendizagem da criança. Quando o ambiente escolar é acolhedor e respeita as particularidades de cada um, o aprendizado se torna mais eficaz. Além disso, é imprescindível que a educação seja inclusiva e respeite a diversidade. O Referencial Curricular Nacional para o Ensino Fundamental (1998), embora não apresente um capítulo dedicado exclusivamente à educação inclusiva, destaca a importância de um currículo flexível e adaptado, que atenda às necessidades dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Também ressalta a necessidade de promover a inclusão desses estudantes nas turmas regulares, assegurando as adaptações necessárias para sua plena participação no processo educacional.

Dante da importância de uma educação inclusiva, torna-se essencial considerar as necessidades específicas de cada criança no ambiente

escolar. A atuação docente, somada ao envolvimento da família, deve assegurar que todos os alunos tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem, respeitando suas individualidades. Nesse contexto, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) surge como um espaço complementar indispensável, voltado ao atendimento das crianças que necessitam desse olhar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) reconhece a Educação Especial como uma modalidade que perpassa todos os níveis de ensino e estabelece o direito ao atendimento especializado. No entanto, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como o conhecemos, constituiu-se a partir do Decreto nº 6.571/2008 e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que regulamenta o AEE como um serviço complementar ou suplementar à escolarização e define seu papel no processo de inclusão de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares.

Segundo Mantoan (2003), a função da sala de AEE não é de compensar déficits ou corrigir o aluno, mas de promover sua autonomia e apoiar a construção de caminhos possíveis para sua aprendizagem, em articulação com a sala de aula comum. A autora reforça que a inclusão escolar exige a reorganização da escola para acolher a diversidade, e o AEE e suas ferramentas são instrumentos fundamentais nesse processo. Uma dessas ferramentas é o PEI (plano educacional individualizado) ou PDI (plano de desenvolvimento individual), que de acordo com Lippe, Santos e Silva (2025) é um recurso pedagógico que auxilia na operacionalização e individualização do ensino através de metas para a aprendizagem do aluno com deficiência. Esse planejamento deve abranger conceitos que estão sendo abordados na sala de aula, para que exista coerência no processo de aprendizagem, adaptados para as necessidades de cada criança. É importante ressaltar que o AEE não tem como objetivo alfabetizar ou ser reforço escolar, mas sim, estimular as funções cognitivas, motoras e para potencializar a aprendizagem na sala de aula regular.

O professor do AEE deve possuir formação específica para identificar as barreiras que dificultam a aprendizagem e elaborar estratégias pedagógicas individualizadas, contribuindo diretamente para a superação

das limitações enfrentadas pelos alunos. Além disso, deve atuar de forma colaborativa com os demais docentes e com a família, promovendo a articulação entre os conteúdos escolares e as necessidades educacionais específicas. A efetivação da inclusão escolar depende da atuação comprometida da equipe pedagógica, do apoio institucional e da formação continuada dos profissionais envolvidos. Dessa forma, a Sala de Atendimento Educacional Especializado representa uma estratégia essencial para garantir o direito à educação de todos os estudantes, respeitando suas singularidades e contribuindo para sua plena participação na vida escolar e social.

## VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO

O Atendimento Educacional Especializado, no que se refere a LDB (1996), deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino nas salas de recursos multifuncionais ou em outros espaços apropriados. O estágio teve como objetivo analisar o Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio do diagnóstico, planejamento, intervenção e análise dos registros da investigação-ação da prática pedagógica, visando a inter-relação entre os pressupostos teóricos e metodológicos necessários à formação docente.

A realização do estágio ocorreu no primeiro semestre do ano de 2024, compreendendo o período de maio a junho. Inicialmente foi realizada a observação na instituição, que depois foi socializada com a turma, compartilhando o conceito fornecido pelos professores regentes para adaptação, para que pudesse haver discussão sobre ideias de recursos a serem elaborados e posteriormente aplicado durante a intervenção com a criança. Para resguardar a identidade dos participantes, as crianças serão identificadas através dos números 1, 2 e 3.

O primeiro relato diz respeito à escola A, onde o estágio foi realizado pela acadêmica Nicole Malkut. O estágio foi realizado no período matutino, sob supervisão da professora responsável pela sala de recursos multifuncionais. O aluno possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista nível 2 de suporte. Durante a observação dos atendimentos, o tema “família” foi trabalhado por meio de atividades de pintura em livros didáticos. Além disso, foi realizado o acompanhamento do aluno 1 na turma do primeiro ano no período vespertino, a fim de registrar sua

vivência no ensino regular e observar sua interação com os colegas e o conteúdo trabalhado.

#### Sala de recursos multifuncionais da escola A

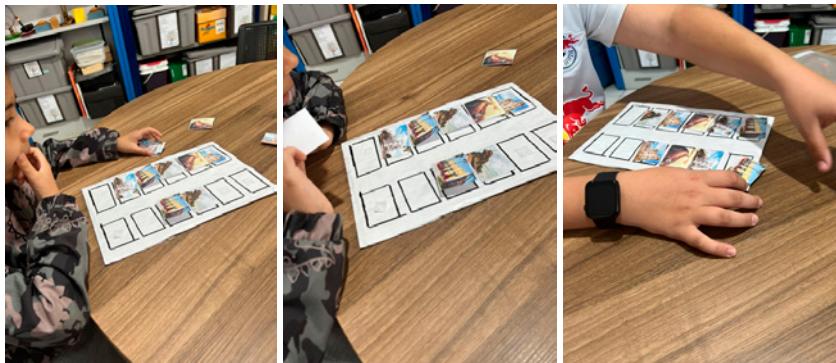


Fonte: acervo pessoal

Foi possível perceber uma troca significativa com as duas professoras (professora regente e professora do AEE) pois se mostraram acolhedoras e dispostas a ensinar, tanto os alunos quanto a estagiária. Durante a observação, foram identificados os objetivos e as necessidades específicas do aluno 1, atendido pelo AEE. Selecionaram-se imagens relacionadas a temática abordada em sala regular (pontos turísticos da cidade de Itajaí) e agregadas as formas geométricas, que vinham sendo trabalhadas nos atendimentos anteriores.

Elaborou-se uma atividade de pareamento de imagens que foi adaptada às necessidades do aluno, incorporando apoios visuais e textos em linguagem acessível. Os objetivos da área cognitiva foram: estimular memória, atenção, raciocínio, percepção visual e flexibilidade cognitiva. Nos objetivos da área motora destacam-se a promoção da integração sensorial, controle motor, coordenação motora fina, coordenação viso-motora, agilidade e destreza manual. Já na Área social a intenção era promover a interação social, comunicação verbal e a colaboração.

## Realização da atividade de pareamento



Fonte: acervo pessoal

As atividades foram estruturadas com instruções claras e previsíveis, utilizando pistas visuais, como cronogramas e sequências de passos, para oferecer suporte adicional e garantir o entendimento do aluno sobre o que era esperado. Também foram incorporadas abordagens multissensoriais (visão, tato e audição) permitindo que o aluno explorasse as imagens de diversas maneiras.

Durante a realização das atividades, buscou-se promover a interação e a comunicação entre os alunos, criando oportunidades para compartilhar ideias, discutir as imagens e colaborar na busca pelos pares corretos. O progresso do aluno foi monitorado continuamente, registrando conquistas e observando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras.

O aluno foi incentivado a expressar suas preferências, interesses e pensamentos durante a atividade, podendo escolher as imagens a serem pareadas e compartilhar suas impressões sobre elas. A avaliação do progresso do aluno considerou os seguintes critérios: 1) Capacidade de lembrança das imagens; 2) Melhoria na retenção de imagens; 3) Foco na atividade; 4) Capacidade de concentração; 5) Identificação de detalhes relevantes; 6) Precisão na identificação de características; 7) Manipulação das imagens; 8) Desenvolvimento da coordenação motora fina.

O aluno conseguiu associar imagens a conceitos conhecidos, como farol às praias e à Igreja Matriz, além de nomear formas geométricas sem solicitação. Demonstrou avanços na memória visual, recordando com

facilidade as formas e imagens trabalhadas. Embora apresentasse curiosidade e entrega na atividade, houve momentos de dispersão que exigiram intervenções para reconexão. Observou-se momentos de distração, mas com potencial de melhoria mediante continuidade do trabalho. O aluno foi capaz de reconhecer detalhes importantes nas imagens para realizar o pareamento corretamente. Houve aumento da precisão, que tende a se consolidar com a repetição e continuidade das atividades. O aluno apresentou boa coordenação motora fina, manipulando as imagens de forma precisa e controlada, sem necessidade de auxílio. A repetição das atividades e a introdução de novos desafios similares tendem a favorecer ainda mais o desenvolvimento da coordenação motora fina do aluno.

A instituição B, onde o estágio foi realizado o estágio pela acadêmica Bruna Malkut. Durante o estágio, foi possível acompanhar de perto um período de transição significativo na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola. A sala passou por uma mudança completa devido a problemas na estrutura física (mofo) na sala anterior, o que afetou a rotina dos alunos e o andamento das atividades planejadas.

Sala de recursos multifuncionais da instituição B



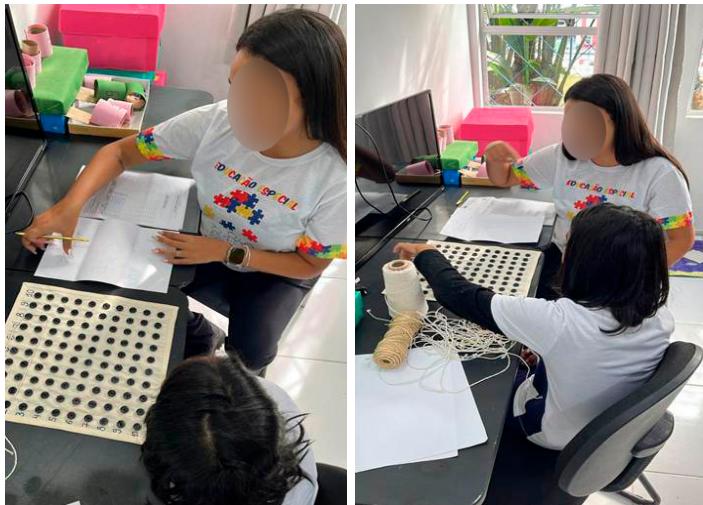
Fonte: acervo pessoal

O estágio foi realizado no período vespertino, sob supervisão da professora responsável pela sala de recursos multifuncionais. A aluna possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível sup 1, aliadas a manifestações de hiperatividade, dislexia e dificuldades de aprendizagem. Durante a observação na sala regular, percebeu-se dificuldades em manter o foco nas instruções da professora, assim como em outras tarefas acadêmicas. Sua propensão a se distrair facilmente e a buscar estratégias de auto-regulação, como sair da sala, evidenciava as demandas singulares que enfrentava em meio ao ambiente educacional.

Não houve material adaptado por parte da professora regente. Ela mencionou que a aluna costumava causar mais distrações em sala de aula, mas que, naquele dia, ela estava notavelmente mais calma devido a presença da estagiária. Na sala de recursos multifuncionais foi possível observar que a professora investiu em muitos recursos de forma independente e que era dedicada em seu trabalho.

A atividade pensada para a aluna 2 abordou a matemática, mais especificamente a multiplicação. Foi realizada uma tabuada de botões visando facilitar a compreensão das tabelas de multiplicação através da manipulação de botões (ou materiais táteis), proporcionando uma experiência sensorial e concreta. Os objetivos da área cognitiva tiveram enfoque em desenvolver atenção, concentração e memória auditiva e visual; ampliar o desenvolvimento da leitura e da escrita; desenvolver o raciocínio lógico-matemático; desenvolver a organização temporal e aperfeiçoar o desenvolvimento da expressão oral. Nos aspectos motores, o foco foi em enfatizar o uso da habilidade manual. Na área social, a intenção foi desenvolver habilidades sociais e expressão oral, proporcionando melhora na auto-estima e na interação com colegas. A avaliação da atividade ocorreu com base na observação do alcance dos objetivos propostos.

## Utilização da tabuada de botão com a aluna 2



Fonte: acervo pessoal

Por fim, as vivências na instituição C foram realizadas pela acadêmica Rebeca Feliciano Luz. Encontra-se localizada no bairro São João, na cidade de Itajaí - sc. O estágio ocorreu no período vespertino. O aluno 3 possui diagnóstico de Paralisia cerebral espástica e Transtorno do Espectro Autista. Por se tratar de uma instituição especializada, não houve observação na sala regular da criança. O contato com a escola por parte da instituição ocorre através de conversas pontuais e consultorias.

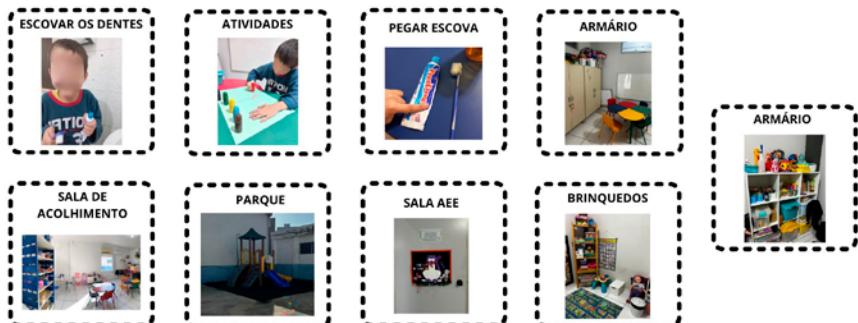
A sala de recursos multifuncionais é um espaço pequeno, porém organizado e acolhedor. A professora responsável foi muito solícita e disponibilizou todos os materiais necessários para obtenção de informações a respeito da criança. Os atendimentos do aluno 3 ocorrem duas vezes na semana. O transporte escolar busca as crianças no início do período de atendimento e os leva para casa ao final. As crianças também têm o momento do lanche e em sua maioria possuem autonomia para se alimentar.

Nas observações, o aluno apresentou estranhamento pela presença da estagiária inicialmente, mas depois conseguiu se sentir à vontade para interagir. A maior dificuldade observada além das funções psicológicas superiores, foi na autonomia e no autocuidado, especialmente em questões

de higiene. Portanto, a temática escolhida para as propostas foi conhecimento do eu, autocuidado e autonomia.

Inicialmente foi elaborada uma rotina visual para auxiliar na organização e a autonomia do educando, visto que o Transtorno do Espectro Autista necessita de previsibilidade para evitar desregulações emocionais. A rotina contemplava ambientes da instituição e momentos do atendimento, sendo possível de ser utilizada como um suporte comunicativo, pois ele é uma criança que não verbaliza. Ele ficou extremamente feliz quando percebeu que as imagens se tratavam dele. A todo o momento apontava para as fotos e sorria, mostrando alegria em se reconhecer.

### Rotina visual do aluno 3



Fonte: acervo pessoal

Para a primeira intervenção foi realizada uma atividade de pareamento que contemplou elementos conhecidos da rotina (peças de roupa e higiene), para identificar se ele possuía o entendimento das atividades de vida diária e estimular a autonomia ao se vestir e realizar a higiene. O objetivo era que ele associasse corretamente os elementos de vestuário às suas partes do corpo. Ele alcançou os objetivos da proposta, se atentando ao detalhe de que a camiseta se coloca através da cabeça, executando o movimento de vestir através do desenho. Teve um pouco mais de dificuldade na parte do short, mas com auxílio conseguiu realizar. Os tênis também foram associados corretamente, demonstrando assim que ele possuía o entendimento de onde cada peça de vestuário se encaixava.

Aluno 3 realizando atividade de associação



Fonte: acervo pessoal

Para a segunda intervenção, a proposta era incentivar a higiene e entender se o aluno possuía conhecimento das etapas do momento do banho e da função de cada elemento. Iniciamos indo até o banheiro para encher o recipiente que seria o chuveiro do bebê, para incentivar a autonomia e a exploração do ambiente. Ele mostrou muita satisfação em mexer com água e também com o sabonete. Depois de conhecer os elementos do banho (sabonete líquido, esponja, “chuveiro” e toalha) e uma breve explicação, ele explorou de acordo com sua vontade. A resposta a essa atividade foi super positiva, pois foram os momentos em que a criança mais interagiu, olhando nos olhos, sorrindo e agindo em resposta aos diálogos com a estagiária.

## Atividade sobre o banho



Fonte: acervo pessoal

Os objetivos da área cognitiva eram desenvolver atenção, concentração e memória auditiva e visual; ampliar a intenção comunicativa; desenvolver auto percepção e autonomia; reconhecer ordens simples. Na área motora, o foco deu-se em desenvolver motricidade fina; desenvolver lateralidade e noção espacial; ampliar o repertório sensorial. E na área social, a intenção era que o aluno conseguisse estabelecer contato visual; corresponder interação social e desenvolver a autoestima.

A avaliação ocorreu com base nos seguintes critérios: 1) Identificar se o educando prestou atenção aos comandos e se concentrou na execução da atividade; 2) Identificar se o educando demonstrou intenção comunicativa; 3) Identificar se ele se reconheceu nos cards de rotina e na silhueta do corpo; 4) Verificar se executou as AVD's com autonomia e se pediu ajuda quando necessário; 5) Verificar se conseguiu utilizar as mãos de forma adequada para pegar os objetos; 6) Verificar se o educando permitiu-se ser exposto a diferentes sensações; 7) Identificar resposta ao contato visual; 8) Identificar se o educando correspondeu interação social.

O aluno alcançou respostas surpreendentes em todas as intervenções. Foi possível perceber que ele interagiu melhor aos momentos mais lúdicos, apesar de ter realizado todas. Seu momento preferido foi o da hora do banho, demonstrando reações surpreendentes, cheirando o sabonete, virando a boneca de posição e esfregando o corpinho com sabonete e repetindo várias vezes a atividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do estágio no Atendimento Educacional Especializado (AEE) foi uma experiência muito enriquecedora, pois possibilitou vivenciar na prática muitos dos conhecimentos construídos ao longo da formação. A partir da observação, do planejamento e das intervenções, foi possível compreender como se dá o trabalho com os estudantes da Educação Especial, respeitando suas singularidades e reconhecendo suas potencialidades.

Durante as experiências nas duas instituições, ficou evidente que o Ensino Fundamental é uma etapa fundamental para o desenvolvimento das crianças, marcada pela ampliação de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. É nesse período que elas aprofundam sua compreensão do mundo, constroem sua autonomia e fortalecem sua identidade. Por isso, a escola precisa ser um espaço seguro, acolhedor e intencionalmente educativo, comprometido com a aprendizagem de todos.

Essa perspectiva está amparada por documentos como a Constituição Federal, o ECA e a LDB, que garantem o direito de cada criança a uma educação de qualidade, respeitando seus tempos e modos próprios de aprender. Nesse contexto, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conteúdo e se torna um mediador das aprendizagens e das relações. A afetividade, como aponta Rodrigues (1976) é um elemento essencial nesse processo, pois é por meio do vínculo que o estudante se sente motivado, acolhido e capaz de aprender.

As respostas positivas às atividades planejadas reforçaram a importância de considerar os interesses e necessidades dos estudantes. Com recursos acessíveis e estratégias adaptadas, é possível criar oportunidades reais de participação e desenvolvimento. Isso se torna ainda mais potente quando há uma rede de apoio entre a sala de aula regular, o AEE, a família e outros profissionais envolvidos.

Mais do que garantir acesso à escola, é preciso assegurar vivências que promovam pertencimento, valorizem as diferenças e favoreçam a autonomia. A inclusão não é um favor, mas um princípio que orienta a prática pedagógica em direção à equidade. Cada estudante chega à escola com um repertório único, e o papel do educador é criar caminhos para que essas singularidades possam florescer.

Por fim, o estágio contribuiu não só para a formação profissional, mas também para o crescimento pessoal. Foi um processo de troca, escuta e aprendizado constante, que reafirmou a importância da educação como um ato ético, relacional e profundamente humano.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. *Infância e educação infantil: desafios e possibilidades*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para o Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- RODRIGUES, A. R. *Psicologia e educação: uma abordagem psicossocial*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.
- SANTOS, M. S. dos; SILVA, E. T. de A.; LIPPE, E. M. O. Reflexões sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI) na educação inclusiva de alunos com deficiência. *REIN - Revista Educação Inclusiva*, Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 2–13, jan. 2025.

# PRÁTICAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE ANOS INICIAIS

Thuanny Mariah Santana Cardoso  
Thaili Ariéli dos Santos Winter

## INTRODUÇÃO

A educação é a construção contínua do ser humano e a integração de todas as dimensões da nossa vida: dos saberes, das aptidões, das habilidades, da capacidade de discernimento e de ação. Educar é contribuir para o aperfeiçoamento intelectual, profissional e emocional do homem. Para sermos bons profissionais devemos buscar algo novo para aprender, para lidarmos com qualquer tipo de situações na escola e fora dela. Neste contexto a inclusão escolar vai além da integração de alunos com deficiências em salas de aula regulares com profissionais especializados. Os profissionais da perspectiva da educação inclusiva necessitam possibilitar “mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retraçando” (Mantoan, 2003, p. 12).

Ainda que enfrentemos inúmeros desafios para que consigamos garantir uma educação de qualidade, o Brasil tem obtido um grande avanço na inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares. Na perspectiva da inclusão escolar o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), por meio da Secretaria da Diversidade e Inclusão, assume o compromisso de apoiar os estados e municípios na sua tarefa de fazer com que as escolas brasileiras se tornem inclusivas, democráticas e de qualidade.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de

educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (Brasil, 2008).

Mediante o objetivo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), destaca-se o Atendimento Educacional Especializado (AEE), o qual ainda apresenta desafios a serem superados, como a falta de recursos humanos, financeiros, pedagógicos, na infraestrutura, formação inadequada dos professores e a necessidade de uma maior conscientização sobre a inclusão escolar. Investimentos contínuos em políticas públicas, infraestrutura e formação profissional são essenciais para que o AEE possa cumprir seu papel de maneira eficaz.

Conforme Resolução CEB/CNE nº 4 de 02/10/2009 Art. 2º, o AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem (Brasil, 2009). Assim destacamos que o AEE se torna crucial para assegurar que estudantes com deficiência tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento que seus pares. Ao eliminar barreiras e adaptar o ensino às necessidades individuais, o AEE não só promove a inclusão, mas também enriquece a experiência educativa de todos os alunos, preparando-os para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Frente a este contexto, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no Atendimento Educacional Especializado-AEE nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em duas Salas de Recursos Multifuncional de duas escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## **METODOLOGIA**

O presente capítulo relata nossas experiências durante todo o período do Estágio realizado nos Anos Iniciais, oferecido pela UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, campus Itajaí – SC ao 6º período do curso de

Educação Especial, em 2 escolas localizadas no estado de SC. Durante o estágio, tivemos a oportunidade de viver experiências significativas nas escolas selecionadas, onde pudemos aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Educação Especial da UNIVALI. Nossas vivências foram enriquecedoras, não apenas pela prática pedagógica, mas também pela interação com alunos com deficiência e pela compreensão do funcionamento das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), que desempenham um papel essencial no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A **Escola 1**, conta com 803 alunos matriculados e distribuídos nos turnos matutino, vespertino e o Educação de Jovens e Adultos no Período Noturno. Dentre os alunos matriculados, 29 frequentam o Atendimento Educacional Especializado-AEE.

A escola possui 13 salas de ensino regular e uma Sala de Recursos Multifuncional-SRM, que recebe os alunos nos períodos matutino e vespertino. A infraestrutura física conta com quadra esportiva e gramado onde é realizado a educação física nos dias de sol e onde as crianças usam para o recreio. No momento do estágio, ela estava passando por uma grande reforma, que acontecia simultaneamente em meio as aulas. Quanto à acessibilidade arquitetônica, ela atende os requisitos das políticas públicas, conta com rampa de acesso na entrada, no pátio interno está sendo construída rampa. Possui 01 elevador em funcionamento e está sendo construído mais um.

Figura 1 – Foto da Escola



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

A Sala de Recursos Multifuncional (SRM), é um local amplo, bem arejado com cerca de 36 m<sup>2</sup>, possui uma mesa menor com cadeiras coloridas, é bem equipada com uma grande variedade de materiais pedagógicos e tecnológicos, como computadores, impressoras e jogos. Nessa sala, nós atuamos diretamente no apoio ao desenvolvimento dos alunos, criando atividades adaptadas às suas necessidades. Foi nesse ambiente que tivemos a chance de perceber como o AEE pode transformar a aprendizagem de cada aluno, eliminando barreiras físicas e pedagógicas e garantindo um espaço de acolhimento e respeito.

Figura 2 - Sala AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

O trabalho realizado na Sala de Recursos Multifuncionais-SRM da Escola 1, com o aluno frequenta o 2º ano, teve como tema escolhido do filme Shrek, o qual foi desenvolvido em conformidade com o que a professora da sala de aula comum estava trabalhando. A partir disso, foi desenvolvida uma atividade adaptada para o aluno, com foco em objetivos como o reconhecimento de sílabas e a associação

Figura 3 – Sala AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Foi desenvolvido para a sala do AEE uma atividade de associação de imagens do filme Shrek e a separação das sílabas dos nomes de cada personagem. O tema do Shrek é introduzido como um recurso lúdico e educativo, para ajudar o aluno a reconhecer, diferenciar e utilizar as sílabas de maneira divertida e envolvente. Foi apresentada imagens de personagens, do filme que contêm as sílabas, possibilitando a associação das mesmas às imagens correspondentes.

Figura 4 - Atividade Realizada No AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

A **Escola 2**, possui prédio escolar bem estruturado, os espaços são amplos e claros. A iluminação e a ventilação são de excelente qualidade em todas as salas de aula, inclusive no prédio em geral. As salas de aula da instituição têm as paredes decoradas com muita criatividade, como, pinturas, imagens ilustrativas, alfabeto móvel colorido, cartazes com frases, varal didático e alfabeto de borracha, entre outras decorações. Além desses aspectos foi constatado que a escola é inclusiva, em vários âmbitos: acessibilidade arquitetônica, atitudinal e pedagógica. No ano de 2023 a Escola 2 contava com 803 alunos matriculados, sendo 497 anos iniciais, 306 anos finais e 32 matriculados no Atendimento Educacional Especializado-AEE.

Figura 5 – Foto da Escola

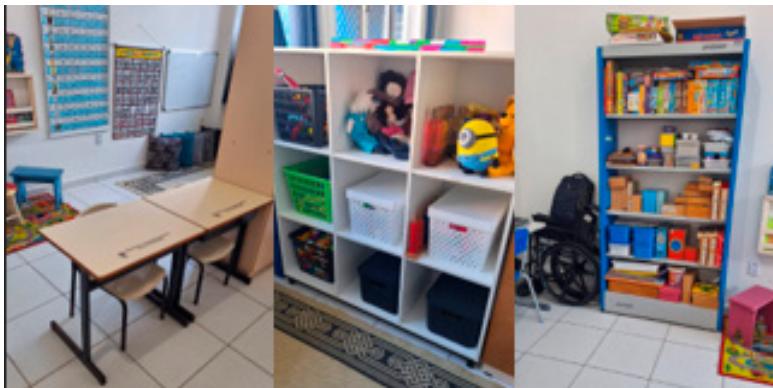


Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

A Sala de Recursos Multifuncionais-SRM é um ambiente projetado para atender às necessidades educacionais dos alunos. Este espaço é equipado com diversos recursos como tablets, softwares educativos, mesas e cadeiras ajustáveis, além de outros dispositivos tecnológicos que facilitam a comunicação alternativa, proporcionando um ambiente inclusivo e acessível. A sala está dividida em várias áreas funcionais para atender diferentes atividades e necessidades dos alunos, Mesas e cadeiras ajustáveis,

adaptadas para alunos com diferentes tipos de deficiência, tablet e outros dispositivos tecnológicos com softwares educativos e de comunicação alternativa.

Figura 6 - Sala AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

A realização do trabalho na Sala de Recursos Multifuncionais na Escola 2, com o aluno que frequenta o 3º ano foi a implementada a Rotina da Sala, a Tabela dos Sentimentos e o jogo de numerais dos Heróis. Durante a observação na Sala de Recursos Multifuncionais-SRM foi observado que o aluno não possuía rotina de sala, sendo que na sala comum possui a rotina e funciona super bem.

Figura 7 - Atividade Realizada No AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Foi produzido uma rotina adaptada à sala do AEE e a tabela dos sentimentos, estas são estratégias com orientações visuais, facilitando a compreensão do aluno. Considerando que o educando se beneficia com uma rotina previsível, isso auxilia ele a lidar com suas emoções, comportamento e demanda do ambiente escolar, a aplicação da rotina foi fantástica. Na observação foi possível identificar que o aluno tem hiperfoco em Heróis, dai surgiu a ideia da atividade, pois teria que ser algo que atraísse o aluno devido a falta de interesse nas atividades anteriores proposta pela professora de sala do AEE.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é uma política essencial para garantir que alunos com deficiências possam ser incluídos nas escolas regulares. Ao longo de nossa pesquisa, entendemos que o AEE

tem a função de complementar ou suplementar a formação dos alunos com deficiência, utilizando estratégias pedagógicas, recursos de acessibilidade e tecnologias assistivas para eliminar as barreiras que impedem o pleno desenvolvimento e a participação desses alunos no ambiente escolar.

A Constituição Brasileira, por meio da Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), estabelece o direito de todos os alunos, independentemente de suas limitações, à educação de qualidade. Assim, para garantir que esse direito seja plenamente cumprido, é necessário que o AEE seja estruturado de acordo com as necessidades dos alunos, proporcionando um ambiente pedagógico adaptado e inclusivo. Essa perspectiva é reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), que reconhece a necessidade de adaptação do currículo e dos métodos de ensino para atender à diversidade dos alunos com deficiência.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que orienta a implementação do AEE, ressalta a importância da acessibilidade em vários aspectos da escola, não apenas no espaço físico, mas também nos recursos pedagógicos e nas metodologias de ensino. Em nossa prática, percebemos que o AEE vai além de um atendimento técnico, sendo fundamental que os professores e demais profissionais da educação estejam preparados para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos com deficiência. A formação contínua dos professores, um ponto destacado por Mantoan (2015), é crucial para a efetividade do AEE, pois permite que os educadores se sintam mais preparados para lidar com a diversidade em sala de aula e promovam a inclusão de maneira eficaz.

Mantoan (2015), em suas discussões sobre a educação inclusiva, destaca a necessidade de uma mudança de paradigma no sistema educacional, no qual a diversidade é reconhecida como uma característica natural e positiva da aprendizagem. O AEE, ao se alinhar a essa mudança de paradigma, oferece estratégias que permitem aos alunos com deficiência superar as barreiras educacionais, garantindo que possam se desenvolver da mesma forma que seus colegas sem deficiência.

A Resolução CEB/CNE nº 4/2009 enfatiza que o AEE deve ser oferecido no contraturno das aulas regulares, como um suporte ao pro-

cesso educativo, com o objetivo de garantir a continuidade e a qualidade da aprendizagem, infraestrutura escolar, como as salas de recursos multifuncionais, é essencial para o sucesso do AEE, pois esses espaços oferecem recursos específicos, como materiais adaptados, tecnologia assistiva, e um ambiente mais adequado para o atendimento individualizado (Brasil, 2009). Em nossa vivência, vimos como essas salas de recursos são importantes para o atendimento das necessidades específicas dos alunos, promovendo um espaço adequado onde eles possam se desenvolver de acordo com suas potencialidades.

Além disso, o AEE também está relacionado ao processo de acessibilidade arquitetônica das escolas, um tema que se destaca em nossa pesquisa. As escolas devem garantir que seus espaços atendam aos requisitos de acessibilidade, como rampas, elevadores e mobiliário adaptado, para que os alunos com deficiência possam se locomover e participar das atividades escolares sem obstáculos. A acessibilidade física é apenas uma das dimensões que deve ser considerada; as escolas também devem ser inclusivas atitudinalmente e metodologicamente, como observamos na prática de algumas instituições que visitamos.

A colaboração entre todos os profissionais da educação é outro ponto essencial para o sucesso do AEE. Como destacam Mantoan (2003) e Winter e Cardoso (2025), a integração entre professores, educadores especializados e a família é fundamental para promover uma educação inclusiva que respeite a diversidade e atenda às necessidades de todos os alunos. Durante nossa pesquisa, pudemos perceber como esse trabalho colaborativo facilita a adaptação das estratégias pedagógicas e contribui para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

Em nossa vivência prática nas escolas em Santa Catarina, constatamos que, embora o AEE seja um direito garantido por lei, ainda existem desafios a serem superados. A falta de recursos, a escassez de profissionais especializados e a infraestrutura inadequada em algumas escolas são obstáculos que precisam ser enfrentados para que o AEE possa ser implementado de forma plena e eficaz. No entanto, a presença de salas de recursos multifuncionais bem estruturadas, como aquelas observadas nas escolas que analisamos, demonstra que é possível superar esses desafios quando há empenho por parte das escolas e do poder público.

Portanto, o AEE se configura como uma ferramenta indispensável para a implementação da educação inclusiva no Brasil. Ao garantir que os alunos com deficiência tenham acesso a um atendimento especializado, que elimine as barreiras ao aprendizado e ofereça as condições necessárias para o seu desenvolvimento, o AEE promove uma educação mais justa e igualitária. Contudo, para que esse processo seja bem-sucedido, é fundamental que os profissionais da educação estejam constantemente capacitados e que as escolas invistam em infraestrutura e recursos pedagógicos adequados, sempre com o compromisso de garantir uma educação de qualidade para todos.

## VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Foram realizados três períodos de observação na sala de Atendimento Educacional Especializado-AEE, onde foi possível acompanhar o atendimento tanto de alunos dos anos iniciais quanto dos anos finais em ambas escolas.

Durante as observações na **escola 01**, foi registrado as interações entre a professora e os alunos, além do uso de recursos e estratégias pedagógicas da mesma. Após análise e conversa com a professora, foi selecionado um aluno para intervenção e discutido as descobertas observadas com a professora do AEE, buscando orientações para apoiar melhor esse aluno. Além disso, foi analisado a anamnese do aluno e as atividades que já haviam sido desenvolvidas em sala desde o início do ano.

Em seguida, foi observado o aluno na sala de aula regular, analisado sua interação com os colegas, seu engajamento nas atividades propostas e sua execução das tarefas. Durante esse período, também foi possível observar a organização da professora e esclarecido dúvidas com ela sobre o comportamento do aluno, incluindo momentos de distração e os conceitos que ela planejava abordar com a turma.

Com base nessas discussões e na atividade em andamento na sala de aula regular, que estava focada no trabalho de separação de sílabas e associação de imagens, foi desenvolvido para o AEE uma atividade de associação de imagens do filme Shrek e a separação das sílabas dos nomes de cada personagem. Além disso, foi estruturado uma rotina para a sala de aula regular, como uma extensão da atividade realizada na sala comum,

visando proporcionar uma experiência de aprendizado abrangente para todos os alunos.

O jogo foi produzido com papel fotográfico e com folha de plástico transparente, representando cada sílaba com o objetivo de o aluno visualizar e associar cada sílaba a um espaço específico. A atividade começa com o reconhecimento e associação, utilizando figuras ilustrativas dos personagens do filme. O aluno é incentivado a colocar cada figura no local correspondente, promovendo a associação de cada sílaba a uma imagem específica.

Figura 8 - Atividade Realizada No AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Durante a realização da atividade, o aluno mostrou-se muito agitado devido ao estímulo externo da sala de aula, mesmo com essa adversidade o mesmo realizou a atividade proposta. Apesar dessa agitação, demonstrou bastante interesse pela atividade e conseguiu associar bem as imagens a cada sílaba correspondente.

Na **escola 02**, após as observações e conversas com a professora do AEE, foi decidido realizar a implementação de Rotina da Sala, Tabela dos Sentimentos e o jogo de numerais dos Heróis, com o objetivo específico de aprendizado o reconhecimento, a identificação dos símbolos numéricos e sua correspondência com quantidades específicas. Os recursos utilizados para que o jogo acontecesse foi a disponibilização dos números de 01 à 10 de forma colorida, vários heróis em desenho impressos coloridos para

que fosse vinculado junto a quantidade de números, papel e canetinhas para a escrita dos heróis favoritos.

Ao entrar na sala, iniciou-se o atendimento da mesma forma que a professora costuma iniciar, revendo a data do dia e resgatando o que foi visto no atendimento anterior. Feito isso, foi mostrado a rotina da sala que eu fiz para ele e a tabela de emoções, o mesmo sorriu e falou que tinha isso na outra sala, no mesmo instante questionei como ele se sentia e o mesmo respondeu falando e apontou para o “feliz”. Feito isso foi falado que agora seria o momento das atividades, ele aceitou e sorriu. Quando mostrado os heróis foi perguntado se ele gostava, o aluno ficou super empolgado e contente com a atividades, foi mostrado os numerais e falado que ele teria que assimilar a quantidade com numeração, o mesmo ficou meio ressabiado e disse que não sabia, no mesmo instante houve a intervenção e falado que sim, ele sabe e é inteligente, o mesmo sorriu.

De início foi feita a contagem dos números juntamente com o aluno e posteriormente o próprio contou de forma sequencial os números de 01 à 10. Foi solicitado que pegasse o número 01 (inicial) e escolhido 01 personagem favorito, fazendo assim a coligação entre o número e quantidade, para que desse correspondência com as quantidades específicas, e assim foi feito sucessivamente. Ao finalizar foi feita a contagem geral, esta realizada sozinha pelo aluno. Também foram realizadas perguntas como: Que número é esse? Quantos heróis tem aqui? Esse número é maior que esse?. E todas as perguntas foram respondidas pelo aluno, e quando acertadas o mesmo se elogiava e comemorava. Ao finalizar essa parte, observei que ainda tinha tempo e foi solicitado que o aluno escolhesse os 03 heróis que ele mais gostava, o mesmo escolheu sem ter dúvidas. Solicitei para que escrevesse o nome dos heróis, o aluno se mostrou irritado nesse momento e não gostou da ideia, porém no mesmo instante teve a intervenção e conversa para que o mesmo fizesse o que estava pedindo, pois aquele momento era o momento de fazer as atividades (conforme rotina apresentada no início), após isso o aluno aceitou finalizar a atividade.

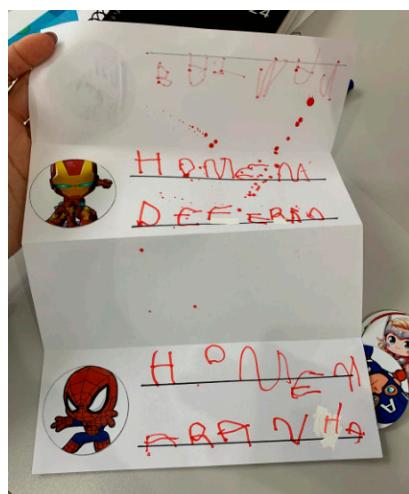
Figura 9 - Atividade Realizada No AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Com a ajuda da acadêmica e a observação da imagem das letras, o aluno copiou as letras e conseguiu escrever sozinho o nome dos heróis que ele mais gostava. Teve intervenção de falas como: Aluno, que letra é essa? É assim que se faz a letra “x”! Depois dessa letra vem qual? A letra “H” se faz assim! Agora você dá um espaço! Que palavra é essa?.

Figura 10 - Atividade Realizada No AEE



Fonte: Coletado pelas autoras (2025).

Ao finalizar a escrita dos Heróis o aluno expressou bastante alegria por ter conseguido finalizar a atividade, foi dado os parabéns ao mesmo e finalizado o atendimento com uma recapitulação de tudo que havia sido feito, foi mostrado a rotina de sala e comunicado que era o momento de ir para a casa e que na próxima semana iria ter mais um encontro novamente para realizarmos mais atividades legais como esta. O aluno nos surpreendeu e deixou a professora do AEE espantada por ter finalizada toda a atividade proposta de forma tranquila.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observamos que o trabalho realizado nas duas escolas visa uma inclusão não apenas física, mas também no sentido de garantir que os alunos participem ativamente do processo educacional. Ao longo de nossa jornada, pudemos acompanhar de perto as necessidades dos alunos, suas dificuldades e também os avanços conquistados com o apoio do AEE. A interação constante com a equipe pedagógica, os professores das salas regulares e os alunos foi fundamental para entendermos como a colaboração entre todos os envolvidos pode fazer a diferença no processo de inclusão. As estratégias e recursos utilizados nas Salas de Recursos Multifuncionais se mostraram essenciais para atender as demandas individuais dos alunos, respeitando suas limitações, mas também potencializando suas habilidades.

No entanto, o estágio também nos mostrou as dificuldades que ainda existem para garantir a efetividade do AEE nas escolas. A falta de recursos humanos especializados e a necessidade de mais formação para os professores que atuam no AEE são alguns dos desafios enfrentados. Observamos que, apesar dos esforços das escolas para oferecer um atendimento de qualidade, a escassez de profissionais capacitados e a falta de materiais pedagógicos mais específicos ainda são limitações significativas para o trabalho de inclusão.

Essas vivências no estágio nos proporcionaram uma visão mais clara sobre os desafios e as conquistas da educação inclusiva. Pudemos perceber de forma prática como as leis e diretrizes que norteiam o AEE, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) são fundamentais para garantir que os alunos com deficiência tenham acesso a uma educação de qualidade. A experiência nos permitiu

entender melhor a importância do Atendimento Educacional Especializado como um suporte vital para a inclusão escolar, além de ser uma oportunidade de crescimento profissional para nós, futuras educadoras.

Essas experiências também reforçaram nosso compromisso com a educação inclusiva e com a busca contínua por soluções que garantam a participação de todos os alunos, independentemente de suas deficiências.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB/CNE nº 4, de 2 de outubro de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

# CONSTRUINDO CAMINHOS INCLUSIVOS: O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Cleyde Mara Neves Cardozo<sup>1</sup>

Suelen Caroline Alves Reis<sup>2</sup>

Tatiane dos Santos Raio Proença<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um princípio fundamental para garantir o acesso e a participação de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou culturais. Esse conceito busca transformar a escola em um ambiente onde todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade.

Mantoan (2003) destaca que a inclusão não se resume a colocar alunos com deficiência em escolas regulares, mas sim em adaptar a escola para que ela se torne um espaço acolhedor para todos, respeitando e valorizando as diferenças.

Nos últimos anos, o Brasil tem dado passos significativos em direção a uma educação mais inclusiva. Segundo os dados do censo escolar de 2023, o número de matrículas de alunos com deficiência nas escolas brasileiras cresceu 41,6% nos últimos cinco anos, alcançando mais de 1,7 milhão de estudantes. A maior concentração de matrículas ocorre no ensino fundamental, com 62,90% das matrículas, o que reflete a inclusão crescente desses alunos nas escolas regulares, ao invés de segregá-los em instituições especiais. Este aumento no acesso à educação é resultado de

---

<sup>1</sup> Licencianda em Educação Especial - UNIVALI.

<sup>2</sup> Licencianda em Educação Especial - UNIVALI. Licencianda em Educação Física UNICFAVEST. Pedagoga pela UNIVALI. Especialista em Neuropsicopedagogia e em Práticas na Educação Infantil. Agente em Atividade de Educação efetiva na Rede Regular Municipal de Itajaí - SC.

<sup>3</sup> Licencianda em Educação Especial-UNIVALI. Pedagoga pela UNIVALI. Especialista em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica; Neuropsicologia e Educação Infantil, Anos Iniciais e Gestão em Escolar, Supervisão e Orientação Professora efetiva na Rede Regular Municipal de Camboriú-SC

políticas públicas e do esforço contínuo para promover a inclusão e garantir que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades.

A inclusão escolar também está fundamentada em marcos legais importantes, como a lei de diretrizes e bases da educação nacional (ldb), de 1996, que estabelece a educação inclusiva como diretriz para todas as etapas de ensino. A ldb dedica especial atenção à educação especial, reconhecendo a necessidade

de adaptar o currículo e oferecer serviços de apoio especializado para atender às especificidades de alunos com deficiência. Além disso, a resolução nº 2 de 2001, do conselho nacional de educação, orienta os sistemas de ensino sobre a organização da educação especial e como promover a inclusão dos alunos com deficiência e transtornos.

A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, adotada pela assembleia geral das nações unidas em 2006 e ratificada pelo Brasil em 2008, reforça o compromisso do país com a promoção e proteção dos direitos das pessoas com deficiência. Ela garante o direito à participação plena e igualitária em todas as áreas da vida, incluindo a educação. a política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, estabelecida em 2008, operacionaliza os princípios da convenção no Brasil, promovendo a inclusão em todas as etapas e modalidades do ensino e garantindo o atendimento adequado às necessidades dos alunos com deficiência.

O atendimento educacional especializado (aee) é um dos principais instrumentos para garantir a inclusão efetiva de alunos com deficiência. O AEE oferece suporte complementar e suplementar à educação regular, especialmente nos anos iniciais, quando as bases do desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos estão sendo formadas. Este atendimento é essencial para eliminar as barreiras ao aprendizado, oferecendo recursos e estratégias que atendem às necessidades individuais dos estudantes com deficiência, promovendo seu desenvolvimento acadêmico e social em um ambiente seguro e acolhedor.

Assim, considera-se a capacitação contínua dos professores fundamental para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas. Educadores bem preparados são capazes de adaptar os planos de ensino, utilizar recursos assistivos e implementar metodologias diversificadas, criando

um ambiente mais acessível e favorável à aprendizagem. A inclusão não é apenas uma questão de adaptação física da escola, mas também de transformação das práticas pedagógicas, para que todos os alunos, com ou sem deficiência, tenham a oportunidade de aprender de maneira equitativa.

Frente a este contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas realizadas no atendimento educacional especializado-aae nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas localizadas no estado de Santa Catarina-SC.

## **METODOLOGIA**

O presente relatório apresenta as vivências de três acadêmicas durante o estágio supervisionado nos anos iniciais, realizado em escolas de diferentes municípios de Santa Catarina. As acadêmicas Cleyde, Suelen e Tatiane atuaram em salas de atendimento educacional especializado (AEE) e salas regulares, promovendo observação e intervenção pedagógica conforme as demandas de cada contexto escolar.

A escola flor onde foi realizado o estágio supervisionado atende 1.501 alunos, distribuídos entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Dentre esses, 97 estudantes possuem deficiência, incluindo TDAH, transtorno global do desenvolvimento (TGD), deficiência intelectual (DI), deficiência física e transtorno do espectro autista (TEA).

Desse total, 31 alunos estão matriculados no atendimento educacional especializado (AEE), recebendo suporte pedagógico complementar.

A infraestrutura da escola conta com três andares e dispõe de alguns recursos de acessibilidade, como rampas, escadas e banheiros adaptados, no entanto, a ausência de piso tátil pode representar um desafio para a mobilidade de estudantes com deficiência visual.

A observação desses aspectos possibilitou uma reflexão sobre a necessidade de melhorias estruturais para garantir uma inclusão efetiva, assegurando que todos os alunos tenham condições plenas de participação no ambiente escolar.

Foto 1 - Registro da Sala de AEE da Unidade Flor



Fonte - Autor/Estágio

A escola Sol, onde foi realizado o estágio supervisionado atende 848 alunos, distribuídos entre o ensino fundamental e a educação de jovens e adultos (EJA). Dentre esse total, 44 estudantes possuem deficiência, incluindo transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual (DI), deficiência física e deficiência auditiva. Além disso, 39 alunos apresentam transtornos de aprendizagem, como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dislexia, discalculia e transtorno do processamento auditivo central (TPAC). Cabe destacar que, em alguns casos, há sobreposição dessas condições, visto que alguns educandos apresentam tanto deficiência quanto transtornos associados, como TEA combinado com TDAH.

A escola busca promover um ambiente inclusivo e conta com o atendimento educacional especializado (AEE), que oferece suporte pedagógico complementar a esses alunos, considerando suas especificidades e demandas. durante o estágio, observou-se que o AEE desempenha um papel crucial no desenvolvimento acadêmico e social dos educandos, auxiliando-os na superação das dificuldades e no fortalecimento de suas habilidades.

No que diz respeito à infraestrutura, a escola dispõe de recursos de acessibilidade, como rampas e banheiros adaptados, mas enfrenta desafios estruturais que podem comprometer a plena inclusão. A observação dessas

condições possibilitou reflexões sobre a necessidade de aprimoramento da infraestrutura e da implementação de adaptações que garantam maior acessibilidade e autonomia a todos os estudantes.

Foto 2 - Registro da Sala de AEE da Unidade Sol



Fonte - Autor/Estágio

A escola girassol onde foi realizado o estágio supervisionado atende 1.050 alunos, distribuídos entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Dentre esse total, 60 estudantes fazem parte do público da educação especial, incluindo alunos com transtorno do espectro autista (TEA), síndrome de down, síndrome do x frágil, deficiência intelectual, deficiência física, deficiência auditiva e baixa visão. Esses educandos recebem suporte especializado, com atendimentos e adaptações que buscam atender às suas necessidades específicas e favorecer seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

Para atender a essa diversidade, a escola oferece o atendimento educacional especializado (AEE), que tem o papel de complementar e suplementar o aprendizado desses alunos, por meio de atividades pedagógicas individualizadas ou em grupos e estratégias inclusivas. o AEE busca promover o fortalecimento das habilidades cognitivas e sociais dos estudantes, contribuindo para a construção de uma trajetória escolar mais participativa e autônoma.

A infraestrutura da escola apresenta alguns recursos de acessibilidade, como rampas e banheiros adaptados, que facilitam a mobilidade dos alunos com deficiência física, no entanto, a ausência de recursos como piso tátil e sinalização adequada pode representar um desafio para alunos com deficiência visual e baixa visão.

Essas observações destacam a relevância de políticas e práticas inclusivas que combinem suporte pedagógico, acessibilidade e sensibilização de toda a comunidade escolar, visando criar um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento integral de todos os estudantes.

Foto 3 - Registro da Sala de AEE da Unidade Girassol



Fonte - Autor/Estágio

## DESENVOLVIMENTO

A inclusão escolar é um processo contínuo que exige adaptação e comprometimento por parte das instituições de ensino, educadores e da sociedade como um todo. O atendimento educacional especializado (AEE) desempenha um papel essencial nesse contexto, oferecendo suporte pedagógico complementar para garantir que os alunos com deficiência tenham acesso à aprendizagem em condições equitativas. Neste sentido, as vivências no estágio supervisionado permitiram a observação e a participação ativa no desenvolvimento de práticas inclusivas voltadas para a valorização da diversidade e a superação de barreiras no ambiente escolar.

## O PAPEL DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NOS ANOS INICIAIS

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a presença do aee é crucial para assegurar que os alunos com deficiência possam desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais de maneira adequada, de acordo com a política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008), a educação deve ser ofertada de forma a garantir o pleno desenvolvimento dos estudantes, respeitando suas necessidades individuais e promovendo sua autonomia dentro e fora do ambiente escolar.

Durante o estágio supervisionado realizado nas escolas Flor, Sol e Girassol, foi possível identificar a relevância das estratégias pedagógicas diferenciadas para a promoção da inclusão. O uso de materiais adaptados, atividades lúdicas e metodologias ativas favoreceu o engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. em cada escola, as experiências foram distintas, mas com um objetivo comum: criar um ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes com deficiência.

## ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS E METODOLOGIAS INCLUSIVAS

O sucesso da inclusão escolar depende de práticas pedagógicas que considerem as particularidades de cada aluno. Mantoan (2003) enfatiza que a inclusão não deve ser vista apenas como a inserção de alunos com deficiência na escola regular, mas sim como a transformação do ambiente educacional para que todos possam aprender em igualdade de condições. essa perspectiva foi evidenciada nas atividades realizadas durante o estágio, em que a personalização do ensino se mostrou essencial para o envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem.

Na escola, por exemplo, jogos educativos como o tangram e a torre foram utilizados para estimular a concentração, a paciência e a criatividade dos alunos. A abordagem lúdica permitiu que as crianças interagissem de forma espontânea e prazerosa com os conteúdos, demonstrando progresso tanto em aspectos cognitivos quanto socioemocionais. Da mesma forma, na escola sol, a utilização de materiais recicláveis na construção de jogos de alfabetização e escrita auxiliou na adaptação curricular, tornando o aprendizado mais acessível e significativo para os alunos atendidos pelo AEE.

Na escola girassol, as intervenções pedagógicas estavam voltadas para o ensino da matemática, com a criação da “caixa mágica das adições e subtrações” e do jogo da memória com operações matemáticas. Essas atividades promoveram o desenvolvimento do raciocínio lógico e incentivaram a autonomia dos estudantes, permitindo que eles participassem ativamente do próprio processo de aprendizado. Além disso, foi possível notar a importância do reforço positivo e do incentivo à autoconfiança dos alunos, elementos fundamentais para seu progresso acadêmico e social.

## **DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A INCLUSÃO ESCOLAR**

Apesar dos avanços na implementação de políticas de inclusão, ainda existem desafios significativos a serem superados para que a educação inclusiva seja plenamente efetiva. A infraestrutura das escolas, por exemplo, continua sendo um fator limitante para a acessibilidade dos alunos com deficiência. Durante o estágio, foi observado que, embora algumas escolas possuam rampas e banheiros adaptados, a ausência de elementos como piso tátil e sinalização adequada pode comprometer a mobilidade e a independência dos estudantes com deficiência visual.

Outro ponto relevante é a necessidade de formação continuada dos docentes para o trabalho com a diversidade. A inclusão escolar não se resume apenas a mudanças estruturais, mas também à preparação dos educadores para adotar metodologias flexíveis e inovadoras que atendam às necessidades dos alunos de forma personalizada. segundo a LDB (1996), é imprescindível que os professores recebam capacitação específica para atuar na educação especial, garantindo que possuam as habilidades necessárias para lidar com os desafios desse contexto educacional.

Além disso, a participação da família e da comunidade escolar é um aspecto essencial para o sucesso da inclusão, a colaboração entre pais, professores, gestores e demais profissionais da educação permite um acompanhamento mais eficaz do desenvolvimento dos alunos, favorecendo sua integração social e acadêmica. Como destaca a convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (2006), a inclusão escolar deve ser uma responsabilidade compartilhada, em que todos os envolvidos trabalhem juntos para garantir um ensino de qualidade para todos.

## VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO DO AEE DOS ANOS INICIAIS

O estágio no atendimento educacional especializado (AEE) nos anos iniciais da educação básica é de extrema importância, pois oferece uma vivência prática e essencial para a formação de futuros educadores, permitindo que eles compreendam e apliquem os princípios da inclusão escolar no cotidiano das escolas. Ao estagiar, o educador tem a oportunidade de trabalhar diretamente com alunos com deficiência, observando suas necessidades individuais e colaborando na adaptação de recursos pedagógicos, estratégias de ensino e intervenções específicas que visam a superação das barreiras ao aprendizado. Essa experiência proporciona uma compreensão mais profunda sobre as dificuldades e desafios enfrentados por esses estudantes, além de fortalecer a capacidade do estagiário em desenvolver soluções criativas e eficazes para promover a inclusão de forma genuína e equitativa.

Além disso, o estágio no AEE nos anos iniciais permite que os futuros professores desenvolvam competências emocionais e sociais, fundamentais para criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde todos os alunos, independentemente de suas deficiências, se sintam valorizados e motivados. A prática no AEE também possibilita o conhecimento direto das políticas públicas e diretrizes que sustentam a inclusão escolar, como a LDB, a resolução de 2001 e o AEE, proporcionando uma base sólida para a aplicação dos conceitos teóricos em situações concretas. Essa vivência prática contribui para a formação de educadores mais sensíveis, preparados e comprometidos com a construção de uma educação realmente inclusiva e acessível a todos.

Na escola flor durante a vivência de estágio na sala de AEE, o acolhimento dos alunos foi realizado de forma carinhosa e atenciosa, com explicações claras e objetivos definidos para cada atividade. Foi proposto o jogo da torre para trabalhar atenção e paciência, proporcionando uma oportunidade de diversão enquanto se desenvolviam habilidades cognitivas, como concentração e controle. Em outra atividade, o trabalho com o tangram e quebra cabeça permitiu que as crianças explorassem as peças livremente e criassem suas próprias figuras, incentivando a criatividade e autonomia. As atividades foram conduzidas de maneira gradual, com apoio constante e reforços positivos, promovendo o aprendizado e a

autoestima dos alunos. No final, as conversas sobre o que cada um gostou mais ajudaram a refletir sobre o progresso de todos, proporcionando um encerramento positivo e motivador para as próximas atividades.

Foto 4 - Registro da Atividade Desenvolvida na Unidade Flor



Fonte - Autor/Estágio

Na escola sol foi proposto jogos com materiais recicláveis, composto por tampas de garrafas, gargalos de garrafas pet, caixa de sapato e letras do alfabeto impressas e coladas nas tampas. Para a segunda atividade, foram utilizados papel sulfite e plástico, nos quais estava escrito “como se escreve”, com um espaço para colocar o objeto ou desenho correspondente. Além disso, havia um quadrado para escrever a palavra em letra cursiva e outro para escrever em letra bastão. também era possível usar letras recortadas de revistas ou tampas de garrafas com as letras do alfabeto para a atividade.

Foto 5 - Registro da Atividade Desenvolvida na Unidade Sol



Fonte - Autor/Estágio

Na escola girassol para auxiliar no aprendizado, foram utilizados dois jogos baseados em adição e subtração. Na sala comum, propus uma “caixa mágica das adições e subtrações”, onde as crianças, organizadas em grupos, retiravam cartas com problemas matemáticos e resolviam em equipe. Já no AEE, um jogo da memória com problemas de adição e subtração, onde o aluno resolveu as questões de cabeça e buscou as respostas nas cartas. O aluno interagiu bem, demonstrando preferência por resolver as contas sozinho e de forma rápida, acertando a maioria das respostas. A atividade foi bem-sucedida, e o aluno se mostrou entusiasmado, pedindo para continuar jogando após a intervenção.

Foto 6 - Registro da Atividade Desenvolvida na Unidade Girassol



Fonte - Autor/Estágio

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio na sala de atendimento educacional especializado (AEE) foi uma experiência transformadora que nos proporcionou aprendizado significativo sobre as práticas pedagógicas inclusivas. Através da observação e intervenção, foi possível compreender a importância da adaptação de atividades para atender às necessidades individuais dos alunos e como, mesmo em contextos com recursos limitados, é possível criar um ambiente acolhedor e eficaz.

A interação com os alunos, especialmente com os alunos observados, permitiu vivenciar a inclusão de forma concreta, destacando como a educação pode ser transformadora quando há dedicação, criatividade e empatia.

Além disso, o estágio proporcionou uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas escolas, como a necessidade de adaptações na infraestrutura e a valorização dos profissionais da educação.

A experiência contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de planejamento, execução e avaliação, aprimorando a capacidade de nos tornarmos educadoras inclusivas, sensíveis às necessidades de cada aluno e comprometidas com a equidade no ambiente escolar.

As vivências nas escolas Flor, Sol e Girassol demonstraram que a inclusão escolar vai além da presença do aluno com deficiência na sala de aula.

Ela exige um compromisso contínuo com a construção de um ambiente educacional que respeite e valorize as diferenças, promovendo a aprendizagem significativa para todos.

As reflexões adquiridas ao longo do estágio reforçam a importância do trabalho colaborativo entre professores, equipe pedagógica e família para garantir que os princípios da educação inclusiva sejam efetivamente aplicados no cotidiano escolar.

Dessa forma, o desenvolvimento de práticas inclusivas e a constante busca por melhorias na infraestrutura, na formação docente e no suporte pedagógico são fundamentais para a construção de caminhos cada vez mais inclusivos na educação.

A experiência no AEE reafirmou a necessidade de uma abordagem humanizada e acolhedora, que reconheça a singularidade de cada aluno e assegure que todos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Também revelou a relevância de se trabalhar a inclusão de maneira interdisciplinar, onde os diversos profissionais da educação colaboram para criar soluções criativas e eficazes. Essa abordagem permite não apenas que os alunos com deficiência se sintam incluídos, mas também que toda a comunidade escolar se beneficie de um ambiente mais diversificado e enriquecedor.

Observou-se, ainda, a importância de uma prática pedagógica flexível, que considere as diferentes formas de aprendizagem e respeite o tempo e o ritmo de cada estudante.

Nesse contexto, a utilização de recursos didáticos diferenciados e tecnologias assistivas se mostrou essencial para o sucesso das estratégias pedagógicas. Mesmo quando a infraestrutura não é ideal, é possível fazer adaptações criativas que promovam a acessibilidade e garantam que o processo de aprendizagem seja verdadeiramente inclusivo. Além disso, o estágio no AEE enfatizou a necessidade de um acompanhamento contínuo e de uma avaliação constante do progresso dos alunos, não apenas para verificar o cumprimento dos conteúdos curriculares, mas para entender suas particularidades e, assim, ajustar as intervenções pedagógicas.

O feedback contínuo dos alunos, suas famílias e da equipe escolar torna-se um ponto chave para aprimorar as práticas educacionais e garantir a efetividade da inclusão.

Por fim, essa vivência no AEE reforça a convicção de que a educação inclusiva não deve ser vista como um desafio, mas como uma oportunidade de promover uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade seja valorizada e a educação, um direito de todos.

A experiência também nos ensinou que o processo de inclusão deve ser gradual, contínuo e sensível às necessidades de cada indivíduo, sem perder de vista o objetivo maior de formar cidadãos críticos, participativos e empáticos, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- Brasil. (2008).\* “política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.” brasília: mec/seesp.
- Brasil. (1996).\* “lei de diretrizes e bases da educação nacional (ldb).” lei n° 9.394/96.
- Brasil. (2015).\* “plano nacional de educação (pne) 2014-2024.” Lei n° 13.005/2014.
- Mantoan, m. t. e. (2003).\* “inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?” editora moderna.
- Portal[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=a](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=a)



*"Águia que és águia,  
Abra suas asas e voa!"*

Para você, nossa amiga querida, que agora voa  
em outros céus...

A saudade é imensa, mas maior ainda é a  
gratidão por ter compartilhado contigo risos,  
confidências e momentos que guardaremos para  
sempre no coração.

Você foi luz enquanto esteve aqui e continua  
sendo estrela onde quer que esteja.



## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **VALÉRIA BECHER TRENTIN**

Pós -Doutoranda na UDESC. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2018). Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau FURB (2011). Atua como professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE da UNIVALI e nas Licenciaturas em Educação Especial e Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí, SC. Integra o Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas de Currículo e Gestão e o Grupo de Pesquisa Alfabetização, Letramento e Educação Especial. Pesquisas, produções científicas e orientações de mestrado têm sido direcionadas para a Educação Especial, Práticas Pedagógicas, Acessibilidade, Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), Currículo Funcional Natural (CFN), Atendimento Educacional Especializado (AEE), Alfabetização, Aprendizagem, Deficiência, Superdotação e Altas Habilidades, Transtornos, Surdez e bilinguismo. Professora efetiva da Fundação Catarinense de Educação Especial FCEE.

### **JACKSON SILVANO**

Doutorando em Educação. Mestre em Educação pela Universidade do Vale de Itajaí - UNIVALI (2018), graduação em Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2008). Especialização em Educação Matemática Comparada pela Escola Superior Aberta do Brasil (2013), Especialização em Mídias na Educação pelo Instituto Federal de Santa Catarina (2015), Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016) e MBA em Gestão Estratégica de Negócios pela UNISUL (2021). Pesquisador nas áreas de Cultura Maker, Tecnologia, Matemática e Avaliação. Professor de Matemática I e II, Estatística I e II pela Fundação Getúlio Vargas - FGV e é professor de matemática efetivo no Ensino Fundamental anos finais na Secretaria Municipal de Educação de Itajaí e hoje atuando como coordenador dos cursos de Licenciatura em Tecnologia Educacional, Artes Visuais, Ciências da Religião, Educação Especial, Sociologia e Letras e inglês da universidade do vale do Itajaí (Univali) e Formador pela Editora UNIAVAN.

# ÍNDICE REMISSIVO

## A

Abordagem Pikler 61, 63, 65–67, 75  
Acessibilidade 10, 14, 38, 62–63, 66, 83, 95, 104–106, 108–109, 116, 138–139, 142, 145–146, 155–158, 160, 165  
Adaptações curriculares 89, 114  
AEE 9–10, 14–21, 23–27, 29, 37–39, 41–43, 45–53, 56–59, 61–63, 66–68, 76, 79–80, 82–83, 85–91, 93–96, 98, 100, 103–112, 115–116, 120–123, 125–127, 129, 135, 137–148, 150–151, 154–159, 161, 163–165  
Ambiente inclusivo 14, 58, 96, 107, 142, 156  
Anos finais 10–11, 23, 25, 81, 91, 106, 121, 142, 147  
Anos iniciais 9–11, 14–15, 22, 25, 37–38, 45, 49, 63, 79–81, 89–91, 100, 103–106, 119, 121, 137–138, 142, 147, 153–155, 157, 159, 161  
Aprendizagem significativa 164  
Atendimento Educacional Especializado 9–10, 14–15, 17, 23–27, 29, 37–39, 41–42, 45, 47–49, 51, 53, 55–58, 61–68, 73, 75–76, 79–80, 83, 87, 89–90, 93–95, 100, 103–106, 109–111, 116, 120–121, 123, 125–126, 129, 135, 137–139, 142, 144, 147, 152, 154–159, 161, 164  
Atendimento individualizado 146  
Atividades adaptadas 140  
Atuação docente 116, 119, 125  
Autonomia 15, 17, 19, 39–41, 46, 62, 65–66, 75, 83, 86, 94–95, 110, 113–114, 125, 131–135, 157, 159–161

## B

Barreiras à aprendizagem 83

## C

Comunidade escolar 25, 38, 42, 45, 80, 117, 122, 158, 160, 165

## D

Deficiência intelectual 9, 13, 29, 103, 155–157

## E

Educação Especial 9–11, 13–15, 21, 23–24, 35, 37, 46, 48, 61–62, 64, 73, 79–84, 87, 90, 94, 99–101, 103–104, 109, 117, 119–121, 123, 125, 135, 137–139, 145, 151, 153–154, 157, 159–160  
Educação inclusiva 9–10, 13–15, 22, 24, 35, 37, 40, 45–47, 59, 61, 80, 82–83, 89–90, 94, 99–101, 109–110, 119, 124–125, 137–138, 145–147, 151–152, 154, 159–160, 164–165

educação Infantil 9, 13, 24, 61, 63–67, 73, 75–76, 84, 103, 138

Empatia 22, 49, 59, 94, 116, 164

Ensino colaborativo 88

Ensino Fundamental 9–10, 12–13, 15, 21, 25, 49, 80–82, 89–92, 100, 103–105, 108, 121, 124, 135, 138, 153, 155–157, 159

Estágio supervisionado 10, 15, 23, 64–65, 75, 79, 82, 89–90, 100, 103, 105, 116, 119, 137, 155–159

Estratégias de ensino 83, 161

Estudantes com deficiência 9–10, 13–14, 37, 40–41, 63, 90, 94, 104, 109, 138, 154–155, 159–160

## F

Formação docente 22, 24, 35, 45, 120, 126, 164

## I

Inclusão escolar 9, 13, 23, 37, 40, 45, 47, 55–57, 59, 61, 79–80, 89, 94, 100–101

104, 123, 125–126, 137–138,

152–154, 158–161, 164

Intervenção pedagógica 39, 41, 85, 88, 155

## L

LBI 95

Lei Brasileira de Inclusão 83, 95, 109, 145

## M

Mediação pedagógica 49, 58

## O

Observação 10–12, 16–21, 26, 29, 49–51, 53, 58, 64, 67, 69, 84, 86, 95, 100–101, 103, 110, 120–123, 126–127, 130–131, 135, 143–144, 147, 150, 155–156, 158, 164

## P

PDI 38, 110–111, 125

Plano de desenvolvimento individualizado 38

Políticas públicas 13, 64, 105, 116–117, 138–139, 154, 161

Práticas inclusivas 9, 158, 164  
Práticas pedagógicas 35, 40–42, 48, 62, 82–83, 100–101, 120, 145, 154–155, 159, 164

## R

Realidade escolar 35, 40

Relação professor-aluno 120

## S

Sala de Recursos Multifuncional 11, 66, 79, 95, 98, 105–106, 114, 139–140

SRM 10–12, 14, 25, 41, 62–66, 79, 81–82, 91–93, 96–98, 103, 105–106, 108–110, 114–115, 139–140, 142–143

## T

Tecnologias assistivas 23, 83, 145, 165

TOD 47–50, 52–53, 55–58

Transtorno Opositivo-Desafiador 47, 49, 55, 58



Este livro foi composto pela Editora Bagai.



[www.editorabagai.com.br](http://www.editorabagai.com.br)



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[contato@editorabagai.com.br](mailto: contato@editorabagai.com.br)